



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Sarah Dáleth Andrade Lemes Feitoza

Discurso de ódio, constituição subjetiva e alteridade: reflexões a partir da psicanálise

Orientadora: Profa. Dra. Susie Amâncio Gonçalves de Roure

Goiânia
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

SARAH DÁLETH ANDRADE LEMES FEITOZA

3. Título do trabalho

Discursos de ódio, constituição subjetiva e alteridade: reflexões a partir da psicanálise

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
 - b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
- O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Sarah Dáleth Andrade Lemes Feitoza**, Discente, em 26/11/2024, às 15:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Susie Amancio Goncalves De Roure, Professora do Magistério Superior**, em 16/12/2024, às 17:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4986446** e o código CRC **28974C30**.

Referência: Processo nº 23070.059244/2024-56

SEI nº 4986446



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Sarah Dáleth Andrade Lemes Feitoza

Discurso de ódio, constituição subjetiva e alteridade: reflexões a partir da psicanálise

Orientadora: Profª. Dra. Susie Amâncio Gonçalves de Roure

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, em 22 de novembro de 2024 como requisito para obtenção do título de Mestre (a) em Psicologia, na área de concentração em Psicologia, linha de pesquisa Processos Psicossociais e Educacionais, sob orientação da Profª Drª Susie Amâncio Gonçalves de Roure.

Goiânia
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Feitoza, Sarah Dáleth Andrade Lemes

Discurso de ódio, constituição subjetiva e alteridade: reflexões a partir da psicanálise [manuscrito] / Sarah Dáleth Andrade Lemes Feitoza. - 2024.

cxii, 111 f.

Orientador: Prof. Susie Amâncio Gonçalves de Roure.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Goiânia, 2024.

1. Constituição subjetiva. 2. Inconsciente. 3. Linguagem. 4. Alteridade. 5. Discurso de ódio. I. Roure, Susie Amâncio Gonçalves de, orient. II. Título.

CDU 159.9



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata Nº 45 da sessão de Defesa de Dissertação de **SARAH DÁLETH ANDRADE LEMES FEITOZA** que confere o título de **Mestra em Psicologia** pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás-PPGP/FE/UFG, na *área de concentração em Psicologia*.

Aos **vinte e dois dias do mês de novembro de dois mil e vinte e quatro (22/11/2024)**, a partir das **8:00h**, nas dependências da Faculdade de Educação da UFG, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada *"Discursos de ódio, constituição subjetiva e alteridade: reflexões a partir da psicanálise"*. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora Prof^ª. Dr^ª. **Susie Amancio Gonçalves de Roure (PPGP/FE/UFG)**, doutora em **Educação** pela UFG, com a participação dos demais integrantes da Banca Examinadora: Prof. Dr. **Tiago Ribeiro Nunes (UFCAT)**, doutor em **Psicologia Clínica e Cultura** pela **UnB** - integrante titular externo e Prof^ª. Dr^ª. **Maria do Rosario Silva Resende (PPGP/FE/UFG)**, doutora em **Psicologia Social** pela **PUC/SP** - integrante titular interna. Durante a arguição os integrantes da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata **aprovada** pelos seus integrantes. Proclamados os resultados pelo Prof^ª. Dr^ª. Susie Amancio Gonçalves de Roure, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Integrantes da Banca Examinadora, aos vinte e dois dias do mês de novembro do ano de dois mil e vinte e quatro.

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Susie Amancio Gonçalves de Roure

Prof. Dr. Tiago Ribeiro Nunes

Prof^ª. Dr^ª. Maria do Rosario Silva Resende

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Susie Amancio Goncalves De Roure, Professora do Magistério Superior**, em 22/11/2024, às 11:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sarah Dáleth Andrade Lemes Feitoza, Discente**, em 26/11/2024, às 15:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Do Rosario Silva Resende, Professora do Magistério Superior**, em 20/12/2024, às 14:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Livia Gomes Dos Santos, Coordenadora de Pós-Graduação**, em 23/04/2025, às 12:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4982456** e o código CRC **1CF0BE42**.

Referência: Processo nº 23070.059244/2024-56

SEI nº 4982456

Sumário

Sumário.....	8
Resumo.....	9
Abstract.....	10
Introdução.....	11
1. Constituição Subjetiva: de Freud à Lacan.....	22
1.1 O Sujeito Freudiano: Metapsicologia, Entre Inconsciente e Pulsão.....	24
1.2 O sujeito Lacaniano.....	44
1.2.1 O sujeito como efeito da linguagem.....	44
2. Alteridade Na Constituição Subjetiva de Freud à Lacan.....	57
2.1 O Eu e o outro, Entre eles, a Alteridade.....	58
2.2 O Estranhamento na Constituição Subjetiva.....	62
2.3 Do Estranhamento à Alteridade, Pela Via da Sexualidade.....	70
2.4 A Alteridade na Constituição Subjetiva, Segundo Lacan.....	79
3. Discursos de Ódio: Mal-estar, Laço social e Gozo.....	90
3.1 O ódio a Partir da Psicanálise.....	91
3.1.1 Freud: do inconsciente ao pacto civilizatório.....	91
3.1.2 A perspectiva lacaniana do ódio.....	98
3.2 O Afeto e o Discurso.....	104
3.3 Gozo, Discurso e Laço Social.....	107
Conclusão.....	115
Referências.....	117

Resumo

Como objetivo geral da pesquisa, tem-se discutir os discursos de ódio, compreendendo-os através da constituição subjetiva, pelo laço social, com base na psicanálise lacaniana, considerando o campo da alteridade. Enquanto objetivos específicos: primeiramente busca-se estabelecer a concepção psicanalítica de sujeito; A posteriori, examinar o campo da alteridade enquanto elemento fundador da constituição do sujeito; e por fim, elaborar o que se pode compreender acerca do discurso de ódio, já que, pela perspectiva lacaniana, o discurso é o que insere o sujeito no laço social. Isso, sendo que cada uma dos objetivos específicos configura um capítulo da dissertação. Configura-se enquanto pesquisa teórica em psicanálise. Nesse sentido, é portanto uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza de base, bibliográfica quanto aos seus procedimentos e exploratória quanto aos seus objetivos. Pretende-se utilizar do pressuposto teórico da psicanálise lacaniana, para qual o sujeito se constitui enquanto efeito de linguagem, no cruzamento entre o inconsciente e as pulsões. O inconsciente, estruturado como uma linguagem, funciona pela via de metáforas e metonímias, de representações investidas libidinalmente, evidenciando o caráter tópico, econômico e dinâmico do inconsciente. Este sujeito, não se constitui apartado da linguagem, da cultura e do meio social e por isso mesmo, pode-se afirmar categoricamente que não há constituição subjetiva fora do campo da alteridade. A civilização, porém, se funda numa considerável quantidade de renúncia pulsional, que gera mal estar. Em torno desse mal estar, são criados discursos, a fim de contê-lo. Esses discursos, fundam laços sociais. Ocorre porém que, em virtude do modo brutal de capitalismo em que se vive hoje, essa lógica foi subvertida, e os discursos não mais geram laços sociais, ao contrário, destituem-os. Nesse sentido, o Discurso de ódio parece conter alguma similaridade com a estrutura do Discurso dos Mercados, postulado por Lacan.

Palavras-chave: Constituição do Sujeito, Inconsciente, Linguagem, Alteridade, Discurso de Ódio.

Abstract

The general objective of the research is to discuss hate speech, understanding it through subjective constitution and social ties, based on Lacanian psychoanalysis, considering the field of otherness. The specific objectives are: first, to establish the psychoanalytic conception of the subject; subsequently, to examine the field of otherness as a founding element of the subject's constitution; and finally, to elaborate on what can be understood about hate speech, since, from a Lacanian perspective, discourse is what integrates the subject into the social bond. Each of the specific objectives constitutes a chapter of the dissertation. This research is configured as a theoretical inquiry in psychoanalysis. In this sense, it is a qualitative research, fundamentally based on bibliographic procedures and exploratory regarding its objectives. It aims to utilize the theoretical assumptions of Lacanian psychoanalysis, wherein the subject is constituted as an effect of language, at the intersection between the unconscious and drives. The unconscious, structured as a language, operates through metaphors and metonymies, with representations invested libidinally, highlighting the topical, economic, and dynamic nature of the unconscious. This subject is not constituted apart from language, culture, and the social environment, and therefore, it can be categorically stated that there is no subjective constitution outside the field of otherness. Civilization, however, is founded on a considerable amount of drive renunciation, which generates malaise. Around this malaise, discourses are created to contain it. These discourses establish social bonds. However, due to the brutal mode of capitalism in which we live today, this logic has been subverted, and discourses no longer generate social bonds; instead, they undermine them. In this sense, hate speech seems to contain some similarity to the structure of the Discourse of Markets, as postulated by Lacan.

Keywords: Subject Constitution; Unconscious; Language; Otherness; Hate Speech.

Introdução

O ódio acompanha a humanidade desde seus primórdios. Pode-se considerar que o processo civilizatório apenas distanciou o homem das formas mais brutais e sanguinárias de ódio, transformando-a em uma violência velada. A cada época da história da humanidade, o homem usou seu potencial criativo para achar novas formas de demonstrar ódio e de externar esse afeto. Através da história, o homem, acaba por desenvolver novas formas de externalizar seu ódio. Maneiras cada vez mais aprimoradas, considerando seu contexto histórico. Na perspectiva social, guerras eram "solução" de conflitos e oportunidade para conquista territorial. Assim com a escravidão, não deixavam de servir também como maneiras certas de demonstrar poder e subjugar povos. Na perspectiva individual, desavenças e diferenças de pensamento eram resolvidas com disputas físicas. Em ambos os aspectos o fim era violência física e morte.

Em Considerações Contemporâneas Sobre a Guerra e a Morte de 1915, comenta que "das grandes nações de raça branca que dominam o mundo, às quais coube a condução do gênero humano" (p.100). Essas nações das quais se esperava "o cultivo dos interesses sociais" (p.100), e cujas criações "são os progressos técnicos no domínio da natureza, bem como os valores culturais, artísticos e científicos". É justamente desses povos, dos quais se espera um efeito de progresso e humanização, desde o pacto civilizatório. Desses povos, talvez por terem conquistado todo esse potencial tecnológico, é que surgiram os piores e mais desumanos eventos já presenciados na história. Desses, a partir dos quais se esperava outros caminhos para resolução de conflitos e diferenças, é que, de maneira contraditória surgiram as "resoluções de conflito" mais violentas e bárbaras.

A expressão "resolução de conflito", é aqui colocada em conflito, por seu caráter contraditório. A guerra aparece como a tentativa da resolução do conflito para que fique fixado qual dos lados da guerra tem mais poder e assim "solucionar" o conflito. Mas contraditoriamente, ela é o conflito em si e não sua solução. A guerra acaba por instaurar ainda mais marcas na história da humanidade das quais será necessário zelar para que não se repitam. A guerra acarreta custos humanos, pela perda massiva de pessoas, causa destruição e devastação, perpetua um ciclo de violência e se apresenta como uma solução temporária que não resolve as causas subjacentes do conflito. Assim, ela é a demonstração, resolução e produção da latência do conflito pulsional, mas não a solução dos conflitos que a geraram, pelo contrário.

Freud (1915) defende que no interior dessas nações, as normas morais estabelecidas para cada um dos indivíduos, a partir das quais eles precisavam adaptar a condução de sua vida, para que pudessem participar e fazer parte da comunidade civilizada, eram bastante elevadas (p. 101). A partir dessa prescrição, cujo rigor é excessivo, muito era exigido de cada um dos indivíduos. Essa grande exigência era de auto restrição e ampla renúncia pulsional. Para o Estado, considerava-se que as normas morais eram o fundamento da existência da civilização. Por isso, era suposto que essas grandes nações tinham como objetivo, respeitar essas normas de garantia de vida e civilização. Não era esperado que haveria intenção de empreender contra a civilização algo que viesse "a contradizer o fundamento de sua própria existência" (p. 101).

O texto freudiano (1915) reflete a respeito da relação conturbada entre a natureza humana e a condição social inerente a ela. Isso porque, apesar de haver um esforço cultural para mitigar a violência e propor uma espécie de controle pulsional, as pulsões estão incessantemente latentes. A cultura empreende esse esforço pela via de vários recursos, como a imposição de normas e valores, a educação, representações midiáticas e afins. Porém, ao que parece, essas tentativas funcionam, no sentido inverso do que o fim para o qual foram propostas, pode-se dizer. Essas tentativas acabam por inflar ainda mais os conflitos estruturais intrincados nas relações.

Em *Mal Estar na Civilização* (1930), Freud (1930) constrói a ideia de que o viver em sociedade se funda, isto é, não pode ocorrer sem uma quantidade de renúncia, uma quantidade de impedimento da satisfação pulsional. E que o resultado disso seria um incontornável mal estar. Apesar de tudo o que o homem possa vir a construir para tornar essa renúncia suportável, haverá sempre um resto. Seria esse então o motivo pelo qual o homem se torna neurótico, a impossibilidade de lidar com a medida de privação que a sociedade lhe impõe em prol da cultura.

A civilização para Freud (1930) seria entendida então como a soma das realizações e instituições humanas, que afastariam suas vidas da de seus antepassados animais e que teriam dois propósitos: proteger os indivíduos contra a natureza e regulamentar os vínculos dos indivíduos entre si (p. 48, 49). No que diz respeito à regulamentação dos vínculos dos indivíduos entre si, Freud afirma que aí se encontra a maior dificuldade em ver-se livre das exigências ideais. Isso, já que o próprio elemento cultural se apresentaria como a primeira tentativa de regulamentar essas relações. Sem essa tentativa de regulamentação, as relações estariam sujeitas à arbitrariedade dos indivíduos. Assim, o indivíduo mais forte fisicamente determinaria a relação conforme seu interesse (p. 56).

Para Freud (1930) o cenário da arbitrariedade do indivíduo só mudaria quando houvesse uma maioria mais forte que se conserve frente a qualquer indivíduo. Então, o poder da maioria se estabeleceria enquanto "Direito" enquanto oposição ao poder do indivíduo tido como "força bruta". Essa substituição, da força bruta pelo direito, é um passo cultural decisivo, uma vez que limita as possibilidades de gratificação dos indivíduos. Por consequência há um mal estar psíquico, já que os indivíduos não conheciam esse limite que lhes foi imposto (p.57).

Com o auxílio de Freud em textos como *Mal Estar na Civilização*, pode-se pensar que o pacto civilizatório, por meio da repressão e do recalque, distanciou o homem de práticas consideradas animais. O processo civilizatório foi distanciando o homem da possibilidade de dar vazão ao ódio que continha em si através da força bruta. Obrigando-o assim a desenvolver novas formas de dar vazão a esse afeto de ódio, do qual todo homem não pode escapar. Pode-se afirmar que essas formas desenvolvidas pelo homem no decorrer da história estão marcadas pelo contexto histórico, cultural e social.

Como é fácil de reconhecer, o tempo em que se encontra o contexto histórico atual é o da rede mundial de Internet. Ela encurta tempos e aproxima espaços geográficos. Subverte a lógica fazendo com que a realidade seja uma extensão do virtual e não mais o contrário, como se costumava entender que o virtual era a extensão da realidade. Ela propicia para seus usuários a oportunidade do anonimato dos perfis fakes e da exclusão de contas nas redes sociais. E com isso, a não responsabilização sobre os atos empreendidos na internet e ainda mais o não reconhecimento de que esses atos tem consequência sobre a realidade. Nesses tempos atuais, a "tecnologia" desenvolvida pelo homem para canalizar seus afetos de ódio, talvez seja o que se chama atualmente de "Discurso de Ódio". Mais a frente será definido em o que vem a ser o Discurso de ódio, mas já de antemão pode-se considerar que suas maiores consequências são essas comentadas até aqui. Há algo de muito atual em querer anular as diferenças, aniquilar o que causa estranhamento, silenciar o que não se pode reconhecer no "eu", mas que aparece no "outro". E se o sujeito é constituído subjetivamente por meio de, e pelo "outro", extinguir e apagar a alteridade não seria sem consequências.

Mas o que se pode compreender afinal, a respeito do Discurso de Ódio, quando se tem como base a perspectiva da constituição subjetiva? Já que a constituição subjetiva acontece graças ao campo da alteridade, quais a consequência desse apagamento da alteridade decorrente do discurso de ódio? Pode-se considerar essas consequências, enquanto sintomas atuais, próprios da subjetividade contemporânea? Já que o sujeito se constitui no campo do outro, é possível dizer que há um sujeito no Discurso de Ódio? Qual a intenção do Discurso

de Ódio e o que ele promove? Há laço social, quando se fala de Discurso de Ódio? Que laço seria esse? A presente investigação pretende tentar responder, ainda que não exaustivamente, questões como essas, ou ao menos colaborar com discussões a esse respeito.

Esses questionamentos surgem tanto de uma perspectiva clínica, a fim de compreender a respeito da constituição subjetiva, quanto de uma perspectiva social, buscando apreender e abordar questões que muito tem inquietado a comunidade psicanalítica e muitos outros pensadores. É inquietante observar que através de toda a história, sociedade é marcada por discursos de ódio, negacionismo científico e manipulação de fatos em favor de um determinado ponto de vista, sem o menor compromisso com a verdade, que também foi esvaziada de sentido. Esses fenômenos, que não são atuais, ao contrário, se desenvolvem através de toda a história da humanidade, dão abertura para acontecimentos cruéis e atentados a vida, que convocam a questionar: onde estaria o pacto civilizatório? onde está o que nos faz conseguir conviver em sociedade compreendendo e respeitando a existência de outros? Sobre essas coisas, a psicanálise ainda não tem resposta e ainda tem muito o que discutir.

Isso posto, a presente pesquisa justifica-se perante o desejo e curiosidade da pesquisadora frente ao tema proposto. Além disso sua relevância reside na atualidade e urgência do tema, considerando o cenário histórico, social e político recente, tanto nacional, quanto internacional. Acredita-se na possível contribuição do presente trabalho para as discussões do tema a que se propõe, bem como colaboração para o Estado da Arte. Também pela fissura que se propõe a contemplar, ainda que não exaustivamente, podendo colaborar para subsequentes pesquisas no meio da psicanálise.

Além disso, é preocupante o cenário brasileiro, quando se percebe que as figuras midiáticas que a massa do país consome, são as próprias responsáveis pela disseminação do Discurso de Ódio. O que torna muito real a asserção freudiana de que se espera do pacto civilizatório atos que não contradizem sua própria existência. Porém, o que se vê ocorre é justamente o contrário. Como poderá ser visto no terceiro capítulo, há dados alarmantes a respeito de crimes de ódio, como por exemplo apologia a crimes contra a vida, misoginia, racismo, neonazismo, LGBTfobia, xenofobia e intolerância religiosa. Esses crimes, podem assumir diversas formas no contexto da internet.

É notório que uma das mais relevantes criações do pacto civilizatório, ao menos no ocidente, é a democracia. Embora seja arriscado inferir que para que haja civilização é preciso necessariamente que haja democracia, talvez se faça necessário colocá-las, a civilização e a democracia, ao menos enquanto análogas. Neste sentido, não faz muito tempo, o Brasil

presenciou, em 08 de janeiro de 2023, uma passagem ao, fruto do que não se pôde simbolizar pela via do Discurso de Ódio. Manifestantes, em sua maioria apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro, invadiram, depredaram e vandalizaram importantes prédios como o Palácio do Planalto, o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal. Um ato em resposta à vitória nas eleições presidenciais, de Luiz Inácio Lula da Silva. Mas não só um ato em resposta a essa vitória, pode-se compreender como um dos atos da história, empreendido contra o próprio pacto civilizatório, por ser essencialmente um ato antidemocrático.

Mas não para por aí, ao que parece a mesma massa responsável pelos crimes cometidos em 08 de janeiro, não se desfez, antes, coroou uma outra figura. Fala-se agora a respeito de Pablo Marçal que aglutinou novamente a massa cujos ideais são os mesmos encabeçados por Bolsonaro. Marçal se utiliza da artimanha da fala sensacionalista e vendendo sua própria vida como uma publicidade da possibilidade de uma vida sem falta alguma. Assim, ele angaria seu público, porém ao fim das contas, tudo não passa de captação de leads. Cada um dos indivíduos presentes nesse público, não passa, para ele, de mais um contato para venda de seus próprios produtos e manutenção de seu estilo de vida. Essa figura, se utilizou das tragédias ocorridas no Rio Grande do Sul, como estratégia de marketing para o lançamento de sua campanha à prefeitura da cidade de São Paulo. Impulsionando sua carreira política, para ao fim manter seu estilo de vida.

É preocupante o quanto o tipo de discurso utilizado por figuras como Bolsonaro e Marçal, têm aderência no contexto brasileiro. Por isso, se faz de suma importância discutir o que está em jogo quando se trata da ascensão meteórica dessas figuras e a adesão de suas ideias por parte da população. Se faz necessário pensar, se há um laço social proveniente da ascensão dessas ideias e discursos e como o sujeito se localizaria nele. Se faz necessário pensar que mal estar está em jogo, em volta do qual se estabelecem esses discursos e esses laços.

Assim, a presente pesquisa tem como objetivo geral: discutir os discursos de ódio, compreendendo-os através da constituição subjetiva, pelo laço social, com base na psicanálise lacaniana, considerando o campo da alteridade. Enquanto objetivos específicos: primeiramente busca-se estabelecer a concepção psicanalítica de sujeito; A posteriori, examinar o campo da alteridade enquanto elemento fundador da constituição do sujeito; e por fim, elaborar o que se pode compreender acerca do discurso de ódio, já que, pela perspectiva lacaniana, o discurso é o que insere o sujeito no laço social. Isso, sendo que cada uma dos objetivos específicos configura um capítulo da dissertação.

Esta pesquisa configura-se enquanto pesquisa teórica em psicanálise. Para Bastos (2009), conceitualmente, a pesquisa teórica em psicanálise é aquela que pode ser realizada a partir do

estudo de textos dos pensadores da psicanálise. Nela, almeja-se realizar uma produção da teoria para teoria, ou seja, partir de produções teóricas de origem psicanalítica fazendo uma releitura destas, e a partir disto elaborar novas formulações, também teóricas, que dialoguem com outros saberes para além da psicanálise.

Ainda com Bastos (2009), pode-se compreender que:

Dentre os vários métodos disponíveis para produzirmos conhecimento, ressalta-se o método de pesquisa bibliográfica. Tal método, o qual recebe frequentemente a designação de “pesquisa teórica”, conceitua-se como aquele do qual se lança mão para produzir conhecimentos a partir de textos e documentos diversos. Os referidos textos, além de estarem disponíveis em bibliotecas, arquivos, centros de pesquisa, podem ser pesquisados em trabalhos manuscritos, impressos ou eletrônicos. (p. 75)

Nesse sentido, a presente pesquisa é portanto uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza de base, bibliográfica quanto aos seus procedimentos e exploratória quanto aos seus objetivos. A bibliografia da pesquisa se apoiará majoritariamente nos escritos freudianos e lacanianos, fazendo o esforço de percorrer alguma parte da obra dos dois autores. Além disso, será realizada a busca de material para a construção do trabalho nos bancos de dados: Periódico Capes, Pepsic, Scielo, Banco de Teses e Dissertações da Capes. Além de livros e demais documentos que possam contribuir com a pesquisa, como os que já foram expostos no referencial teórico.

Como critérios para inclusão para artigos, teses e dissertações estão: corresponderem à temática e deem subsídio para construção textual aqui proposta; estar ancorado como referencial teórico na psicanálise, freudiana e laciana; artigos, dissertações e teses que considerem e corroborem a concepção de sujeito da psicanálise laciana, bem como colaborem com a discussão a respeito do campo da alteridade e dos discursos de ódio. Ao passo que como critérios de exclusão de artigos, dissertações e teses estão: não corresponderem à temática proposta e não colaborarem na coesão e na construção do texto; não estarem ancorados no referencial teórico da psicanálise freudiana e laciana; e considerarem uma concepção de sujeito distinta da proposta por Lacan, e considerada para a construção da presente pesquisa. Já com relação à análise de dados, o processo consistiu em tornar os dados coletados, recursos para que fosse possível responder o questionamento levantado pela pesquisa. Alinhada à fundamentação teórica, a análise de dados permitiu que

fosse possível não só propor uma resposta possível à pergunta de pesquisa, como também convocar ainda mais questões que fomentem a continuação da pesquisa.

A presente pesquisa pretende utilizar do pressuposto teórico da psicanálise lacaniana. Para que se faça bom uso, leitura e discussão, é importante o entendimento de que a psicanálise fornece uma epistemologia, que embasa uma teoria e conseqüentemente uma técnica. Epistemologia essa, que dá suporte a uma compreensão do social e do sujeito próprias desse campo do saber (Hur, 2022).

Ao considerar a epistemologia psicanalítica, é necessário fazer o trabalho de formalização da teoria, já que seu objeto de estudo, o Inconsciente, não é palpável, a não ser pela linguagem, e é por meio dela que ocorre essa formalização. Nesse sentido se faz produtivo e necessário o exercício da pesquisa em psicanálise, ainda que considerando as tensões e resguardando as especificidades teóricas no campo da pesquisa acadêmica em psicanálise. Porém, é preciso haver cautela. Pode-se incorrer no erro de amontoar citações de textos psicanalíticos, pensando estar se fazendo pesquisa em psicanálise. Para não correr esse risco, é preciso considerar o plano de fundo do inconsciente, que não cessa de se inscrever, assim como suas mecânicas e dinâmicas, como o desejo, por exemplo.

Para não incorrer no erro citado acima, é necessário também considerar uma compreensão de sujeito específica. Parte-se de uma compreensão de sujeito própria da psicanálise. Parte-se aqui da compreensão de um sujeito do inconsciente. Inconsciente este, estruturado na e pela linguagem. Lacan (1953), em *Função e Campo da Fala e da Linguagem* explica que, “o sujeito vai muito além do que o indivíduo experimenta “subjetivamente”: vai exatamente tão longe quanto a verdade que ele pode atingir.” (p. 266) O sujeito aqui, não é o indivíduo e sim o sujeito dividido, como diria Lacan. Dividido pela castração, operada pela função paterna.

O objeto de pesquisa da psicanálise é a realidade psíquica. Levando isso em conta, ao fazer uma pesquisa em psicanálise há de se levar como plano de fundo do fenômeno estudado, a dinâmica psíquica. Nesse sentido, leva-se em conta tanto o desejo da pesquisadora sobre o assunto que aqui está sendo discutido, quanto seu processo inconsciente que, em análise, se viu implicada na questão que se propôs a pesquisar. Assim, pode-se produzir sentido a partir do fenômeno estudado.

O método em psicanálise fala de uma posição: posição de interlocução e antes de tudo, de investigação. De Interlocução, já que o discurso do sujeito sempre se dirige ao grande Outro. E de investigação, já que a função do analista, assim como a do pesquisador é a de interpor uma questão (Lacan, 1953). Nesse sentido, o exercício do analista na clínica e na pesquisa

acadêmica em psicanálise se aproximam, à medida em que ambas têm intrinsecamente uma posição de interlocução e antes de tudo, investigação. De interlocução já que o discurso do sujeito sempre se dirige ao Outro e de investigação, já que a função do analista, assim como a do pesquisador é a de interpor uma questão.

Ao falar a respeito dos discursos, se instala uma questão: o fazer pesquisa em psicanálise na academia. Uma vez que são discursos opostos: o discurso da universidade e o discurso do psicanalista, tem-se aí uma tensão. O discurso da universidade tem o saber como agente que move, enquanto o discurso do psicanalista tem a falta (presença de uma ausência) como agente que move. A resposta dessa questão é que esses discursos se retroalimentam, sem se eliminar, nem sobrepor um ao outro. Portanto, fazer pesquisa em psicanálise na academia, pode acontecer pela via de uma tensão dialética entre a teoria e a realidade, o contexto do pesquisador e da pesquisa (Santos, 2022).

Outro ponto a se considerar é o sujeito em questão para a psicanálise lacaniana e conseqüentemente para a presente pesquisa. Em seu texto "O Sujeito Lacaniano: Entre a Linguagem e o Gozo", Bruce Fink expõe brilhantemente o motivo de o sujeito em Lacan, não se tratar do mesmo sujeito das demais áreas de conhecimento. Fink aponta que o sujeito lacaniano não é o indivíduo ou o sujeito consciente da filosofia analítica ou da psicologia. O sujeito lacaniano é o sujeito do inconsciente, inconsciente este estruturado pela e como uma linguagem.

Em "Função e Campo da Fala e da Linguagem", Lacan aponta que: "o sujeito vai muito além do que o indivíduo experimenta 'subjetivamente': vai exatamente tão longe quanto a verdade que ele pode atingir" (p. 266). E que verdade seria essa? Bruce Fink dá pistas de que essa verdade é a de que o sujeito é dividido pela linguagem. O sujeito em questão na psicanálise é aquele de origem marcado pela divisão. Divisão essa que ocorre pela via da castração, que tem como operador a função paterna, esta como já mencionado apoia-se na ideia da alteridade. Ainda por meio de Fink, pode-se compreender a natureza dessa divisão: essa divisão é produto do funcionamento da linguagem. Vê-se aqui como algo do social é imprescindível para a constituição subjetiva.

Leda Bernardino (2022) no capítulo "A concepção lacaniana de sujeito", contido no volume chamado "Laço", da coleção chamada "Parentalidade e Psicanálise" explica que, "Segundo Lacan, o sujeito se constrói no campo do Outro" (p. 29). Além disso, é também "um representante do campo simbólico, sendo assim, o Outro com inicial maiúscula, na terminologia lacaniana, representa o lugar da linguagem, da cultura, da organização social e o lugar de onde provém as palavras" (p. 29). Além desse sentido que se dá ao campo do Outro,

há de se usar na presente pesquisa também a compreensão desse campo enquanto o campo das diferenças, do "não-eu". Isso posto, como então se daria a questão da constituição do sujeito, bem como a inserção desse sujeito no laço social, considerando a vigência do Discurso de Ódio?

Ao que se sabe, o termo Discurso de Ódio teve sua origem no contexto jurídico, oriundo do termo em inglês, *hate speech*. O jurista alemão, Winfried Brugger (2007), define Discurso de Ódio como sendo o emprego de linguagem "que tende a insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião" (p.118). Isso, podendo ser também a "capacidade de instigar violência, ódio ou discriminação" (p.118). Meyer-Pflug (2009) permite uma melhor compreensão acerca do tema, quando explica que o Discurso de Ódio se refere manifestação de "ideias que incitem a discriminação racial, social ou religiosa em determinados grupos, na maioria das vezes, as minorias" (p. 97). A ideia proposta por Meyer-Pflug de "incitação à discriminação" se constitui enquanto fator nuclear para que se possa reconhecer um discurso enquanto propriamente, discurso de ódio.

Já tendo sido postas estas concepções, pode-se estabelecer então uma noção da bibliografia que se pretende usar para ancorar, dar substância e fornecer uma epistemologia sadia para as discussões presentes nesta pesquisa. Pretende-se partir do pressuposto da noção lacaniana de subjetividade, a priori fazendo um contraponto inclusive com a noção freudiana de subjetivo. Para isso há de se fazer uso de textos clássicos de ambos os autores, de onde se pode apreender o que pensavam a respeito da subjetividade. Isso além de autores e comentadores relevantes e atuais que possibilitem uma compreensão mais acessível aos temas a que se propõem estudar na pesquisa.

A fim de que seja possível traçar o processo referente à constituição do sujeito em seu aspecto de linguagem, bem como o aspecto metapsicológico desta constituição, entre inconsciente e pulsão, a partir de Freud, serão referidos alguns textos. Entre eles, *A Interpretação dos Sonhos* (1900), *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), *O Inconsciente* (1915), *Além do Princípio do Prazer* (1920), entre outros. Já com Lacan, sob essa mesma perspectiva e objetivos, serão abordados primeiramente, além do *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand Saussure, em maioria, textos presentes nos *Escritos*. Estarão presentes, textos como *A Instância da Letra no Inconsciente* (1957).

Para que seja possível de compreender melhor a incidência do campo do Outro na constituição subjetiva, assim como o campo da alteridade, pretende-se fazer uso também de textos freudianos e lacanianos. Com Freud, textos como *O Infamiliar* (1919), *A negação* (1925), *Totem e Tabu* (1912-1913) e outros. Já com Lacan, serão textos como *Seminário 1*

(1953-1954), *Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise* (1953), Seminário 2 (1954-1955), *A Coisa Freudiana* (1955), *Observações sobre o relatório de Daniel Lagache: psicanálise e estrutura da personalidade* (1960), Seminário 7 (1959-1960), Seminário 11 (1964), Seminário 20 (1972-1973), Seminário 22 (1974-1975) e mais.

E por fim, para a discussão a respeito do discurso de ódio, há de se utilizar textos como *O Seminário Sobre a Carta Roubada* (1955), presente nos *Escritos*, Seminário 5 (1957-1958), Seminário 17 (1969-1970), Seminário 20 (1972-1973). Bem como outros textos como *O Discurso Vivo: Uma Teoria Psicanalítica do Afeto* (1982) de André Green, *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo* (2015) de Vladimir Safatle, *Para uma concepção discursiva dos afetos: Lacan e a semiótica tensiva* (2018) de Ravello, Dunker e Bevidas e *O Discurso Capitalista: Quinto Discurso? O Discurso dos Mercados (PST): Sexto Discurso?* (2010) de Néstor Braunstein.

Os questionamentos presentes na pesquisa surgiram de uma mistura entre questões de uma pesquisa anterior realizada pela pesquisadora e novas questões que surgiram em seu percurso de construção de conhecimento dentro do Programa de Pós Graduação em Psicologia (PPGP-UFG) bem como em seu percurso de análise pessoal. Sendo assim, são questões que atravessam a pesquisadora em vários âmbitos de sua vivência, que se transformam em desejo de descobrir e de saber, e que sustentam a sua posição investigativa no decorrer da construção de toda a pesquisa.

A questão da constituição subjetiva intriga e acompanha a pesquisadora desde seu Trabalho de Conclusão de Curso de graduação. Trabalho que teve como título "A perda como constituinte do sujeito: Reflexões sobre o Complexo do Desmame em Lacan". Nele foi feito um certo percurso para que se pudesse compreender algo a respeito da constituição subjetiva, tendo como amparo teórico a Teoria dos Complexos de Lacan. Nessa teoria, Lacan (1938) elabora seu pensamento a respeito dos Complexos, sendo eles: Complexos do Desmame, Complexo de Intrusão (Estádio do Espelho) e Complexo de Édipo. Explica que, embora sejam de atribuição da cultura, desempenham papel de organizadores psíquicos, demonstrando o peso da família enquanto objeto e circunstância psíquica. Desde aí surgiram para a pesquisadora questionamentos, que a fizeram almejar entender melhor a incidência do campo do Outro, nas formas da cultura e do meio social, e por consequência, da alteridade na constituição subjetiva.

Posteriormente, durante o percurso no PPGP-UFG a pesquisadora teve contato com discussões vigentes a respeito do Discurso de Ódio que também a atravessaram. Se o sujeito é constituído através do Outro, o que leva a sociedade e os sujeitos que a compõem a aderirem,

a movimentos que se comprometem com a aniquilação do Outro e das diferenças? Seria esse o retrato social do adoecimento psíquico dos sujeitos? Quais as possíveis consequências desse aniquilamento e silenciamento na subjetividade dos indivíduos? Essas e outras questões surgiram e deram princípio a presente pesquisa.

1. Constituição Subjetiva: de Freud à Lacan

Inicialmente, não se pode deixar de pontuar certas questões a respeito da temática a que o presente capítulo se propõe. O sujeito e sua constituição são temas caros à psicanálise e de difícil apreensão. Embora Freud, tenha feito pouco ou nenhum uso desses significantes, deixou pistas para que se pudesse fazer construções a seu respeito. É pela leitura lacaniana de Freud que se pode, em alguma medida, capturar sobre o que diz respeito, esse significante. Lendo Freud, à sua maneira, Lacan propõe uma teoria do sujeito. O que o presente capítulo se propõe a fazer é, por um dos inúmeros caminhos possíveis, uma tentativa de descrição sobre o que se trata o sujeito em psicanálise e como ele se constitui. Caminho esse, proposto inventivamente pela autora, a partir de sua percepção teórica, e que poderia ser qualquer outro caminho, se quem escreve fosse qualquer outro o autor.

Luciano Elia (2010) em "O conceito de sujeito", volume da coleção Passo a Passo, dirigida por Marco Antonio Coutinho Jorge e publicado pela editora Zahar, propõe uma questão fundamental para pavimentar o caminho escolhido. Como se pode referir ao sujeito e adjectiva-lo? sujeito é um conceito, do ponto de vista filosófico e científico? sujeito é um constructo? Para responder, ele diz:

Como categoria nocional elaborada teoricamente, designada por uma palavra que lhe dá uma unicidade, precisão e rigor, é claro que sujeito é um conceito: é isso que faz com que essa categoria integre o corpus teórico da psicanálise, constituindo-se alias, como uma das categorias teóricas mais essenciais desse corpus. (p.7)

Como "categoria nocional", sujeito é sim um conceito. Porém, do ponto de vista filosófico e científico, o autor continua para dizer que a resposta para essas perguntas não é tão simples quanto parece. Ele explica que, já que não foi "construída por Lacan para conferir inteligibilidade a um recorte da realidade empírica ao qual a psicanálise se refere: o sujeito não é um constructo (ou conceito) [...] algo que é concebido, que decorre de uma determinada concepção." (p. 13)

Assim sendo, como se pode então designar o sujeito ou se referir ao sujeito? O autor responde que:

O sujeito, assim, é uma categoria que se impõe à experiência, na exigência de elaboração teórica que esta faz ao psicanalista. Se a instalação de um

determinado dispositivo acarreta, como consequência das condições que assim se estabelecem, a emergência de determinada produção do inconsciente, impõe-se supor que algo como um sujeito encontra-se em operação no inconsciente (p.14)

A partir daqui, já é possível perceber que o sujeito a que se refere a psicanálise não pode ser confundido ou usado como sinônimo de outros dizeres como indivíduo ou pessoa. Trata-se de outro campo. O psiquismo em questão para a psicologia, ou quando se trata do indivíduo, é um psiquismo que abrange apenas a consciência e o que se pode perceber a partir da experiência imediata. Por isso, quando se trata do Eu, do indivíduo, da pessoa ou do humano, é possível pensar em um desenvolvimento de personalidade, um nascimento, ou a construção de um repertório de comportamentos (Elia, 2010). Não é disso que se trata o presente trabalho e novamente é um erro o emprego dessas expressões como sinônimos da constituição do sujeito.

O que chama a atenção de Freud, porém, e que o faz fundar um novo campo de saber, é justamente o contrário. O que lhe causou curiosidade foi justamente o que a experiência imediata não era capaz que apreender. Ele advoga justamente sobre o equívoco que há em considerar como componente do psiquismo ou do psiquismo apenas sua parcela consciente. Em 1915, com sua justificação do inconsciente, Freud diz que "os dados da consciência tem lacunas" (p. 101) e ainda que "a cada instante a consciência abrange apenas um conteúdo mínimo" (p. 102) do psiquismo. Por essas lacunas, se fazia necessário pensar em um inconsciente. E como já posto, a categoria que se articula ao inconsciente, é a de sujeito.

O sujeito, portanto, não nasce, não se desenvolve, nem produz ou elabora seu repertório comportamental. Ao contrário, ele se constitui. Isso porque, a produção do sujeito não é nem inata e nem aprendida. Antes, se dá enquanto efeito. Efeito de um campo. O campo da linguagem. Já que a linguagem tem estatuto material e simbólico ao mesmo tempo (Elia, 2010). E é sobre essa constituição que se almeja abordar na presente seção.

O sujeito, como explica Lacan (1969-1970), emerge da relação significante. O sujeito é representado por um significante em relação a outro significante. O discurso, por sua vez, é fundado nessa estrutura. É a articulação da cadeia significante que produz o discurso. Portanto, o discurso não é mero uso da linguagem pelo sujeito. O discurso é o que localiza o sujeito no laço social.

Outro equívoco de que se precisa prevenir, é o de não estabelecer uma distinção entre sujeito e subjetividade, utilizando-se dos dois termos enquanto referência um ao outro. Erik Porge (2009) no artigo traduzido para português como "Um sujeito sem subjetividade" presente no livro "Padecer do Significante: A questão do sujeito" com organização de Cristóvão Giovanni Burgarelli, ajuda a compreender essa questão. Porge (2009) põe luz sobre o erro que é pressupor "que não haveria distinção entre subjetividade e sujeito, que um implica o outro, que a subjetividade é a essência do sujeito como a coisa é da coisa" (p.20). Antes alerta: "Sujeito e subjetividade são dois termos disjuntos que se excluem um ao outro no tempo em que aparecem." (p.20).

Porge (2009) faz uso do dito lacaniano da Proposição de 9 de outubro de 1967, presente em Outros Escritos, onde se pode ler: "para desenlamear esse sujeito do subjetivo. Um sujeito não supõe nada, ele é suposto." (p. 253). Porge (2009) ainda acrescenta que "O sujeito não tem subjetividade, ele não se subjetiva, ele se institui na sua destituição, porque ele é apenas representado por um significante para outro significante. Onde há sujeito há fading da subjetividade". (p.20)

Isso posto, neste primeiro capítulo, pretende-se estabelecer de que ponto de partida baseia-se a presente pesquisa. Isto é, há de se estabelecer de que sujeito é que se fala em psicanálise. Assim, primeiramente será exposta a concepção freudiana de sujeito, percorrendo a essa noção implícita na teoria. Com esse fim, será percorrida alguma parte dos textos freudianos. Logo após será colocada a leitura Lacaniana do sujeito proposto por Freud, fruto do chamado retorno de Lacan à Freud. Para tal, haverá dois pontos de partida: o pressuposto estruturalista, onde será clara a incidência da linguagem na subjetividade; e o pressuposto dos registros criados por Lacan.

1.1 O Sujeito Freudiano: Metapsicologia, Entre Inconsciente e Pulsão.

Não se pode negar, como já foi dito, que o advento da psicanálise trouxe à tona uma nova concepção sobre o ser humano e uma nova ótica para tratar de suas complexidades. Em meio à modernidade, a psicanálise surge em um contexto sócio-histórico em que o pensamento hegemônico da teologia é abandonado, dando primazia ao pensamento científico e isso por si só já tem consequências sobre a forma que se tinha de conceber o humano.

A exemplo do que foi colocado anteriormente, já está posto para a comunidade do saber que uma das mais preponderantes noções de sujeito postas nesse momento histórico era a Cartesiana. Monah Winograd, em Genealogia do Sujeito (1998) propõe uma discussão valiosa para o presente trabalho. Ela faz uma espécie de contraposição entre o sujeito Cartesiano e o

sujeito proposto pela psicanálise, em Freud. Isso interessa ao presente trabalho a medida em que corrobora a construção proposta anteriormente, de que concepções de sujeito diferentes, produzem desdobramentos e possibilitam discussões diferentes.

Winograd (1998), aborda a produção subjetiva possível a partir da filosofia cartesiana. O método cartesiano se propõe a estabelecer, nas palavras de Winograd "um ponto de referência estável onde se pode erigir uma verdade" (p. 33). A verdade proposta por René Descartes é "Penso, logo existo". O sujeito cartesiano está onde ele pode pensar e aparece quando pensa. Ao passo que também não comparece onde não pode pensar ou ter consciência. Isso por si só não ocorre sem consequência. A proposição desse sujeito denuncia o contexto histórico de primazia da razão, do conhecimento científico e da dita consciência. Portanto, o sujeito cartesiano é o sujeito do consciente.

Freud subverte a lógica hegemônica, centrada na consciência, introduzindo a lógica do inconsciente. De que supera a objetividade e a subjetividade, essa nova lógica entra em cena como o que há de mais próprio do ser humano. O que antes era subjugado pelo positivismo, e a necessidade de solidez das ciências naturais, é subvertido e passa a ter primazia. De um local sombrio, que precisava ser evitado, e sinônimo de ausência de saber ou virtude, o inconsciente assume um lugar fundamental na lógica psicanalítica. Se para Descartes o sujeito comparecia onde poderia pensar, em Freud o inverso é a verdade. O sujeito da psicanálise está onde a consciência não opera o poder da censura ou de modificar seu conteúdo, isto é, no Inconsciente.

Thomas Ogden (1996) em *Os Sujeitos da Psicanálise*, diz que Freud descentra o homem da consciência. Para ele, quando se trata de psicanálise, o homem não coincide mais com sua consciência, ego, self ou comportamento. Porém Ogden adverte o leitor que essa mudança não se trata apenas de realocar o sujeito do consciente ao inconsciente. Trata-se dos fenômenos localizados na relação entre consciente e inconsciente, o que atribui à discussão uma complexidade ímpar.

Ogden (1996), defende um "Tornar-se sujeito". Ele advoga que a concepção freudiana de constituição subjetiva é fundamentalmente dialética. Sendo assim, o sujeito é criado, sustentado e simultaneamente descentrado pela relação dialética entre consciente e inconsciente. E completa propondo que por essa relação dialética esses elementos opostos, consciente e inconsciente, criam, preservam e negam-se mutuamente. Aqui está a grande diferença proposta pela psicanálise e que o presente trabalho precisa explicitar para que se estabeleça bem sua epistemologia. O sujeito da psicanálise não é o sujeito da razão ou da consciência. Não é um indivíduo. Não é um mero organismo, reduzido a biologia de seu

corpo. Embora o corpo biológico não seja condição suficiente para que haja o sujeito, não se pode perder de vista que ele também é condição necessária para tal. Mas se o sujeito não é apenas um indivíduo ou um corpo biológico, em que momento da vida do homem se pode afirmar que há um sujeito? Quando, como e a partir do que esse sujeito é constituído?

Antonio Godinho Cabas (2009) explica que na obra de Freud, a noção de sujeito é uma referência constante, que está sempre presente, porém de maneira implícita. Ele explica que termo sujeito não compõe o vocabulário da obra freudiana, porém é uma noção que se inscreve no decorrer da obra de maneira essencial. À medida em que Freud constrói sua teoria e os conceitos que a fundamentam, ele vai também pavimentando o caminho para construção de sua noção de sujeito. Dentre esses conceitos fundamentais para se dizer a respeito do sujeito psicanalítico pode-se elencar: o inconsciente, o aparelho psíquico, o campo pulsional e as estruturas clínicas. Desses conceitos, há de se fazer uma breve exposição a seguir, propondo uma espécie de linha descritiva de construção da concepção freudiana de sujeito.

Em seu trabalho, Freud foi levado a perceber que o que havia na consciência talvez não fosse suficiente para responder certas questões. Considerar apenas os aspectos conscientes, muitas vezes levava à contradições ou simplesmente não respondia às questões por completo. Ele passou a observar que havia mais a se considerar do que os aspectos conscientes. Notou isso primeiramente em pacientes portadores de patologias consideradas psíquicas, por se manifestarem no corpo, porém sem haver uma causa física aparente. Posteriormente passou a notar o mesmo em pessoas, nos termos em que ele mesmo usava "sadias". A respeito da necessidade de supor uma psique inconsciente, Freud (1915) escreve:

Ela é necessária porque os dados da consciência tem muitas lacunas; tanto em pessoas sadias como em doentes verifica-se com frequência atos psíquicos que pressupõem, para sua explicação, outros atos, de que a consciência não dá testemunho. (p. 101)

Já que a consciência não era suficiente para explicar certos fenômenos, Freud se viu obrigado a propôr um Inconsciente. Essa proposição foi um tanto instigada por outras publicações ocorridas também em sua época. Publicações essas das quais Freud em alguns momentos até se utilizou. Porém ao fim o sentido singular que o inconsciente toma desde a psicanálise é inteiramente freudiano. Ele começa a se perguntar para onde vão as ideias que esquecemos, mas que por alguma razão retornam para a consciência de maneira involuntária,

sem que haja algum evento externo ou de percepção que as evoque novamente. E é a trilha dessas lembranças e memórias que Freud segue e começa sua construção teórica.

Pode-se considerar que Freud começou seus estudos para construção de sua teoria e conseqüentemente sua concepção de sujeito, juntamente com Charcot, um psiquiatra renomado, em Paris. Onde teve contato com o método da hipnose e com as Histéricas, pacientes por meio das quais começa suas observações e descobertas. Ainda nos escritos chamados pela comunidade de pré psicanalíticos, Freud (1893) com coautoria de Josef Breuer, em "Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Históricos", publicam a máxima: "o histérico sofre sobretudo de reminiscências." (p. 25)

Freud (1893) parte do questionamento a respeito das ideias que retornam e se impõe a consciência, sem que haja um evento externo ou de percepção que as evoque. Muitas vezes esse retorno cujas as causas e as condições em que ocorriam eram desconhecidas, acabavam como causa de desconforto e sofrimento. Freud (1893) observa com as histéricas que seus sintomas tinham como origem um trauma. A princípio o trauma tinha a ver com algum acidente ou evento que causasse algum ferimento físico por menor que fosse. Porém, Freud (1893) atesta que a causa efetiva do sintoma histérico seria o afeto de pavor associado ao evento de maneira retroativa, depois do acontecido. Se inicia assim, a ideia de trauma psíquico, e com ela vários desdobramentos.

Freud (1893) explica que toda experiência "que suscita os penosos afetos de pavor, angústia, vergonha, dor psíquica, pode atuar como trauma psíquico; se isso de fato acontece depende, compreensivelmente, da sensibilidade da pessoa afetada." (p. 22) E continua dizendo:

Não raro se encontram na histeria comum, em vez de um único grande trauma, vários traumas parciais, causas agrupadas, que apenas se somando puderam manifestar o efeito traumático, e que formam um conjunto por serem, em parte, componentes de uma única história de sofrimento. Em outros casos ainda, são circunstâncias aparentemente indiferentes em si mesmas que, coincidirem com o evento realmente eficaz ou com um momento de especial excitabilidade, adquiriram uma dignidade como traumas que habitualmente não se esperaria delas, mas que conservam a partir de então. (p. 22, 23)

O que é descrito por Freud como "agrupamento de traumas parciais, que apenas somados puderam manifestar efeitos traumáticos" ou essas "circunstâncias aparentemente indiferentes que coincidiram com um momento de especial excitabilidade", para apartir daí "adquirirem dignidade como trauma" (p. 22, 23) começam a demonstrar o princípio de uma lógica de economia. Como apontado anteriormente, o trauma psíquico se configura como a associação de uma ideia a um afeto. O afeto aqui ganha estatuto de carga de energia, capaz de provocar um efeito. A ideia por si só dissociada do afeto, não causa nenhum efeito, mas associada à energia contida no afeto, é que se torna capaz de provocar algum efeito. O ambiente em que essas "transações econômicas" ocorrem, é precisamente o que Freud denominou como aparelho psíquico e o efeito dessas transações pode se dizer que é a realidade psíquica.

Ocorre porém, que, o que de fato está presente na formação do sintoma histérico é precisamente a lembrança do trauma e não o trauma em si. É a lembrança que segundo Freud (1893) "ainda muito depois de sua penetração deve ser considerado um agente atuante no presente" (p. 23). O que remonta ao questionamento inicial a respeito das ideias que retornam e se impõem à consciência. A lembrança do trauma retorna à consciência, as vezes pela via de alguma contingência experienciada pela histérica. Mas pode ocorrer também que a lembrança retorne sem que haja circunstancia alguma que a evocou, sem que a histérica houvesse de alguma forma revivido o trauma.

O que impressiona, porém, é que apesar de não ter revivido circunstancialmente, o ato de lembrar causa efeito de sofrimento tal qual tivesse revivido o trauma. Tal qual retornasse à hora, lugar e situação do trauma e o vivesse novamente, repetidas vezes, todas como se fosse a primeira vez. Fazendo marca de trauma. As condições às quais essas lembranças eram escondidas ou retornavam à consciência são um dos principais fundamentos da psicanálise. É o que constitui a psicanálise como tal. E é o que, como será visto no decorrer desse capítulo, o que constitui também o sujeito da psicanálise.

Para a surpresa de Freud (1893), como ele mesmo escreve:

cada sintoma histérico desaparecia de imediato e sem retorno quando conseguimos despertar com toda a clareza a lembrança do acontecido motivador, assim avivando igualmente o afeto que o acompanha, e quando, em seguida, o doente, descrevia o episódio da maneira mais detalhada possível, pondo o afeto em palavras. Recordar sem afeto é quase sempre ineficaz; (p.23)

Freud (1893) reconhece o espanto que há em perceber que lembranças de vivências ocorridas há muito tempo possam agir tão intensamente no presente do paciente. E que não se sujeitem ao desgaste que teoricamente o tempo causaria à potência do efeito da lembrança. Com isso, ele explica que a perda do afeto de uma lembrança depende de vários fatores. O que importa, segundo ele, para que a lembrança perca em afeto, é se houve uma "reação enérgica ao evento afetador" que propiciasse o afastamento do afeto com relação à lembrança (p.25). O que ele chama de reação seria explicado como "toda série de reflexos voluntários e involuntários" em que seriam descarregados os afetos. Se a reação ocorre em grau suficiente, faria desaparecer grande parte do afeto. Porém, se a reação é suprimida, o afeto permaneceria ligado à lembrança (p.25, 26). Freud (1893) aponta que:

Uma ofensa que é revivida, ainda que apenas com palavras, é lembrada diversamente de uma que se teve que aguentar. A linguagem também reconhece essa diferença nas consequências psíquicas e físicas e, de modo bastante característico, designa como 'agravo' precisamente o sofrimento suportado em silêncio. (p. 26).

Freud traduz nesses trechos o que seria não só o método da psicanálise, como também o meio pelo qual seria possível se constituir o sujeito da psicanálise. Pela via de enunciação, de uma narração é que se constitui, tanto o fazer da psicanálise, quanto o sujeito da psicanálise. É das "transações econômicas" de afeto, entre ideias que se deslocam e se condensam (como será visto mais detalhadamente a seguir), que se constitui o sujeito. Partindo da formulação de que o sintoma histérico partiria das lembranças, em "A etiologia da histeria", Freud (1896) escreve o seguinte:

Expus, então, que quase sempre a irrupção da histeria pode ser relacionada a um conflito psíquico, em que uma representação intolerável provoca a defesa do Eu e convida à repressão. Na época não soube dizer em que circunstância esse esforço de defesa tem o efeito patológico de realmente empurrar para o inconsciente a lembrança que é penosa para o Eu e criar um sintoma histérico no seu lugar. Mas agora eu completo: a defesa alcança o propósito de empurrar para fora da consciência a representação intolerável quando na pessoa em questão, até então sadia, há cenas infantis em formas de lembranças inconscientes, e quando

a representação a ser reprimida pode ser ligada, de maneira lógica ou associativa, a uma vivência infantil daquele tipo. (p. 218)

Freud (1896) afirma de que ordem seria o conteúdo dessas lembranças capazes de provocar sofrimento. Essas lembranças teriam como conteúdo as vivências sexuais infantis. Seu conteúdo sexual, estaria sobretudo associado à busca pelo prazer. O prazer, mais tarde, na teoria, ganhará estatuto de princípio que rege o organismo psíquico e será descrito como rebaixamento de excitabilidade (isso, será abordado mais longamente a seguir). Na busca pelo prazer, a criança formularia fantasias que constituem essas vivências sexuais infantis.

Acontece que tais fantasias e vivências sexuais infantis, devido aos afetos a que estariam associadas, se tornariam representações intoleráveis ao psiquismo. Evocando defesas que ocorreriam pela via da censura e da repressão, ou recalque (essa censura será abordada com mais diligência posteriormente). Apesar de serem afastadas da consciência como forma de defesa do organismo psíquico, essas representações não deixariam de exercer pressão para serem lembradas e realizadas. Essa pressão que torna as representações latentes ao organismo, contraposta com a pressão da censura imposta pelo organismo, configurariam o conflito psíquico fundamental. Tal pressão exige ser satisfeita. Para tal, estabelece meios para que isso seja possível. Esses meios são "driblando", "burlando" e "desviando-se" da censura.

O material reprimido retorna à consciência, deformado. Aqui entram a condensação e deslocamento. As representações intoleráveis ao organismo psíquico, se modificam. Fazem isso deslocando uma quantidade de carga de afeto de uma representação para outra, ou fundindo representações, tornando-se formações substitutivas. As representações intoleráveis são impossibilitadas de ter acesso à consciência, porém modificadas e tornadas formações substitutivas, conseguem como já foi dito "burlando" a censura, acesso à consciência. Essas modificações abrem brechas que rebaixam a defesa da censura.

É como se a defesa pudesse "ler" as representações que trilham o caminho para consciência. Caso, nessa leitura, seja perceptível a associação dela à algum afeto que seja capaz de perturbar de alguma forma a organização do psiquismo, a defesa age barrando e censurando o acesso da representação à consciência. A condensação e o deslocamento ocorrem no intuito de realizar nessa representação uma criptografia capaz de tornar "indetectável" o afeto contido nela.

Outra analogia possível, para a condensação e o deslocamento que ocorrem em contrapartida à censura, é pensar em um contrabando. Uma carga passa por uma barreira declarando portar certo objeto em certa quantidade, que corresponda a legalidade, para não

levantar suspeitas e para que não seja necessária uma abordagem policial. Caso haja uma abordagem, o que declarado a respeito da carga precisa corresponder minimamente à realidade, para que não fique apreendida e consiga seguir seu curso.

A condensação e o deslocamento fornecem uma representação que passe com sucesso pela censura. É o que se pode declarar a respeito de um objeto e sua quantidade, por uma barreira de maneira legal. A porção da carga que não corresponde ao declarado, seria o afeto latente que faz pressão no organismo afim de sair para a consciência, que consegue passar pela barreira, tendo sido declarado de outra forma. Mesmo que a censura atue para "ler" a representação afim de achar nela algum sinal para "barra-la", a representação, por estar deslocada e condensada torna indetectável o afeto a que ela se associa, afim de encontrar sua saída para a consciência. O que "pode ser declarado" substitui o verdadeiro conteúdo da carga. Assim como o sintoma como formação da condensação e do deslocamento, substitui o afeto e a representação intoleráveis ao psiquismo, na função de satisfazer e aplacar o conflito.

Em 1898, já no início dos escritos psicanalíticos, Freud publicou "A Sexualidade na Etiologia das Neuroses". No texto em questão, Freud defende ser um erro não considerar a vida sexual das crianças, já que são capazes de todas as funções sexuais, tanto psíquica, quanto somaticamente. Fica pontuado também que, apesar de a organização e o desenvolvimento humano, buscarem evitar uma maior atividade sexual durante a infância, as forças pulsionais não deixam de existir e trabalhar. Essas forças pulsionais, parecem precisar ficar armazenadas, até a idade da puberdade, para então serem desencadeadas e cumprirem sua finalidade. Parece ser por esta razão (a necessidade de ficarem armazenadas), que as forças pulsionais atuem de modo patogênico nas vivências sexuais infantis. Porém, os traços psíquicos das vivências sexuais infantis, são a origem de um efeito posterior. A influência dessas antigas vivências levam ao surgimento de formações patológicas. (p.256). O caminho de construção dessas formações, é esse descrito anteriormente.

Com isso, Freud (1898) conclui:

Como as manifestações das psiconeuroses surgem pelo efeito a posteriori de traços psíquicos inconscientes, são acessíveis à psicoterapia - que nesse caso, porém, deve tomar caminhos diferentes daquele até agora seguido, que é o da sugestão, com ou sem hipnose. Com base no método "catártico" de Josef Breuer, desenvolvi quase inteiramente, nos últimos anos, um procedimento terapêutico

que chamo de "psicanalítico", ao qual devo numerosos êxitos e cuja eficácia espero ainda aumentar consideravelmente. (p.257)

Foi em 1900, com "A Interpretação dos Sonhos" que Freud emprega pela primeira vez o termo "aparelho psíquico" para denominar a organização psíquica, composta por instâncias psíquicas, com funções específicas e que mantém relação espacial constante entre si. Afim de formular hipóteses a respeito da estrutura do aparelho psíquico e das forças que nele atuam, foi inaugurada, a Primeira Tópica freudiana. Ela é comumente chamada de topografia, por se preocupar em propor uma resposta à questão referente ao "lugar" do aparelho psíquico. Isso embora Freud mesmo tivesse advertido que não houvesse necessidade de supor uma ordenação realmente espacial dos sistemas, bastando que se estabelecesse uma ordem fixa em que nos processos psíquicos, os sistemas ou instâncias fossem percorridos pela excitação em uma determinada sequência temporal.

Freud (1900) denominou o aparelho psíquico como "um instrumento composto, cujos componentes chamaremos de instâncias ou sistemas" (p. 587). Nesses sistemas ou instâncias, ocorre que: "Toda a nossa atividade psíquica parte de estímulos (internos e externos) e termina em inervações" (p. 587). Com isso, "das percepções que nos chegam permanece um traço em nosso aparelho psíquico, que podemos chamar de 'traço mnêmico'. Denominamos 'memória' a função ligada a esse traço" (p. 588).

A fim de explicar a relação entre a percepção, os traços mnêmicos, a memória e o estado de consciência (neste momento ainda no sentido de um estado de vigília), a partir do que se tinha de conhecimento por meio dos sonhos, surge a primeira esquematização do aparelho psíquico. *Consciente, pré-consciente e inconsciente* estavam contidos nessa primeira esquematização.

No que se refere à *Primeira Tópica* do aparelho psíquico, encontramos em Freud (1900):

Denominamos *pré-consciente* o último dos sistemas na extremidade motora, para indicar que os processos de excitação que nele ocorrem podem chegar a consciência sem maior impedimento [...] O sistema por trás deste chamamos o *inconsciente*, pois não tem acesso à consciência *senão pelo pré-consciente*; ao passar por este, seu processo de excitação tem de se submeter a modificações. (p. 591- 592)

Os ganhos teóricos obtidos com os estudos sobre a histeria a respeito do recalque, da condensação e deslocamento e das formações substitutivas, produto da contraposição dos dois primeiros processos aqui citados, se encontram novamente em 1900 com a Interpretação dos sonhos. Freud atesta finalmente neste texto que esses processos, já descritos anteriormente ocorrem a nível inconsciente. E que o sonho em sua formação segue a mesma lógica do sintoma. Sendo uma formação substitutiva, fruto da condensação e do deslocamento em virtude do processo de recalque que tem sua manutenção promovida pela censura que ocorre no inconsciente.

Como já se tinha conhecimento a respeito do cunho sexual por trás da etiologia das neuroses, em 1905 com "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" , Freud avança suas construções a respeito da sexualidade. A sexualidade abordada por Freud, toma um novo sentido. Enquanto para os animais, a sexualidade é da ordem de um instinto, para Freud o termo com que melhor se pode abordar a sexualidade, é o termo: pulsão. Enquanto para os animais a sexualidade não engloba nenhuma escolha de objeto específica e tem o fim último de reprodução da espécie, para o humano a lógica é diferente.

A sexualidade humana envolve não só reprodução, como também prazer e prazer obtido pelo corpo e não só pelas genitálias. O prazer, no entanto, ocorre para o homem, em condições específicas, com objeto específico. Isso tira a sexualidade humana da esfera da necessidade, permitindo uma certa recusa. Enquanto o animal, impelido pelo instinto, não tem possibilidade de escolha quanto ao que come ou como se reproduz. O homem, pela pulsão, é impelido a recusar uma série de alimentos para nutrição e ocasiões e objetos para nutrição, em nome de uma escolha. Uma escolha, que como será abordado posteriormente, é Inconsciente.

Freud (1905) denomina a *pulsão*:

como um conceito fronteiro, entre o anímico e o somático, como representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo que alcançam a alma, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal (p. 25)

A *pulsão* seria o ponto de incidência do psiquismo sobre o corpo e vice-versa. Ela seria caracterizada por sua *meta* ou finalidade que é a satisfação; seu *objeto* que é indefinido; sua *fonte* que é sempre o corpo; e sua *pressão* que é sempre constante. A pulsão é o que orienta a sexualidade humana. Pode ser descrita como a porção psíquica, de tudo o que acontece no corpo humano. A pulsão age pelo que Freud (1905) chamou de investimento de libido.

Em Freud (1905), fica estabelecido o conceito de libido como uma "força quantitativa variável que poderia medir processos e transposições no âmbito da excitação sexual" (p. 135). Mas também considera qualitativo dessa força, devido sua origem especial, distinta da energia dos processos psíquicos em geral (p.135). A tarefa da teoria da libido seria exprimir em termos econômicos os fenômenos e processos dos transtornos neuróticos e psicóticos (p. 137). A libido pode ser diferenciada entre libido do Eu, ou narcísica e a libido de objeto. (p.137). Sobre essa distinção, Freud (1905), escreve:

Por conseguinte, formamos a concepção de um quantum de libido, cuja representação psíquica chamamos libido do Eu, e cuja produção, aumento ou diminuição, distribuição e deslocamento deve nos oferecer possibilidades de explicar os fenômenos psicosexuais observados. No entanto, essa libido do Eu só se torna convenientemente acessível ao estudo analítico após achar emprego psíquico no investimento de objetos sexuais, ou seja, após se tornar libido objetual. Nós a vemos, então abandonar esses objetos, passar deles para outros e, a partir dessas posições, guiar a atividade sexual do indivíduo, a qual leva à satisfação, isto é, à extinção parcial e temporária da libido. [...] Quanto aos destinos da libido objetual, podemos também verificar que ela é retirada dos objetos, mantida suspensa em estados especiais de tensão e finalmente reconduzida ao Eu, de modo a se tornar novamente libido do Eu. Também chamamos à libido do Eu, em contraposição à libido objetual, libido narcísica. (p.135, 136)

Enquanto ocorrem processos de puberdade, que ocorrem no corpo e na genital de cada pessoa, indicando a cada um sua meta sexual. Há o lado psíquico em que se originam esses processos e que orienta a escolha objetual de cada um, escolha essa já preparada desde a primeira infância (p.142). Desde a primeira experiência de satisfação, que é vinculada à ingestão de alimento, o objeto de satisfação sexual é encontrado fora do corpo de cada criança, no seio da mãe. Esse objeto é perdido, quando a criança consegue formar uma ideia total da pessoa a quem pertence o órgão que traz tanta satisfação, a mãe. Tendo sido formada

essa ideia, em razão da atuação da censura, já discutida anteriormente, a satisfação fica sendo autoerótica (p. 143).

Até que seja possível superar esse período e ser restabelecida a dinâmica original de exigência de escolha de objeto exterior ao corpo. Tendo havido tal superação, cada um pode escolher para si um novo objeto que não seja o seio da mãe (p.143). Acontece que, como foi dito, a escolha de objeto é preparada desde essas cenas infantis. Essa cena de satisfação infantil é o que orienta a escolha objetual de cada um. Quando se escolhe um objeto, o que cada um espera encontrar ao fazer essa escolha, é precisamente a satisfação experimentada nessa primeira cena. Como é dito por Freud (1905): "a descoberta do objeto é, na verdade, uma redescoberta." (p.143).

Tendo ficado estabelecido que a escolha objetual é orientada pela primeira experiência de satisfação infantil, fica também estabelecido que há vida sexual desde a infância. Essa vida sexual tem uma organização, cujo desenvolvimento ocorre em fases. Em 1905, Freud assenta então, as Fases de Desenvolvimento da Organização Sexual. Em cada uma das Fases de Desenvolvimento da Organização Sexual, a libido transita por diferentes órgãos do corpo. A libido passa por cada órgão, erogenizando-o, isto é, fazendo de cada órgão uma zona erógena. Sem a libido, um órgão é só um órgão com uma função específica. A zona erógena surge apoiada na função vital do corpo (p.87). Tendo sido encontrado pela libido, esse órgão, além de sua função vital, passa a ter também uma função de satisfação sexual. Assim, a zona erógena se comporta como uma porção do aparelho sexual (p.67).

Com cada parte do corpo sendo erogenizada em cada uma das Fases de Desenvolvimento da Organização Sexual, em um momento específico ocorre a erogenização das genitais propriamente ditas. Fica estabelecida para a criança a primazia das genitais. Mas até então sua percepção se resume à teoria que criou para si, de que todos tem a mesma genitália, semelhante a sua. Até que, em algum momento a criança se depara com a diferença genital que existe entre menino e menina. Com a percepção dessa diferença, fica estabelecida a primazia do falo. O menino, que antes pressupunha que todos tinham penis assim como ele, percebe que existem pessoas que não tem pênis. Quanto à menina, Freud (1905) aponta que ela reconhece a primazia do penis e o fato de que não o tem.

Por seu instinto de saber, a criança cria pra si, a partir de seu ponto de vista, uma série de teorias que expliquem tanto a sua genitália, quanto a que achou ser diferente da sua. O menino, ao se deparar com alguém que não tem penis, se depara também com a possibilidade de deixar de ter o seu próprio penis. Essa possibilidade, instaura a angústia de castração. A menina por sua vez, sendo também regida pela primazia do falo, sabendo não ter um penis,

não é acometida pelo temor de perder. Porém, a menina não passa ileso pela constatação da diferença sexual. A primazia do falo tem como efeito na menina, o que Freud (1905), chamou de inveja do penis, que é o correlato da angústia de castração que aparece para o menino. Fica estabelecido então o complexo de castração, que no menino aparece pela via da angústia de castração e na menina pela via da inveja do penis.

O complexo de castração, que como poderá ser notado constitui o trauma psíquico sexual, juntamente com todo o movimento pulsional de erogenização do corpo, é o que até esse ponto da teoria, Freud (1905) aponta como tendo sido rechaçado da consciência. São parte da representação intolerável ao organismo psíquico, encontrado nos *Estudos Sobre a Histeria*. Porém, pra que essas representações sejam mantidas fora da consciência exige um custo. Esse custo seria pago por meio do sintoma histérico, que aparece fruto da condensação e deslocamento, em resposta ao recalque, como já foi discutido neste capítulo. A respeito disso, Freud (1905), escreve:

Não quero dizer, com isso, que a energia da pulsão sexual faz uma contribuição para as forças que mantêm os fenômenos patológicos (os sintomas); quero afirmar expressamente, isto sim, que esse aporte é o único constante e a mais importante fonte de energia da neurose, de maneira que a vida sexual das pessoas em questão se manifesta ou exclusivamente, ou predominantemente ou apenas em parte nestes sintomas. [...] A psicanálise elimina os sintomas histéricos com base na premissa de que são o substituto - como que a transcrição - de uma série de processos psíquicos, tendências e desejos investidos de afetos, que um processo psíquico especial (o recalque) privou o acesso à resolução mediante a atividade psíquica capaz de consciência. (p. 60, 61)

Em 1915 com "O Inconsciente" formaliza o funcionamento do aparelho psíquico, que ocorre por meio de representações associadas a afetos. Essa ideia está presente desde os Estudos sobre a Histeria, e percorre toda a construção teórica, porém neste texto, ganha grande primazia em razão da *metapsicologia*. Desde os Estudos Sobre a Histeria Freud sabia que a causa do sintoma histérico se localizava em uma lembrança traumática, que agora com mais clareza, pode ser chamada de idéia ou representação:

Aquilo que antes chamávamos de representação mental do objeto ou ideia consciente do objeto, ou seja, representação-de-objeto, agora se subdivide em representação-de-palavra [Wortvorstellung] e representação-de-coisa [Sachvorstellug]. Esta última consiste no investimento de cargas - se não nas imagens diretas da lembrança-de-coisa [Sacherinnerungsbilder] -, nos traços de lembrança que estão mais distantes e derivam dessas lembranças. Fica agora então claro como uma ideia consciente se diferencia de uma inconsciente. As duas não são, como pensávamos, diferentes registros do mesmo conteúdo situados em locais psíquicos diferentes. Tampouco são diferentes estados funcionais de investimento de carga aplicados ao mesmo local. Uma representação [Vorstellung] consciente abrange a representação-da-coisa [Sachvorstellug] acrescida da representação-de-palavra [Wortvorstellung] correspondente, ao passo que a representação [Vorstellung] inconsciente é somente a representação-da-coisa [Sachvorstellug].

Essa concepção de funcionamento do Inconsciente, baseada em representações, parece ter sido retirada por Freud de seu "Sobre a concepção das afasias - um estudo crítico", de 1891. Neste texto, Freud estava às voltas com a questão das afasias e isso lhe proporcionou descobertas que concernem ao campo da linguagem e seu funcionamento, que mais tarde seriam fundamentais para sua compreensão do psiquismo. Os estudos sobre os distúrbios da linguagem, permitiu chegar à composição do aparelho de linguagem. O aparelho de linguagem tem como unidade de função da linguagem, a palavra, que é uma representação complexa composta por elementos acústico, visuais e cinestésicos. (p.97) A respeito disso, ele escreve:

Devemos o conhecimento sobre essa composição à Patologia, que nos mostra que, em casos de lesões orgânicas no aparelho de linguagem, ocorre uma fragmentação do discurso conforme essa composição. (p.97)

Freud (1891) então, considerou a representação de palavra como tendo quatro componentes: a imagem do som [Klangbild], a imagem visual das letras [Visuelle

Buchstabenbild], a imagem de movimento da fala [Sprachbewegungsbild] e a imagem de movimento da escrita [Schreibbewegungsbild] (p. 97). A palavra seria então, para Freud (1891), uma representação complexa que correspondente a um intrincado processo de associação (p.102). A palavra conquista seu significado por meio da conexão com a representação de objeto [Objektvorstellung] (p.102). A representação de objeto, é um complexo associativo composto por diversas representações visuais, acusticas, táteis, sinestésicas etc. Então, ela não se apresenta como uma representação fechada, ao passo que a representação de palavra, se apresenta como uma representação fechada (p.102, 103).

A aquisição de linguagem portanto, ocorre a medida em que se pode associar uma representação de palavra, à seu sentido, ou seja, à uma representação de objeto. Isso é aprendido a medida em que o humano se esforça para tornar a imagem sonora emitida por ele o mais semelhante possível à imagem sonora apresentada à esse humano, ou seja, através da repetição (p.98). A linguagem, ou aparelho de linguagem, é o fundamento para a estruturação do aparelho psíquico. Na medida em que pela associação entre representações, o humano pode nomear e atribuir sentido ao que se passa em seu mundo interno. Isso porque, o humano não só associa representações, como também investe afeto e libido a essas representações.

Com isso se pode compreender ainda melhor o funcionamento do psiquismo: representação-de-objeto, que existe no inconsciente, para que consiga comparecer à consciência, precisa estar associada à uma representação-de-palavra. Juntas, representação-de-objeto e representação-de-palavra, tornam-se a unidade de função da linguagem, isto é, a palavra. Essa representação-de-objeto está investida libidinalmente, no inconsciente. Para passar pelo pré-consciente e chegar à consciência, é associada à representação-de-palavra e fica também investida de afeto.

Freud (1915) exemplifica esse funcionamento por meio do recalque, quando escreve:

A experiência psicanalítica nos mostra que a essência do recalque não reside em suspender ou aniquilar a ideia [Vorstellung] que representa a pulsão, mas em impedir que a ideia se torne consciente. Nesses casos, dizemos que a ideia está recalçada e se encontra em estado inconsciente. Contudo, temos fortes evidências de que mesmo permanecendo inconsciente a ideia recalçada é capaz de continuar a produzir efeitos sobre a psique e de que alguns dos seus efeitos acabam por alçar-se à consciência do sujeito. Embora tudo o que foi recalçado

precise permanecer inconsciente, esclarecemos de antemão que o recalado não abarca todo o inconsciente. Ou seja: o inconsciente tem maior abrangência que o recalado, este é apenas uma parte do inconsciente. (p.110)

Freud (1915) descreve o Inconsciente, atribuindo a ele características especiais. Nele há um núcleo composto de representantes pulsionais [Triebrepsentanzten] que desejam escoar sua carga de investimento. Esses representantes pulsionais coexistem coordenados entre si, sem se influenciarem, nem se contradizem, sendo essa uma das características especiais: não há contradição no inconsciente. Quando dois representantes pulsionais se ativam simultaneamente, embora tenham objetivos inconciliáveis, não se anulam mutuamente, mas comparecem ao mesmo tempo. A Negação, portanto, é uma restrição que se instala a partir do trabalho de censura entre o Pré-consciente e o Inconsciente. Tudo o que se pode encontrar no Inconsciente, são cargas de investimento mais ou menos intensas (p.126, 127).

Outra característica especial presente no inconsciente é a mobilidade dos investimentos. No processo de deslocamento, como já foi abordado, uma ideia ou representação pulsional, pode passar toda a soma de sua carga investida, para outra ideia. E no processo de condensação, uma ideia ou representação pode se apropriar da carga de investimento de outra ideia, aglutinando-se a ela. Juntos, condensação e deslocamento constituem os processos psíquicos primários (p. 127). Aos processos psíquicos do sistema inconsciente não se aplicam uma lógica cronológica, sendo essa outra das características especiais: a atemporalidade (p.128). E por fim, os processos psíquicos do sistema inconsciente, não consideram a realidade externa, estando subordinados apenas à tendência do organismo ao prazer, isto é, ao princípio do prazer. Sua regulação ocorre orientada pela relação prazer-desprazer e seu custo-benefício. A última das características do inconsciente então é essa: sua realidade, é a realidade psíquica (p.128).

Freud (1915) também atribuiu certas características ao sistema pré-consciente. Entre elas estão a capacidade de comunicação entre os sistemas, já que as ideias e representações transitam entre os sistemas ultrapassando as barreiras do pré-consciente. Ao pré-consciente passa a se aplicar a ordenação temporal. É no pré-consciente que atua a censura e portanto predominam os processos psíquicos secundários. O sistema pré-consciente é predominantemente verbais, além de ser regido pelo princípio da realidade.

Isso posto, Freud (1915) avança em sua formalização da metapsicologia: "Proponho que seja denominada *metapsicológica* uma exposição na qual consigamos descrever um processo psíquico em suas relações *dinâmicas, topológicas e econômicas*" (p. 121). O aspecto

topológico diz respeito aos "lugares" ou instâncias do aparelho psíquico em que cada processo ocorre. Essas instâncias possíveis do aparelho psíquico, são aquelas conhecidas desde a Primeira tópica: Inconsciente, Pré-consciente e Consciente. Já o aspecto dinâmico, se refere a dimensão conflitiva que há entre a realidade psíquica e a realidade externa. Onde as pulsões que em sua grande parte não correspondem às exigências da realidade necessitam ser satisfeitas a qualquer custo. Enquanto o aspecto econômico se encarrega justamente do "custo" que envolve a satisfação das pulsões. O aspecto econômico diz respeito ao investimento e contrainvestimento de carga que ocorre entre as representações pulsionais a todo instante.

Em 1920, com "Além do Princípio do Prazer" Freud pôde aprimorar sua metapsicologia, principalmente no que se refere aos aspectos *econômico* e *dinâmico*, por meio do *princípio de prazer* e o *princípio de realidade*. Freud (1920), escreve:

Sabemos que o *princípio do prazer* é próprio de um modo de funcionamento primário do aparelho psíquico, e que, para a autoafirmação do organismo em meio às dificuldades do mundo externo, já de início é inutilizável e mesmo perigoso em alto grau. Por influência dos instintos de autoconservação do Eu é substituído pelo *princípio de realidade*, que, sem abandonar a intenção de obter afinal o prazer, exige e consegue o adiamento da satisfação, a renúncia temporária a várias possibilidades desta e a temporária aceitação do desprazer, num longo rodeio para chegar ao prazer. (p.165)

Freud (1920) descreve o princípio do prazer como derivado da tendência à estabilidade e constância do organismo. O aparelho psíquico se empenha em funcionar sob essa tendência e compreende constância, inércia e estabilidade ao prazer. Porém, por precisar estar subordinado às exigências externas e sociais, por instinto de autoconservação entra em cena o princípio de realidade. Que tem como função, uma certa "barganha" ou negociação entre as duas partes: exigências internas e externas, o princípio da realidade não abandona sua tendência ao prazer, apenas estabelece condições para que essa tendência seja atingida, mesmo que não a curto prazo.

Em 1923 com o texto "O Eu e o Id" que Freud cristaliza a tripartição entre Id, Eu e Supereu, sendo essa a denominada Segunda Tópica do Aparelho Psíquico. Neste texto, o Eu é

localizado como a entidade que parte do sistema pré-consciente. Enquanto o Id seria a outra parte da psique, que procede do inconsciente (p.29). O indivíduo seria até então formado por um "Id, algo psíquico que não se pode conhecer, é inconsciente em cuja superfície se acha o Eu, desenvolvido com base no sistema pré-consciente" (p.30). O Eu seria então a parte do Id modificada pela influência do mundo externo (p.31). Ainda sob o curso de pensamento de Além do princípio de prazer (1920) essas instâncias são reguladas pelo princípio de prazer, sendo que o Id é denominado por Freud como o "reservatório das pulsões"

Porém, o Eu, em sua relação com o mundo externo também sofre modificação, o que dá origem ao que Freud (1923) chamou de "ideal do Eu" ou "Supereu". Em "A dissecação da personalidade psíquica" Freud (1933) explica que ao nascer, o bebê é amoral, tomado pelo Id e sem inibições de seus impulsos que buscam prazer. Os pais desempenham então autoridade, no sentido de inibir certos impulsos e fundar a moral no psiquismo da criança, estabelecendo obstáculos para a satisfação de suas pulsões. Isso acontece como será visto a seguir, por meio do que Freud chamou de Complexo de Édipo. Quando esse obstáculo externo referente à satisfação dos impulsos é internalizado, funda-se no psiquismo o Supereu.

Em 1923 é que Freud descreve o Eu como sendo divisível. E escreve sua alegoria do cristal, que ilustra de maneira magistral o aspecto da divisão subjetiva:

Ali onde ela mostra uma ruptura ou uma fenda pode haver normalmente uma articulação. Se lançarmos um cristal ao chão, ele se quebra, mas não arbitrariamente; ele se parte conforme suas linhas de separação, em fragmentos cuja delimitação, embora invisível, é predeterminada pela estrutura do cristal. Os doentes mentais são estruturas assim, fendidas e despedaçadas. (p. 194,195)

Em "A Dissolução do Complexo de Édipo" de 1924, Freud fixa o Complexo de Édipo como fenômeno central da constituição do sujeito. Marca-se na presente pesquisa o texto citado acima, porém sabe-se que há toda uma construção deste conceito ao longo de toda a teoria. O Complexo de Édipo seria um momento crucial e organizador do desenvolvimento sexual infantil. Esse momento ocorre quando, durante a fase fálica do desenvolvimento sexual infantil (como já foi abordado anteriormente). Nessa fase, por volta dos cinco anos, há a erogenização das genitais, e é instaurada a primazia do falo. Há toda uma teorização a respeito das peculiaridades de como esse fenômeno ocorre tanto no menino, quanto na menina.

No menino, a fase fálica é acompanhada por uma atividade sexual masturbatória, que é advertida pelos pais, ou pessoas ao redor da criança. Com essa advertência, surgem ameaças, ou a criança cria para si a teoria de que se continuar a manipular sua genital, poderá ficar sem ela. A criança estando advertida, começa a ser criado um certo impeditivo de satisfação de seus impulsos. É essa advertência que colabora para instauração do supereu (que foi abordado anteriormente), quando a criança internaliza o obstáculo à satisfação e esse obstáculo passa a ser, em vez de somente externo, interno também.

Acontece que inicialmente a advertência não tem muito efeito, já que na lógica da criança, todos tem a genitália igual a sua, inclusive as mulheres, então ninguém "não tem pênis". Ao se deparar com a diferença entre as genitálias e que a genitália da menina é diferente da sua, ele encontra alguém que segundo sua lógica "não tem penis". A advertência e a ameaça de ficar sem seu penis ganha então teor de possibilidade real. Assim se instaura o que Freud chamou de Complexo de Castração. Nesse sentido, a premissa fálica é fundamental para a articulação da questão sexual. Por ela, a criança se depara com a possibilidade da falta e da não satisfação de seus impulsos.

Em paralelo com a atividade masturbatória, a criança tem como fonte de satisfação sua relação com a mãe e tem nela um objeto de satisfação sexual, que é o seio. A criança oferece à mãe um amor sexual genital, que não pode ser correspondido. Afinal, o objeto de amor sexual genital da mãe, é o pai da criança, seu parceiro. A outra porção do Complexo de Castração, simultânea à possibilidade de ficar sem pênis, acontece quando a criança percebe que a mãe tem outro objeto de amor, que não é a própria criança e sim o pai. A mãe enquanto objeto de satisfação, hora ou outra se ausenta, o que instaura na criança outra possibilidade de não satisfação. O menino nesse momento, cria uma certa rivalidade com o pai.

Ao perceber a possibilidade real de ficar sem seu penis, a criança abre mão dessa rivalidade. Porque pensa que é o pai, por também ter penis, que pode o menino ficar sem o seu, como castigo pela tentativa de ter a mãe apenas para si. Abrindo mão dessa rivalidade, o menino passa então a se identificar com o pai. Essa identificação ocorre quando a criança percebe que o que faz a mãe escolher o pai como objeto de amor, é o fato de o pai também ter penis. Assim, pela lógica de que abrindo mão da mãe como objeto de satisfação, pode manter o pênis também como objeto de satisfação. E por causa do penis, assim como o pai conseguiu a mãe, o menino pode também conseguir outro objeto de satisfação, que não seja a mãe. Aí a criança pode então direcionar sua escolha de objeto pra outro fim que não seja a mãe. Quando o menino pode com sucesso direcionar sua escolha de objeto para além da mãe, diz-se que houve a Dissolução do Complexo de Édipo.

Já na menina, a premissa fálica também atua instaurando o Complexo de Castração, mas na menina, não há temor da possibilidade de não ter penis. O Complexo de Castração se estabelece na menina quando há a constatação de que há pessoas com penis e ela como menina não tem. A menina a princípio também pensa que todos tem vagina, mas ao se deparar com a diferença genital, ela entende que o penis é uma parte do corpo que ela não tem. Por isso, diz-se que a premissa fálica também funciona na menina. A constatação de que não tem penis faz com a menina, que também tinha a mãe como objeto de satisfação através do peito, abandone a mãe como objeto. Quando a menina abandona a mãe enquanto objeto de satisfação, passa a se identificar com essa mãe. A identificação ocorre quando a menina percebe que a mãe tem como objeto de amor, o pai da criança, que por ser homem, tem um penis. Identificada com a mãe, a menina passa a ter também o pai como objeto de amor, pois ela entende que essa é a forma que ela tem de ter para si um penis.

Com o Complexo de Castração, a menina entra no Complexo de Édipo. O Édipo na menina, consistiria no abandono gradativo da possibilidade da realização do desejo vinculado ao pai. Mas esse impedimento da realização de seu desejo não é tolerada sem uma tentativa de compensação. O desejo pelo pai é mantido por muito tempo, na tentativa de receber do pai, um filho. Para Freud, a possibilidade de solução do Édipo feminino, estaria na maternidade, onde o filho tomaria o lugar de falo, substituindo a necessidade de ter um penis. A menina não teme perder o penis, mas teme perder o amor. Para não perder o amor é que ela abandona gradativamente a possibilidade de realização de seu desejo pelo pai, e direciona sua escolha de objeto para além do pai.

A conduta inconsciente de cada um frente ao Complexo de Castração é que dá notícia a respeito da estrutura do sujeito. Pode-se afirmar então que o sujeito freudiano se constitui nas soluções e cálculos que faz para dar conta de sua dimensão pulsional conflitiva. Entre suas demandas de satisfação pulsional e o atendimento das exigências externas que também suscitam seu instinto de autoconservação. O sujeito comparece à medida em que, através da linguagem, pode nomear e atribuir uma representação-de-palavra à sua representação-pulsional. Essa representação-pulsional porém como já mencionado, é intolerável à consciência, por isso há um conflito. Ela só pode acessar consciência, estando deformada. Nomeando essas deformações, o sujeito trilha o caminho de seu próprio desejo. Por isso, pode-se afirmar que o sujeito comparece no cruzamento entre a pulsão e o inconsciente.

Antônio Teixeira (2016) no posfácio de título "Neurose, Psicose, Perversão: a implicação do sujeito na nosologia freudiana" presente no volume "Neurose, Psicose, Perversão" das

obras incompletas publicadas pela editora Autêntica: "Importa-nos indicar, para além da inclusão do sujeito nas classes determinadas pelos saberes diagnósticos, o dado invariante relativo ao modo singular de satisfação pulsional do qual Freud amiúde extraia a própria nomeação do caso clínico." (p. 341) A noção de sujeito constitui a própria essência do que se denomina campo psicanalítico, composto por duas regiões que não admitem um desmembramento absoluto, a saber: o aparelho psíquico e o campo pulsional (Garcia-Roza, 1994).

1.2 O sujeito Lacaniano

1.2.1 O sujeito como efeito da linguagem

O ensino de Lacan é que se utiliza do termo "sujeito". Nele é que há a formalização desse que não é apenas um conceito, mas uma categoria que convoca o trabalho de articulação com muitos outros conceitos. Para situar o sujeito na teoria psicanalítica, é necessário em alguma medida retornar ao cenário da ocasião de seu princípio. O ensino de Lacan data de um cenário pós segunda guerra mundial, que os psicanalistas pós freudianos, tornaram a teoria psicanalítica em algo muito distante do proposto por Freud. Havia no geral um empuxo para a primazia da consciência e do self, para dar ao indivíduo condições condições de "cura" de seu sintoma e conforma-lo ao modo de produção capitalista vigente. Esse destino para onde caminhava a teoria psicanalítica talvez se devesse em grande parte à busca pela remediação das marcas de sofrimento deixadas pela guerra.

O que Lacan propõe com seu ensino é um verdadeiro retorno à Freud e com isso o retorno da primazia do inconsciente. Lacan resgata a lógica freudiana de que o inconsciente funciona pela via de representações. Essa ideia, como foi visto anteriormente, remete aos estudos freudianos relacionados às afasias, e portanto à linguagem. Para Lacan, a linguagem seria a entrada para a humanização. Sem a linguagem, o humano seria apenas um ser feito de carne. Um animal, não sendo atravessado pela linguagem, não está sujeito aos fenômenos psíquicos que o humano está. Um animal está sujeito apenas a seus instintos. Enquanto o humano, a medida em que se humaniza, pela linguagem, passa a estar sujeito à pulsão. Assim, Lacan estabelece que o sujeito da psicanálise é o sujeito do inconsciente. E o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Portanto, o sujeito seria efeito da linguagem.

A linguagem seria a denominação de qualquer meio sistemático de comunicação de ideias ou sentimentos por meio de signos, que podem ser gráficos, sonoros, gestuais etc. A ciência que se ocupa do estudo da linguagem, é a linguística. É dela que Lacan se utiliza para suas

formulações, partindo das teorizações de Ferdinand Saussure. Em *Curso de Linguística Geral* (1857-1913), que é o compilado de estudos reunidos pelos alunos de Ferdinand Saussure, se encontra a resolução de que "a matéria da linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana" (p.37). A linguística, segundo Saussure "tem relações bastante estreitas com outras ciências, que tanto lhe tomam emprestados como lhe fornecem dados" (p.38). Um desses campos de saber, com certeza é a psicanálise.

A linguagem seria constituída ao mesmo tempo, de um lado social e um lado individual, e não concebe-los mutuamente, é impossível (p.40). A língua então, é uma convenção, que entra como parte essencial da linguagem, tendo duas faces: o social e o individual (p.41). A linguagem é produto de uma construção social, mas que é tomada por cada indivíduo. No uso do indivíduo, a língua toma natureza multiforme (p.41, 42). O estudo da linguagem comporta duas partes: a que tem por objeto a língua, que é essencialmente social e independente do indivíduo, cujo estudo é psíquico; e outra que é a parte individual da linguagem, a fala e a fonação, que é psicofísica (p.51).

Para além das regionalidades que uma língua pode ter, cada um se utiliza de sua língua de maneira completamente particular, para falar. A fala então seria produto de um ato individual (p.45). Para Lacan, o sujeito se constitui também nos processos em que se apropria de sua língua e se utiliza dela à sua própria maneira, pela fala. A respeito disso, Saussure afirma:

Para achar, no conjunto da linguagem, a esfera que corresponde à língua, é necessário colocarmo-nos diante do ato individual que permite reconstituir o circuito da fala. Esse ato supõe pelo menos dois indivíduos; é o mínimo exigível para que o circuito seja completo. Suponhamos, então, duas pessoas, A e B, que conversam. O ponto de partida do circuito se situa no cérebro de uma delas, por exemplo A, em que os fatos da consciência, a que chamaremos conceitos, se acham associados às representações dos signos linguísticos ou imagens acústicas que servem para exprimi-los. Suponhamos que um dado conceito suscite no cérebro uma imagem acústica correspondente: é um fenômeno inteiramente psíquico, seguido, por sua vez, de um processo fisiológico: o cérebro transmite aos órgão da fonação um impulso correlativo da imagem. (p.43)

Roman Jakobson (2008), em *Linguística e Comunicação*, teorizou o paradigma comunicacional. Que estabelece que a comunicação acontece quando um emissor envia uma mensagem, num determinado canal, em um código específico, com destino a um dado receptor. Sendo a fala, o principal meio pelo qual pode cada um se relacionar com o mundo e com os outros, assume importância fundamental no desenvolvimento do psiquismo. É por meio da fala que ocorre uma análise. Porém, Lacan advertido da primazia do inconsciente e da realidade psíquica, ensina que por mais que se possa pensar a fala como um fenômeno da consciência, talvez isso não seja a realidade dos fatos.

Já que o inconsciente é que tem a primazia, a consciência ou o eu, que ao que parece "escolhe" as palavras a serem ditas pela pessoa, está apenas a serviço do inconsciente. Quem realmente faz essa escolha de palavras é o Inconsciente. Devido à ação da consciência, essa fala, é de alguma forma, cifrada. O que tem o poder de decifração dessa fala, é a análise. O paradigma da comunicação é subvertido por Lacan, já que, em termos do paradigma, o emissor não teria propriedade e dominância do que será transmitido. O inconsciente introduz deformações na mensagem que é emitida.

O emissor estaria dividido entre: a consciência, ou o Eu em termos freudianos, que "gerencia" as palavras; e o inconsciente, que aparece como um "estranho", que obriga o "gerente das palavras" a falar para além de si mesmo. Este, que não é identificado com o Eu, e que fala para além da consciência, é justamente o sujeito. O paradigma da comunicação é deposto por Lacan, uma vez que o emissor além de não estar concentrado no Eu, e estar dividido, também se relaciona com um receptor que também é dividido. O receptor, também recebe a mensagem por meio de seu inconsciente. Isso quer dizer que, para Lacan, não há comunicação, antes, há sim um mal entendido. Toda "comunicação" é um mal entendido.

O signo linguístico de Saussure, através do qual pode haver a comunicação no campo da linguagem, seria a união não de uma imagem à uma coisa, mas de um conceito à uma imagem acústica. Isto é, não seria o som material e a coisa puramente, mas sim a impressão psíquica, ou poderia-se dizer, o que Freud nomeou como percepção. Assim a representação de cada um desses elementos dá testemunho dos sentidos. Esse caráter psíquico dos elementos pode ser percebido quando sem mover os lábios ou a língua, alguém pode recitar mentalmente para si um poema, ou falar consigo mesmo. Outra forma de perceber o caráter psíquico dos elementos, é o fato de que as palavras da língua são imagens acústicas. Assim sendo, o signo linguístico é uma entidade psíquica de duas faces: conceito e imagem acústica. Os dois elementos são unidos de maneira que um reclama o outro. Porém, conceito e imagem acústica

são substituídos respectivamente por significado e significante. Isso, já que, os dois termos assinalam uma oposição que os separa. (Saussure 1857-1913 p. 106).

O signo saussuriano é dotado de características primordiais: o princípio da arbitrariedade e do caráter linear do significante. Essas características preveem que a união entre significante e significado é arbitrária. Uma imagem acústica não se une a qualquer conceito, assim como um conceito não suscita qualquer imagem acústica. Ao se pensar na imagem de um mar, a palavra que vem à mente para denominar essa imagem não é outra senão a palavra mar. Por causa dessa arbitrariedade, para Saussure o conceito ou significado precedem a imagem acústica e o significante. Em Saussure, o falante fala a partir do conceito, do significado. O significado (conceito) evoca o significante (imagem acústica). O significado define arbitrariamente o significante.

Em *A Instância da Letra no Inconsciente*, Lacan (1957) estabelece que o contrário é que é verdadeiro, já que o sujeito fala a partir de seu inconsciente. A partir do inconsciente, o significante é que incide sobre o significado. A imagem acústica, ou o significante é que precede o conceito ou o significado. Retomando Freud (1891), o signo seria a representação-de-objeto, formado pela representação-de-coisa (imagem acústica, significante) e a representação-de-palavra (conceito, significado). A representação-de-coisa (imagem acústica, significante), seria a pulsão que evoca a representação-de-palavra (conceito, significado). O sujeito fala a partir dos representantes pulsionais que lhe vem e os nomeia a partir dos conceitos e significados que lhe foram apresentados em seu processo de humanização e entrada na linguagem. Sendo que a união entre significante e significado em Lacan, não é arbitrária.

Fica estabelecido em Lacan (1957), o algoritmo que se lê como: "significante sobre, significado, correspondendo o "sobre" à barra que separa as duas etapas" (p. 500). Porém, não se trata apenas de "desconcertar com um golpe a baixo (p. 503)" o significado em relação ao significante, mas de colocar "a questão de seu lugar de realidade (p.503)". A realidade é a do significante e não a do significado. Lacan "se opõe à correspondência biunívoca entre a palavra e a coisa, nem que seja no ato da nomeação" (p. 500). A estrutura do significante, portanto, estaria em ser articulado como linguagem (p. 504). O significante se compõe, articulando-se, em cadeia, daí a expressão "cadeia significante" (p. 505). A respeito disso, ele escreve:

O que essa estrutura de cadeia significante revela é a possibilidade que eu tenho, justamente na medida em que sua língua me é comum com outros sujeitos, isto

é, em que essa língua existe, de me servir dela para expressar algo completamente diferente do que ela diz. Função mais digna de ser enfatizada na fala que a de disfarçar o pensamento (quase sempre indefinível) do sujeito: a saber, a de indicar o lugar desse sujeito na busca da verdade. (p.508)

O lugar do sujeito, estaria então, não em seu comunicado, mas sim nas entrelinhas do que é dito. Para Lacan (1957) a função propriamente significante que se desenha na linguagem é a da metáfora e da metonímia (p. 508, 509). Metáfora e Metonímia são equivalentes a Deslocamento e Condensação em termos freudianos, respectivamente. Lacan retoma essa estrutura de linguagem de Freud. A Metonímia, como se sabe, é tomar a parte tomada pelo todo. O deslocamento é o transporte da significação feito pela metonímia (p. 515). Desde Freud já havia indícios disso, quando fica fixado que o primeiro amor objetual de uma criança é o seio da mãe, e depois passa a ser o todo do corpo. Já sobre a metáfora, a conjunção de significantes seria o equivalente para a construção da metáfora (p. 510). A condensação seria a estrutura de superposição dos significantes que ganha o campo da metáfora (p. 515). Acontece porém que:

A centelha criadora da metáfora não brota da presentificação de duas imagens, isto é, de dois significantes igualmente atualizados. Ela brota entre dois significantes dos quais um substituiu o outro, assumindo seu lugar na cadeia significante, enquanto o significante oculto permanece presente em sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia. Uma palavra por outra, eis a fórmula da cadeia.... (p. 510)

Do algoritmo Saussuriano, que Lacan (1957) usa a seu modo, priorizando o significante, e das modificações que metáfora e metonímia produzem, é que ele tira também sua função do sujeito. A função do sujeito estaria então no significante (efeito inconsciente) sobre o significado. Assim, a "conexão do significante com o significado, permite a elisão mediante a qual o significante instala a falta do ser na relação de objeto" (p. 519). Deste modo, "servindo-se do valor de envio da significação para investi-la com desejo visando essa falta que ele sustenta" (p.519). Logo, fica mantida no algoritmo a barra que marca " a irredutibilidade em que se constitui, nas relações do significante com o significado, a resistência da significação" (p. 519). Então, por essa estrutura metafórica, "é na substituição

do significante pelo significante que se produz um efeito de significação que é de poesia ou criação, ou, em outras palavras, do advento da significação em questão" (p. 519). Portanto:

Esse jogo significante da metonímia e da metáfora, incluindo sua ponta ativa que fixa meu desejo numa recusa do significante ou numa falta do ser e ata minha sorte à questão de meu destino, esse jogo é jogado, até que a partida seja suspensa, em seu inexorável requinte, ali onde não estou, porque ali não me posso situar. (p. 521)

O processo de união entre significante e significado e por conseguinte a formação da cadeia significante, pela metáfora e metonímia, é um processo inteiramente psíquico, este processo, como dito anteriormente diz respeito antes de tudo à humanização. Os conceitos são apresentados a cada sujeito por meio de uma transmissão. O modo como cada um é apresentado ao mundo e aos conceitos e como os associa a seus representantes pulsionais inconscientes é que se diz ser a constituição do sujeito. Esses representantes pulsionais, são suscitados pela incidência da linguagem e é pela linguagem que eles podem ser nomeados. O modo como cada um recusa ou aceita os significantes que lhe são apresentados e a partir da falta pode reconhecer seu desejo, é que constitui o sujeito.

Em *Notas sobre a Criança*, texto presente em *Outros Escritos*, Lacan (1969) diz que a constituição subjetiva, é do irreduzível de uma transmissão e que implica uma relação com o desejo e não uma vida de acordo com a satisfação das necessidades. Lacan (1969) assinala que pertence ao pai e à mãe, não apenas enquanto progenitores de uma criança, mas como aqueles que exercem as funções que conhecemos como *paterna* e *materna*, a missão dessa transmissão. É da mãe: “na medida em que seus cuidados têm a marca de um interesse particularizado, ainda que o seja pela via de suas próprias faltas”. E do pai: “na medida em que seu nome é vetor de uma encarnação da Lei no desejo.”

Essa transmissão parece ser feita a partir também do que Lacan (1938) como complexos. Em *Os complexos familiares na formação do indivíduo*, presente em *Outros Escritos*, Lacan afirma que os complexos demonstram desempenhar papel organizador no desenvolvimento psíquico (p.35). Sendo assim: "denominam os fenômenos que, na consciência, parecem os mais integrados na personalidade; assim é que são motivadas, no inconsciente" (p. 35). Sendo assim, cada sujeito passa por pelo menos três complexos, sendo eles: o complexo do desmame, o complexo da intrusão e o complexo de Édipo.

O primeiro complexo, o Complexo do Desmame, se dá desde o nascimento, aos seis meses. Ele é descrito por Lacan (1938) como o “complexo mais primitivo do desenvolvimento psíquico” (p. 36), que “fixa no psiquismo a relação da amamentação, sob a forma parasitária exigida pelas necessidades da idade mais tenra do homem” (p. 36) sendo por isso, “o desmame mais antigo, mais penoso e de maior amplitude vital: aquele que no nascimento separa a criança da matriz, separação prematura da qual provém mal-estares que nenhum cuidado materno pode compensar”. Nele, a criança se vê como uma extensão da mãe. Portanto, o que ele enxerga do corpo da mãe, é também seu corpo. Em Freud, fica estabelecido que a pulsão se estabelece apoiada em uma necessidade fisiológica. No complexo do desmame pode-se perceber que a necessidade fisiológica da lactação começa a dar lugar ao aspecto pulsional vinculado a ela. A satisfação passa existir para além do fisiológico. O bebê se satisfaz de leite, mas também pulsionalmente. E às vezes ainda, se satisfaz apenas pulsionalmente, sem ao menos experimentar do leite, experimentando apenas da experiência do seio materno.

Lacan (1938) diz que o instinto materno deixa de atuar no animal quando se consuma o fim da amamentação. Já no homem esse fim se dá condicionado por uma regulação cultural. Sendo assim, ele deixa a marca permanente da relação biológica que ele interrompe (p. 37). Assim, a recusa do desmame fundaria o lado positivo do complexo, “isto é, a imago da relação de amamentação que ela tende a restabelecer” (p. 37). Essa imago seria dada por sensações próprias da idade precoce, mas só teriam forma à medida em que se organizam mentalmente. Mas esta seria uma etapa anterior ao advento da linguagem, por isso, não podem ser representadas na consciência. Mas elas se reproduzem nas estruturas mentais, que moldam experiências psíquicas posteriores (p. 37). Há uma precocidade e eletividade das reações da criança à aproximação e ao afastamento das pessoas que cuidam dela. Essas reações eletivas fazem perceber que há na criança um conhecimento muito precoce da presença que exerce a função materna (p.38). A saturação do complexo funda o sentimento materno (p.42).

O Complexo da Intrusão, por sua vez, é vivido no período da instauração do Estádio do Espelho e se prolonga por um ano ou mais (do sétimo ao décimo oitavo mês), corresponde ao declínio do Complexo do Desmame. O Estádio do Espelho, marca em Lacan o equivalente à relação narcísica freudiana. Lacan (1949) em O Estádio do Espelho como formador da função do Eu, texto presente nos Escritos, diz que como indica o título, o Estádio do Espelho fundaria a função do eu. Porém fundaria a função do eu, tal como é revelada na experiência da

psicanálise, aquela que se opõe à filosofia oriunda do Cogito. Ou seja, é formador da função do eu, não enquanto consciência, mas inconsciente, é formador da função do sujeito.

O Estádio do Espelho seria composto por pelo menos três tempos, que funcionam como dinâmica. Sendo assim, um tempo não "completamente superado", para que se passe para o outro. Antes há um funcionamento pendular, em que a criança pode avançar e regredir. Lacan narra a experiência do estágio do espelho como sendo uma sucessão de momentos em que uma criança, no estado de desamparo em que nasce, é sustentada por um adulto em frente a um espelho, até que se reconheça na imagem que vê no espelho. Essa atividade, segundo Lacan (1949), é compreendida como uma identificação, ou seja, uma transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem. Esse efeito seria indicado pelo termo *imago* (p.97).

Num primeiro instante, a criança percebe uma imagem no espelho, mas a sensação que a acomete é de profundo estranhamento. Ela desconhece completamente a imagem que percebeu no espelho. Reage com estranheza à imagem. A imagem que a criança vê é a de um outro, uma exterioridade. Há uma confusão entre imagem virtual e imagem real. Num segundo instante, a criança é acometida de uma experiência de transitivismo, uma fragmentação do corpo. A criança não sabe distinguir se o corpo está na imagem do espelho, ou no lugar dela enquanto espectadora. Há uma ausência de unidade no corpo. No terceiro e último momento a criança se reconhece na imagem que se precipitou no espelho. Mas só pode o fazer, porque o adulto que a sustenta frente ao espelho, nomeou aquela imagem como sendo a imagem da criança. É possível então, realizar a unidade da imagem, de forma que a criança entenda que a imagem a simboliza. A criança consegue integrar a imagem virtual e a real, ocorrendo portanto, a integração simbólica da imagem. Assim, Lacan (1949) narra essa experiência:

A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio da infância parecer-nos-á pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito.

Essa forma, aliás, mais deveria ser designada por [eu]-ideal, se quiséssemos reintroduzi-la num registro conhecido, no sentido em que ela será também a

origem das identificações secundárias, cujas funções reconhecemos pela expressão funções de normalização libidinal. Mas o ponto é que essa forma situa a instância do eu, desde antes de sua determinação social, numa linha de ficção, para sempre irreduzível para o indivíduo isolado - ou melhor, que só se unirá assintoticamente ao devir do sujeito, qualquer que seja o sucesso das sínteses dialéticas pelas quais ele tenha que resolver, na condição de [eu], sua discordância de sua própria realidade. (p. 97, 98)

A imagem no espelho, diz Lacan (1949), antecipa a forma total do corpo da criança, numa exterioridade (p. 98). Então "a permanência mental do [eu], ao mesmo tempo que prefigura a destinação alienante; é também repleto das correspondências que unem o [eu] à estátua em que o homem se projeta" (p.98). Assim, o estágio do espelho tem como função, estabelecer a relação do organismo com sua realidade, o mundo interno com o mundo externo (p. 100). Porém, essa relação com a natureza é alterada pela discordância primordial dos sinais de mal-estar trazidos pela prematuração do nascimento humano. Laca, chama a criança neste estado de prematuração, de corpo despedaçado (p. 100). Lacan (1949), assim escreve:

Esse desenvolvimento é vivido como uma dialética temporal que projeta decisivamente na história a formação do indivíduo: o estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação - e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde sua uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica - e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. (p.100)

Além de passar pela experiência frente ao espelho, o Complexo de Intrusão, representa a experiência feita pelo sujeito primitivo, de ver seus semelhantes, participarem também das vivências domésticas. Isto é, quando a criança se identifica com seus irmãos (Lacan, 1938 p.42). Lacan (1938) aponta que o ciúme infantil tem papel de colaboração na gênese da sociabilidade infantil. Isso porque, o ciúme representa não uma rivalidade, mas uma

identificação com seus pares. Então, o [eu] constitui-se ao mesmo tempo que o drama do ciúme (p.49). A relação com o irmão, tem um sentido traumatizante e é dele que se faz também a intrusão (p. 50). Mas o irmão também proporciona à criança um modelo arcaico do eu (p. 50). Essa relação colabora para que a criança esteja identificada à fantasia fálica da mãe e queira responder a ela enquanto objeto. Criando uma certa unidade entre mãe e criança. A criança fica identificada ao que consegue ler do desejo do outro. Ela quer ser o que consegue imaginar que o outro queira. Se identifica com o falo para o desejo do outro.

Por fim, a criança passa pelo Complexo de Édipo. Esse complexo, marca todos os níveis do psiquismo. É o eixo por meio do qual a evolução da sexualidade se projeta na constituição da realidade (Lacan 1938, p.55). O movimento do Édipo é operado por um conflito triangular no sujeito (p.56). Na leitura lacaniana, o Édipo ocorre em três tempos. O primeiro tempo do Complexo de Édipo segundo Lacan, seria a correspondência da criança ao falo que ocorreu no Estádio do Espelho e Complexo da Intrusão. Esse momento constitui a estrutura do Ideal de Eu, aquilo que a criança acha que precisa ser, para ser desejo na posição de falo. E também constitui a estrutura do Eu Ideal, uma espécie de reserva narcísica, uma posição em que a criança é integralmente amada pelo outro, independente do que faça. Neste primeiro momento, a criança lida com a falta pela lógica da frustração. A frustração seria uma falta imaginária, que supõe que o outro teria o que falta à criança mas não lhe dá. Desencadeando na criança respostas de raiva e ódio e a ideia de impotência por presumir que o outro é onipotente.

Já o segundo tempo do Édipo, corresponde a uma crise ou instabilidade narcísica. Essa crise terá como resultado uma nova relação com a imagem de si, com o corpo próprio da criança. Isso acontece porque a criança passa a não se identificar integralmente com o falo para a mãe. Passa a se dar conta de que não é o falo para a mãe e que a mãe deseja algo para além da criança. A mãe deseja um terceiro, a entrada deste terceiro é que desencadeia essa crise narcísica. Essa crise, retoma crises anteriores, como por exemplo a crise na chegada de um irmão que ocorre com o Complexo de Intrusão. A Intrusão seria justamente a sensação de que um terceiro perturba a relação amorosa dual, entre mãe e criança. Outra crise que é retomada é a do Complexo do Desmame.

Na menina essa retomada seria importante, para a constituição da feminilidade, pois a partir dela, reinterpretar sua relação como o corpo, produzindo uma relação de inadequação que retoma o Complexo do Desmame, enquanto a criança ainda se vê como uma extensão da mãe. Neste segundo tempo do Édipo surge para a criança uma inquietação: O que o outro quer de mim? Já que ela não está mais identificada à posição de falo. E o que o outro quer deste

terceiro? Já que a criança passa a entender que ele compõe a estrutura da relação. Neste momento, a frustração se transforma em privação. A privação é a falta real. A criança entende que o outro não é onipotente. Ela interpreta que há nele uma falta e que esta falta concerne também à criança. É uma falta constitutiva. A falta não é relativa a algo que um dia se teve e foi perdido, mas é relativa a algo que nunca foi tido, nem pela criança, nem pelo outro.

Até que se chega ao terceiro tempo do Complexo de Édipo, que é relativo ao Complexo de Castração. Neste tempo, há um terceiro modo da falta: a Castração Simbólica, que produzirá um efeito de simbolização do narcisismo. As identificações tomam um lugar de projeção futura, já que a criança entende que não pode desejar a mãe ou o pai. Não podendo desejá-los, ela se identifica com eles, para então numa projeção futura, por ter alguém como a mãe ou como o pai, como o objeto. O menino se identifica com o pai, para ter alguém como a mãe como objeto. A menina se identifica com a mãe para ter alguém como o pai como objeto. Essa equação implica numa renúncia simbólica, implica em abrir mão da mãe ou do pai enquanto objetos. Entendendo então que a mãe e o pai são objeto pertencentes um ao outro e que no futuro, a criança pode ter objetos equivalentes.

Essa operação é chamada por Lacan, de Metáfora Paterna. A Metáfora Paterna corresponderia a um certo recalçamento de posições narcísicas que estariam em contrariedade com o narcisismo. Assim, a crise narcísica juntamente com o Complexo de Castração e a Angústia de Castração diminuem, devido a essa nova identificação simbólica chamada de Metáfora Paterna. A partir daí, com o desenvolvimento da adolescência, puberdade e demais fenômenos pelos quais alguém pode vir a passar, há também um novo posicionamento frente ao desejo. A cada situação em que é necessário tomar uma decisão ou um passo para uma posição desejante, há uma retomada de todo o processo e um reenfrentamento da crise narcísica. O processo de produção de novos sintomas, estaria também associado à perturbações narcísicas.

Uma unidade mãe-criança que a princípio é fundamental, mas que precisa ser rompida, quem tem a função de promover esse rompimento e por conseguinte uma triangulação é o Nome-do-Pai. A Metáfora Paterna é operada por meio do Nome-do-Pai. Porém, a ação do Nome-do-Pai pela via da Função Paterna ou da Metáfora paterna não estão ligadas inevitavelmente ao pai biológico, mas sim a uma nomeação por parte da mãe a um outro. Nesse sentido, a função paterna leva a instalação e assimilação de um nome, o nome serve à função paterna barrando a unidade mãe-criança, protegendo a criança de uma situação dual potencialmente perigosa.

A função paterna tem inúmeras implicações na constituição subjetiva, sendo imprescindível para tal. Ela age como uma âncora para a criança na linguagem, uma bússola, um norte, a possibilidade de assimilar a linguagem, de vir a ser na linguagem. O significante primordial, como explica Fink (1998) é instaurado através dessa operação. Por meio dela, é promovido o enlaçamento do sujeito com o social, a realidade e a cultura. Possibilita a instituição da ordem simbólica, dando ao sujeito a capacidade de funcionar pela via das representações. O nome do pai funciona como operador simbólico, como o ordenador da cadeia significante à medida em que é o próprio significante primordial, tornando-se deslocável e possibilitando o deslocamento da cadeia significante.

Para além disso, a instância do Pai simbólico é antes de mais nada a referência à Lei da proibição. E a relação do sujeito com a lei, diz de uma estrutura. Essa estrutura, pode se dizer, é fruto da relação do sujeito com lei que opera a fenda da divisão do sujeito. Se o sujeito introjeta a lei, elege a neurose (histérica ou obsessiva). Se essa lei não opera em tempo hábil, ela a foraclui e não se assujeita a ela, perdendo seu laço com a linguagem (psicose). Se essa lei é conhecida mas não reconhecida (denegação), o sujeito é um perverso.

Essas operações, porém, só podem ocorrer pela via do processo psíquico nomeado como Alienação e Separação. Alienação fala de um assujeitamento, e é assim que Bruce Fink (1998) começa a explicar esse processo. Ele diz que a criança se assujeita ao modo como a mãe lhe apresenta o mundo, perdendo a si mesma, mas ganhando a oportunidade de advir enquanto sujeito pela linguagem. O sujeito existe na medida em que a palavra o moldou. Para ele, a alienação representa a instituição de uma ordem simbólica e a atribuição de um lugar ao sujeito nessa ordem. A Alienação dá origem a possibilidade pura de ser, um lugar onde espera-se encontrar um sujeito, mas que no entanto permanece o vazio. A alienação engendra um lugar onde algo está visivelmente faltando. O primeiro vislumbre do sujeito é justamente essa falta.

Já na separação há um confronto entre a criança e o desejo da mãe. A separação, causa o desejo da criança, a medida em que não mais se identifica com o falo. Por isso podemos dizer que o sujeito é causado pelo desejo da mãe. Se a alienação causa o sujeito pelo desejo da mãe, desejo esse que precede seu nascimento, na separação o sujeito ainda alienado tentará lidar com o desejo da mãe e como esse desejo se manifesta em seu mundo. A criança tem por missão sondar o desejo da mãe, chamada então de Grande Outro materno. Desejo esse que está em constante mudança, forçando a criança a entender que não é o único interesse da mãe. Na separação parte de um Outro barrado - tanto no sentido de dividido (consciente e inconsciente) quanto no sentido de incompleto, que busca a completude e satisfação fora de si

(isto é da unidade que a criança ainda crê ser junto a mãe), cujo desejo se contradiz e tem o fluxo frequente.

2. Alteridade Na Constituição Subjetiva de Freud à Lacan

Todo ser humano, ao menos em rigor na neurose, se vê e se assiste como personagem principal de sua própria história. O estabelecimento de um "Eu", ocorre nos primeiros anos de vida de uma criança. Posteriormente ocorre a descoberta de que ela e o mundo exterior não são uma unidade ou uma coisa só. Fica estabelecida então, uma distância, uma diferença. A essa diferença, pode se chamar, alteridade. Isso como, há de se discutir a seguir é em alguma medida, crucial para que o sujeito se estruture psicologicamente, consiga viver e estar no mundo.

Pense em um engarrafamento, um tráfego intenso de automóveis: essa pode ser uma ilustração que permita enxergar o que há de ser tratado como uma imagem. Dentro de cada carro há uma ou mais pessoas, vivendo suas próprias vidas. Cada uma tem sua própria história e enxerga o mundo de seu próprio ponto de vista. Ainda que todas essas pessoas estejam no mesmo ponto da cidade, em um ajuntamento, cada uma delas está ali por um motivo distinto, indo a um lugar distinto, com intenções e finalidades distintas.

Pela tendência em centralizar sua própria vida e existência, alguém dentro de um desses carros pode até pensar, num instinto quase que persecutório, que alguém que o cortou bruscamente ou que todos a sua frente andando de forma lenta, estão ali estritamente para lhe prejudicar ou lhe impedir de realizar seu objetivo. Agora imagine esse tipo de pensamento ocorrendo para cada uma das pessoas, em cada um dos carros. Não se pode dizer com certeza, mas provavelmente, é isso que acontece.

Esse exemplo tipifica uma tendência natural de todo homem: a de centralizar sua própria existência e de conceber-la de maneira paradigmática, como um modelo ou padrão. É como se cada um convencesse a si mesmo que seu próprio modo de ser e viver a vida fosse o correto, que não houvesse outros modos. O problema acontece quando, cada um, além de estar convencido disso, se acha no direito e no dever de convencer outros do mesmo. Há aí o movimento de estabelecer-se enquanto padrão e a tentativa de "colonização" do outro.

Ora, já que, o que causa mal estar é a distância e a diferença entre o "Eu" e o mundo exterior, qual melhor resposta e maneira de acabar com esse mal estar, do que diminuir essa distância e diferença, não é mesmo? A diferença e a distância entre o "Eu" e o "Outro" produz mal estar e ódio, um instinto de incorporar em si mesmo o que está fora, como uma antropofagia. Ao que parece, a diferença atemoriza e aparece como uma ameaça. Ameaça a autopreservação e a conservação da espécie. Isso aponta e escancara tendências animais na raça humana. O ser humano tenta se desvencilhar e se distanciar dessas tendências,

recalcando-as, esquecendo-as. Mas o esforço para tal é grande demais e por vezes é insuficiente, trazendo à tona isso que se luta tanto para esconder.

2.1 O Eu e o outro, Entre eles, a Alteridade

Uma simples busca no Google pelo termo alteridade, entrega a seguinte descrição: "natureza ou condição do que é do outro, do que é distinto". Sumariamente, se trata de tudo aquilo que é "não eu" e que, portanto, estabelece por consequência, uma diferença caso o ponto de vista primário seja o "eu". Estabelece, ou é por si só, uma distância entre "Eu" e "Outro". O termo deriva do latim "alterias", que em tradução livre significa "outros".

A alteridade torna possível perceber a si mesmo como oposição ao outro. Tem a ver com a capacidade do indivíduo, de percepção do mundo para além de "si mesmo". É o que permite a cada um a acuidade de não ter a si mesmo, ou seu grupo social, como o padrão. É o que possibilita romper com a ideia do "Eu" enquanto paradigma. É o que faz emergir no horizonte o "Outro" e seu modo de ser e viver. É o que torna possível a opção de considerar legítimo o que diverge do modelo imposto pelo "Eu".

Alteridade é um tema ou conceito que pode ser tecido sob a ótica de vários campos de saber como a filosofia e as ciências sociais como a sociologia, antropologia, as ciências políticas. Também não está distante de ser abordado por campos como o da psicologia e porque não da psicanálise. Isso, já que indivíduo e sociedade se estabelecem mutuamente. Descobertas a respeito da constituição subjetiva lançam luz sobre o que ocorre nas dinâmicas humanas em sociedade e o inverso também ocorre. A alteridade está na entrelinha dos fatos, das relações e do cotidiano, ao passo que também está escancarada mas é de difícil captura e apreensão.

Ao que parece, na filosofia, a noção de alteridade ocorreu com Platão. No diálogo sofista, Platão estabelece os cinco gêneros supremos. Os cinco gêneros possibilitam a compreensão dos aspectos lógico, ontológico, epistêmico, linguístico e político da realidade. São a associação entre determinadas ideias que se relacionam mutuamente fundamentando sua teoria e impedindo-a de cair em contradição. Os cinco gêneros seriam: o ser (e o não-ser), o movimento, o repouso, o mesmo e a diferença. Cada um desses gêneros são predicativos, isto é, tem características, atributos e propriedades inerentes a seu ser. São o que são e não são o que não. Portanto, podem ser explicados a partir de seu oposto. Como exemplo disso, pode se ter "dentro" e "fora", "eu" e "outro".

Este é um conceito que também é muito caro à antropologia e à sociologia, bem como as ciências sociais. A antropologia se encarrega do estudo da humanidade de maneira totalizante,

abrangendo todas as suas dimensões. Já a sociologia fica a cargo do estudo da sociedade, do comportamento humano em relação a seu meio e os processos de interligação e interação entre os seres humanos. É por meio da consideração do campo da alteridade na produção de saber desses campos de conhecimento que se pode fugir da armadilha forjada pelo próprio ser humano de estabelecer sua própria narrativa como a hegemônica. Sem a alteridade incorre-se no erro do etnocentrismo.

No contexto da psicologia a questão do outro, toma uma proporção elementar e nuclear. Sabe-se que toda psicologia é social, mas especialmente no campo da psicologia social, propriamente dito o caráter fundamental desse conceito fica ainda mais séria. A psicologia só pode existir e ser feita se houver o reconhecimento da existência do "outro" pelo "eu". E mais que isso, não é possível haver um "eu", uma experiência de subjetividade ou o campo estritamente psicológico, sem que esse "eu" seja atravessado por esse "outro". O "eu" constitui-se, por meio do "outro". É possível dizer inclusive que o que se chama de "eu" acontece em resposta, ou é formado como reação ao atravessamento do "outro". O que se encontra na subjetividade ou no campo psicológico de cada um, nada mais é do que o que pode produzir de sentido depois do advento desse atravessamento. O sujeito é com efeito uma resposta ao atravessamento do outro.

O viver em sociedade, se funda na capacidade de interação entre os indivíduos. E para tal é necessário o reconhecimento de que há algo além de "Eu", no mundo em que se vive. Brandão (1986) explica que, tomar consciência da alteridade seria reconhecer a diferença e que: "nem tudo é o que sou e nem todos são como eu sou". Mais a frente, no mesmo trecho, ele continua, afirmando que "O outro é um diferente e por isso atrai e atemoriza. É preciso domá-lo...".

A essa sensação de atração e ao mesmo tempo temor e estranheza, Freud denominou *Unheimlich*. A tradução para português tomou vários significantes, a depender da editora e do tradutor, que colaboram para a elaboração e compreensão do conceito. Na Editora Autêntica, cuja tradução foi realizada por Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares, o termo ganhou em português a tradução *Infamiliar*. Para a Editora Companhia das Letras, com tradução feita por Paulo César de Souza, ficou como *Inquietante*. Já para a edição Standard Brasileira, da Editora Imago, foi traduzido como *Estranho*.

Na publicação promovida pela Editora Companhia das Letras, que leva o nome de *O Inquietante*, é possível ler: "o inquietante é aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, ao bastante familiar." (p.331) E mais a frente:

a palavra *heimlich* ostenta, entre suas várias nuances de significado, também uma na qual coincide com seu oposto, *unheimlich*. O que é *heimlich* vem a ser *unheimlich*.[...] Somos lembrados de que o termo *heimlich* não é unívoco, mas pertence a dois grupos de ideias que são alheios um ao outro: o do que é familiar, aconchegado, e do que é escondido e mantido oculto. (p, 337, 338)

É notável, portanto, que *heimlich* é um vocábulo cujo sentido toma um curso dúbio, ambíguo, até que no fim coincide com seu oposto. Isso ocorre já que, como será melhor descrito a seguir, em alguma medida, o que é conhecido, falha em ser reconhecido como tal. Não havendo tal reconhecimento, o que resta é a estranheza, o oculto, o obscuro.

No texto proposto por Gilson Iannini e Pedro Heliodoro Tavares, que inicia o volume O Infamiliar (1919) da editora Autêntica, é possível o seguinte:

Não é incomum experimentarmos situações que nos fazem dizer coisas do tipo: 'seu rosto é familiar', 'isso me soa familiar', 'este lugar me é tão familiar!'; mas nesses casos, não raro, ao pronunciarmos 'familiar', insinuar, numa corrente silenciosa e inaparente, também seu exato oposto. Como se, na verdade, disséssemos algo do tipo: 'seu rosto me é familiar [mas não me lembro de onde, (e/ou) nem se quer me lembro do seu nome].', ou 'isso me soa meio familiar [embora pareça meio estranho]', ou ainda 'esse lugar me é tão familiar [mas não sei bem por quê, acho que nunca estive aqui]'. (p. 10)

Suponhamos que alguém precise contar uma história que lhe ocorreu. Para que essa pessoa consiga fazê-lo, seu organismo psíquico precisa "buscar nos arquivos" de sua memória a "pasta" referente a tal experiência. Quando a "pasta" é encontrada, ela é projetada na consciência do sujeito. Como slides de powerpoint em um grande telão. Essa vivência é representada. Ela não é o fato em si, ocorrendo novamente, mas é a representação dele. Assim como o desenho de uma árvore não é a árvore em si, mas pode representar a árvore, para quem vê o desenho.

Essa "pasta" existe neste "depósito", mas não é usada o tempo todo. Apenas quando é solicitada ou suscitada. O mesmo acontece não só com memórias, mas com todo e qualquer conhecimento que o sujeito possa ter. Alguém que sabe dirigir não se lembra ou pensa o

tempo todo em como fazê-lo. Dificilmente vai pensar no movimento que precisa fazer com os pés na embreagem, para passar uma marcha, enquanto está lendo um livro e prestando atenção na história que está sendo contada nele. Porque ao ler o livro sua consciência está preocupada em representar a história que está sendo lida. Contudo, se esse alguém entra em um carro, sabendo dirigir, irá se lembrar do que deve fazer, já esse conhecimento foi solicitado.

Todavia, pode ocorrer uma falha no trajeto da busca desta "pasta" e até mesmo no movimento de representá-la ou projetá-la na consciência. Essa falha ou equívoco, impede que essa "pasta" desempenhe a função para a qual foi solicitada. Ela ainda existe, está lá, mas não pode desempenhar sua função. A memória, ou o conhecimento referente à "pasta" não deixa de existir por não ter sido usada.

Pode ser isso o que Freud quis dizer ao empregar o conceito de infamiliar. No exemplo dado por Iannini e Tavares, a expressão "familiar", carrega seu sentido oposto. Para compreendê-la, pode-se partir de seu oposto. Nesse sentido, algo só seria "familiar" porque falhou em ser projetado na consciência, falhou em sua função. Essa falha é que provoca estranheza e o sentido de "infamiliar" mesmo que se refira a algo "familiar". O Infamiliar expressa uma negação, já que a afirmação falhou.

O sujeito não precisaria dizer que algo lhe é familiar se ele simplesmente se lembrasse daquilo. Se algo já lhe é conhecido, basta apenas lembrar. Por isso "familiar" expressa seu oposto. Porque designa algo que é conhecido, mas afastado da consciência. Ao mesmo tempo que é "familiar" também é infamiliar. *Unheimlich* indica a estranheza que envolve deparar-se com algo íntimo e desconhecido ao mesmo tempo.

Há aqui uma aproximação com o campo da alteridade, uma vez que "eu" e "outro", assim como "familiar" e "infamiliar" são opostos, mas constituem-se mutuamente. Assim como o familiar, ocorre devido ao infamiliar, o eu ocorre devido ao outro. A estranheza que acontece entre familiar e infamiliar acontece entre o eu e o outro. A diferença entre o eu e o outro, provoca a estranheza designada pela expressão freudiana *Unheimlich*.

O que há de mais íntimo e singular no eu, se desenvolve no eu, em virtude e em reação ao seu encontro com o outro. Nesse encontro é estabelecida uma diferença, um ponto no outro que o eu repudia. Entretanto, se o eu volta-se para ele mesmo, acaba por encontrar, como num espelho essa diferença e ponto de repúdio. Como se ela fizesse parte dele. Descobre que o que repudia no mundo exterior também está dentro dele. Não só está, como é o que ele tem de mais particular e essencial.

2.2 O Estranhamento na Constituição Subjetiva.

A estranheza trabalhada anteriormente parece acompanhar a teoria psicanalítica desde seu princípio. E ao fim da exposição do primeiro texto freudiano abordado nesta seção, será possível compreender o porquê. Freud (1950[1895]) em seu *Projeto para uma psicologia científica*, uma publicação ainda pré psicanalítica, estabelece algumas ideias desde o princípio que vão tomando cada vez mais força e característica fundamental do ponto de vista teórico. Neste escrito pode-se ver que tanto a linguagem, quanto o raciocínio e a maneira de demonstrar o raciocínio - por meio de chaves e abreviaturas, quase como fórmulas matemáticas- utilizadas por Freud ainda estão bastante referidas à uma percepção biologizante. E com razão, já que o mesmo era médico e por estar nesse meio suas publicações tinham como público seus semelhantes. E também por conta de que, por estar criando algo novo, sua teoria ainda precisava ganhar força, para aí então, já como uma disciplina independente se utilizar de sua própria linguagem, sem prejuízos para seu estabelecimento.

Nota-se então pelas razões expostas acima, que Freud (1950[1895]) se utiliza muito, neste primeiro momento de uma percepção biológica. Isso é nítido à medida em que faz sua primeira formulação a respeito do aparelho psíquico e seu funcionamento. Ele descreve esse funcionamento por meio de sua teoria dos neurônios. Haveriam então, sistemas neuronais permeáveis, impermeáveis e perceptuais. E a centralidade deste funcionamento ainda está bastante articulada à consciência e ao que instaurou como Ego. Apesar de algumas dessas ideias terem sido abandonadas e outras modificadas ao longo da construção teórica, outras se provaram com o tempo e tomaram ainda mais força, fundamentando e possibilitando outras construções. A seguir será desenvolvido um pequeno apanhado dessas ideias que tomaram força na teoria e se iniciaram aqui. Isso será necessário e produtivo, à medida em que se pode apontar no referido texto, o princípio de muitos conceitos, que serão amplamente utilizados adiante na presente pesquisa. Podendo assim, ser apenas retomados à medida em que houver necessidade.

Logo nas primeiras páginas de *Projeto para uma psicologia científica*, Freud (1950[1895]) aponta uma ideia já mencionada, a de que o indivíduo se acharia sujeito ao que ele chamou de *exigências da vida*. Ele advoga que todo o sistema tenderia à *inércia* mas que por estar sujeito a tais exigências, seria obrigado a abandonar essa tendência. A tendência à *inércia* é abandonada por meio da *catexia* dos neurônios. Isto é, os neurônios sendo investidos de energia, se colocavam em contato com outros neurônios, deixando o estado de *inércia*. A

catexia funcionaria como carga e descarga de estímulos no neurônio, o que provocava excitação em todo o sistema. A propensão do sistema à descarga, ocorre para eliminar a excitação, ou *alteração interna*. Essa *alteração interna* é recebida pelo sistema como *desprazer*. Isso porque, como já dito, a tendência do sistema é sempre à *inércia*, captada pelo mesmo como *prazer*. O impulso que sustentaria toda essa atividade psíquica, seria chamado por Freud (1950[1895]) de *pulsão*.

Ocorre que, há no organismo *tensão* constante, uma vez que o sujeito está sempre separado do *objeto que deseja*. Para ele, as descargas operadas pelo organismo, não são capazes de provocar alívio suficiente, visto que o estímulo para *tensão* não cessa de ser recebido. O alívio suficiente só pode ser alcançado por meio de uma intervenção externa, que suspenda provisoriamente a *tensão*. Uma intervenção externa que possibilite aproximação ao *objeto desejado*. A princípio, o organismo humano é incapaz de fornecer essa intervenção. E o desamparo frente a essa incapacidade, diz Freud (1950[1895]) é a *fonte primordial* de todos os *motivos morais*. Em outras palavras, uma criança não pode ter suas necessidades satisfeitas sem auxílio externo, de um cuidador. O Desamparo frente a essas necessidades, ou a falha do cuidador em promover a aproximação com o *objeto*, seria a fonte primordial de certos efeitos ao psiquismo.

Diz Freud (1950[1895]), que a aproximação com o *objeto* constitui uma *experiência de satisfação*. A primeira *experiência de satisfação* vivida pelo sujeito, é tão intensa, que provoca em seu psiquismo o que ele chamou de *marca mnêmica*. A totalidade do evento das *catexias* ocorre com a finalidade de reencontrar tal experiência. Isto é, daí em diante o que o sujeito busca seria não apenas reviver tal experiência, relembrando uma memória mas, mais precisamente experimentar novamente os efeitos dessa *experiência de satisfação*. Assim sendo, toda *catexia* realizada, tem como finalidade reproduzir essa *experiência de satisfação*. Acontece porém, que é impossível reproduzi-la de modo a fornecer a mesma intensidade de experiência, já que o material que a *catexia* carrega é apenas a *representação da memória* e não ela em si.

Antônimo à *experiência de satisfação* existe também a *experiência de dor*, onde há *catexia* de *objetos hostis*. Freud (1950[1895]) diz que a *atração* positiva para o *objeto desejado* ou por manter a *catexia* de sua *imagem mnêmica* seria a *atração de desejo*. Enquanto a repulsa ou a aversão em manter a *catexia* de uma *imagem mnêmica hostil* ou de dor, chamou de *defesa primária* ou *recalcamento*. O recalcamento é um dos conceitos que darão subsídio a construções conceituais fundamentais para a psicanálise. Acontece que, com o tempo, descobriu-se que, o *recalque* pode agir também sobre o *desejo* e não só sobre a dor

ou *imagens mêmicas hostis*. Isso já que, certos *desejos* podem encontrar no mundo externo poderosos vetos, que não só impedem sua realização como também o censuram.

Tal censura é o que torna para o sujeito, infamiliar e desconhecido, alguns dos elementos mais íntimos de sua subjetividade. Como mencionado no princípio desta seção, aqui é que se encontra a razão pela qual a estranheza e a infamiliaridade estão presentes desde o princípio da teoria freudiana. Parte fundamental da subjetividade se encontra propositalmente encoberta por um movimento empreendido pelo próprio organismo psíquico.

O pensamento freudiano vai se provando ao longo de sua caminhada. Freud inicia sua escuta às histéricas e por meio delas encontra validade para muitas de suas hipóteses. As histéricas eram pacientes, em sua maioria mulheres. Que apresentavam sintomas físicos, como perda de visão, paralisia em membros como braço e perna. Contudo, estes sintomas não tinham origem biológica ou fisiológica. Isto é, ao examinar o corpo, não se achava nele o princípio do sintoma. Tomando o exemplo da perda de visão, não havia nenhuma perda ou anomalia no sistema visual ou nervoso que resultava na visão ou perda dela.

Como foi visto no capítulo anterior, em *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos*, Freud (1893) aborda a questão do *trauma psíquico* enquanto fundamento dos fenômenos histéricos. Ele descreve que neste tipo de neurose, um ferimento físico, uma lesão ou acontecimento traumático externo à paciente que lhe ocorreu, não é imperiosamente a causa efetiva da doença. Mas sim, o afeto de pavor associado a certas vivências, não necessariamente traumáticas. O trauma psíquico, portanto, seria a associação da ideia com o afeto, que provocaria o efeito traumático. Pavimentando assim o caminho para a introdução da ideia de realidade psíquica.

A ideia de trauma psíquico carrega consigo uma complexidade que muda a perspectiva de escuta e trabalho em análise. Quando se pensa em uma situação traumática, no senso comum, se pensa em um evento que no momento em que ocorreu teve substância de horror e sofrimento. Como exemplo, pode se citar, um acidente, grave ou não, de trânsito, um episódio de assédio sexual, a perda repentina de um familiar ou pessoa próxima. Em todos esses casos, o trauma acontece simultâneo ao evento ocorrido.

Freud altera essa lógica ao propor que a experiência do trauma psíquico não ocorre simultaneamente ao evento vivenciado que será tido como traumático. O que acontece, contudo, é que o sujeito vive a experiência, seu organismo psíquico a absorve. A experiência é tirada da consciência. Afastada da consciência, a ideia da vivência se associa a afetos como de horror e sofrimento. Essa associação entre ideia e afeto, estabelece um conflito, que gera energia. Energia essa que precisa ser externada de alguma forma, para que o organismo

encontre novamente sua homeostase. A forma de o organismo voltar a homeostase, é aquela ideia ser elaborada. Isto é, reconhecer a associação dessa ideia a esse afeto e desassociá-los. Dessa forma, a ideia pode voltar a consciência, desligada daquele afeto.

Porém, devido a censura estabelecida pelo organismo psíquico, como defesa, essa elaboração não ocorre de maneira linear. Poderia-se inclusive inferir que o organismo psíquico dificulta essa elaboração. Ele faz isso para defendê-lo da angústia que é deparar-se com esse sofrimento e para garantir a homeostase. Esse material porém, sendo impelido a sair procura brechas nesta censura. Ele se modifica e se camufla, em códigos e metáforas, "driblando" a censura. A esse material camuflado e censurado que consegue chegar à consciência, chamar-se-a sintoma. O fenômeno histérico, então, seria a forma com que material do trauma psíquico teve êxito em desviar da censura e chegar à consciência e ao corpo.

O organismo psíquico então, forçado, tanto pelas exigências externas, quanto pela internas, se vê impelido. Já que o psiquismo, como já proposto em *Projeto Para Uma Psicologia Científica* (1950[1895]), tende a inércia e ao prazer e compreende qualquer alteração interna como desprazer, precisa achar uma alternativa para a resolução do conflito. A alternativa é o Sintoma. O sintoma seria uma afirmação de compromisso entre ambas as exigências. Surge no corpo, como substituto à satisfação de ambas as exigências.

Toma força aqui, a ideia de *realidade psíquica*. Esses processos de formação de sintoma ocorreriam de alguma forma apartados da consciência. No que Freud e Breuer (1893-1895), baseados no trabalho de Charcot, chamaram de *condition seconde* ou uma segunda consciência. Pode-se apontar como aqui o princípio da noção inegociável à psicanálise, de *Inconsciente*. Sobre o qual já foi comentado e há de se aprofundar ainda mais posteriormente.

Retomando o texto *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos*, Freud (1893) afirma que, a relação ou o nexos causal entre o trauma psíquico e o fenômeno histérico, não se estabelece com o trauma sendo o agente provocador, desencadeando o sintoma e o tornando permanente. O que ocorre de fato, é que o trauma psíquico, ou mais especificamente a lembrança dele, age como *corpo estranho*, que após sua penetração deve ser considerado como agente atuante (p.23). Ou seja, o caráter traumático não reside no evento, e sim na lembrança. Na associação da ideia ao afeto. O trauma acontece retroativamente.

Porém, em *A Psicoterapia da Histeria*, Freud (1893-1895) ratifica a ideia da metáfora que propõe equiparando o trauma psíquico a um corpo estranho. Ele diz que essa metáfora falha e explica o porquê. Um corpo estranho não se conecta à camada de tecido em que está de maneira a fundir-se ou infiltrar-se. Eles não se misturam, de maneira tal que não se pode

reconhecer o que é tecido e o que é corpo estranho. Embora o corpo estranho altere este tecido e possa inclusive lhe impor uma inflamação (p. 407). É possível encontrar, delimitar e retirar totalmente o corpo estranho. Como por exemplo, um tumor cancerígeno, ou mesmo uma verruga.

Já o material patogênico, ou trauma psíquico, se confirmou ao longo das investigações como o oposto disso. Diz Freud (1893-1895) que: "a organização patogênica não se comporta realmente como um corpo estranho, mas isto sim, como um material infiltrado." (p. 408) As camadas do material patogênico e do Eu alienam-se de tal forma que a fronteira entre eles não é visível. E afirma também que, o material patogênico "não se deixa extrair limpidamente do Eu" (p. 407). Ao contrário, tanto não se deixa extrair do Eu, que, na verdade, pertence ao Eu. E há de se descobrir ainda que é o que de mais particular o Eu pode ter. Neste sentido, não é possível extirpá-lo, nem é essa a função da análise.

Começa aqui um dos principais fundamentos da psicanálise: o que o sujeito tem de mais particular e que faz com que ele seja quem é, lhe é desconhecido. Lhe é infamiliar. Está nele, mas é ocultado de seu conhecimento. Lhe causa estranheza. Marca isso, é importante, para que posteriormente se possa retomar a ideia de que a alteridade carrega em si a estranheza e estabelecer que, assim como estranheza está presente na constituição subjetiva, a alteridade também está.

Em seus estudos iniciais sobre a histeria, Freud descobriu que além do trauma psíquico, havia outro conteúdo que compunha a organização patológica que resultava no sintoma histérico. Aliás, ele percebeu que o trauma psíquico advinha de uma questão específica. Em *A Etiologia das Neuroses* (1896) ele escreve o seguinte:

levamos o paciente, em todos os casos, à reprodução de vivências que, devido a suas peculiaridades e suas relações com os sintomas patológicos futuros, devem ser vistas como a etiologia que se busca na neurose. Tais vivências *infantis* são, mais uma vez, de conteúdo *sexual*, [...] Portanto, afirmo que na base de todo caso de histeria se encontra *um ou vários episódios de experiência sexual prematura* ocorridos na primeira infância, que podem ser reproduzidos mediante o trabalho analítico, não obstante o intervalo de décadas. (p. 207, 208)

Constatou que na base do fenômeno histórico, estava a sexualidade. O trauma psíquico então, não era um trauma qualquer, ou sobre qualquer temática. Antes, era um trauma sexual. Neste mesmo texto, Freud (1896) afirma precisamente que:

b) Portanto, em última análise, experiências sexuais da infância que consistem em estimulação dos genitais, atos similares ao coito etc., devem ser reconhecidas como os traumas de que se originam a reação histórica aos eventos da puberdade e o desenvolvimento de sintomas históricos. (p. 212, 213)

Contudo, não é sem efeito e muito menos sem consequência que tais conteúdos ficam alocados no psiquismo. Para Freud (1896) eles são representações intoleráveis para o Eu. Acabam por acionar as defesas do Eu. Essas defesas são aquelas já mencionadas anteriormente. Que funcionam como uma censura. Essa censura esconde toda ou parte desses conteúdos ou dessas representações, que o Eu não suporta. O que acontece é que as exigências sociais não correspondem às exigências internas do sujeito.

As exigências sociais, ou pode-se dizer, do outro, em grande parte são contrárias às exigências internas do Eu. As exigências internas do Eu por vezes se colocam em contradição às normas e mandatos coletivos. Essas normas, comparecem e são estabelecidas de uma forma que parece ser universal. Mas são transmitidas de maneira particular em cada núcleo familiar e de forma ainda mais restrita, funcionam de maneira privativa a cada sujeito. Faz parte, portanto, de conviver com outros seres humanos, a capacidade de abrir mão de atender às exigências internas. Hora se frustram as exigências internas, hora se frustram as exigências externas. Mas até que se possa saber qual delas será frustrada a cada situação, o que acontece é um conflito psíquico. Esse conflito não cessa e está sempre presente.

As exigências externas parecem funcionar de maneira incontornável. Exercem tamanha pressão, que as exigências do Eu, que podem aqui ser entendidas como seus desejos, são afastados da consciência. O mesmo que ocorre aos traumas psíquicos sexuais mencionados anteriormente, ocorre também aos desejos. Juntos, trauma psíquico e desejos, formam as representações intoleráveis ao Eu, citadas anteriormente. Trauma psíquico é intolerável por sua natureza angustiante. Já o desejo, por sua natureza terminantemente divergente e oposta às exigências externas.

Aqui há duas coisas fascinantes. A primeira delas é que parece ser subestimada a magnitude, e a proporção da influência do mundo externo, ou do outro, sobre o Eu. Essa influência apesar de imprescindível, age de maneira extremamente sutil. Tão sutil que no fim

das contas o sujeito nem a percebe. No fim das contas, ele está voltado para si mesmo. Convencido de que tudo o que é e sabe sobre si mesmo é obra apenas própria, sem influência externa alguma. Orgulhoso disso, inclusive.

Uma metáfora para entender a proporção desse convencimento, é pensar em uma criança que ao escutar da mãe que se deixar seu chinelo com sola para o alto, seria o culpado pela morte da genitora. E crente disso, cresce, sua vida toda, cuidando da posição de seus chinelos. Até que já adulto, num descuido, ao perceber que deixou o chinelo virado, corre até sua mãe para socorrê-la. Quando a situação é esclarecida o riso incontrolável da mãe cai sobre ele, cruel, como uma verdade esmagadora. A verdade sobre o caráter basilar da alteridade na constituição subjetiva passa por cada um, como a bola no meio das pernas de um jogador que é mira de uma caneta feita por seu adversário. No fim da jogada, o que resta é espanto e confusão para quem caiu nela.

A segunda, é que apesar de sutil a influência da alteridade na formação do sujeito é violenta. Violenta no sentido de exerce uma pressão esmagadora sobre o Eu. Tão esmagadora que é capaz de fazê-lo desconhecer acerca de si mesmo coisas que lhe são estruturais. Na tentativa de apaziguar o conflito, as defesas psíquicas, tornam desconhecidos os desejos do sujeito. Apenas recusar satisfazê-los não elimina a força que eles exercem, provocando desconforto. Já que recusá-los não elimina o desconforto e não é possível simplesmente extirpa-los, o psiquismo os torna desconhecidos ao sujeito. Retorna-se aqui à ideia do infamiliar. As coisas mais próprias do sujeito lhe são infamiliars e desconhecidas.

Saltando novamente na história dos escritos freudianos, posterior aos estudos sobre a histeria, Freud (1900) formula *A Interpretação dos Sonhos*. É um tratado sobre sonhos, como são produzidos, seus conteúdos e suas funções. Mas também pode ser considerada a pedra angular de seu trabalho. Isso, já que por meio dele, começa a estabelecer sua concepção de aparelho psíquico, ao passo que se distancia e contrapõe seu trabalho às ideias vigentes em sua época. Fica marcada neste volume a concepção freudiana a respeito da subjetividade e a forma com que a psicanálise trabalha. Uma forma, pode-se dizer, avessa à outras formas de trabalho. Através do que observou a respeito dos sonhos, fez grandes descobertas sobre as neuroses. Como ele mesmo escreveu: "ao passo que gostaria de proceder na direção contrária e, partindo do sonho, chegar à psicologia das neuroses". (p. 641)

No tópico de letra E- *Os processos primários e secundários*, contido no quinto capítulo chamado *Psicologia dos processos oníricos*, do volume *A Interpretação dos Sonhos* Freud (1900), em alguma medida fornece um panorama seu pensamento construído neste volume e deste texto específico se pode extrair certas sínteses e conclusões a que ele chegou. Fica

admitido neste texto que os sonhos mostraram ser como a retomada das ocupações da vida de vigília do sujeito. No sonho, ele retoma e dá continuidade ao que vivenciou enquanto estava acordado. Porém, essas vivências aparecem de modo alterado pela deformação causada pelos mecanismos associativos. Os processos oníricos então, se apoderaram mais facilmente de representações recentes, indiferentes, ou que ainda não foram requisitadas pela atividade do pensamento desperto. Isso porque, é possível transferir a intensidade psíquica de algo significativo e chocante, para algo ainda indiferente, driblando assim a censura discutida anteriormente. Essa censura é presente no sono, mas fica afrouxada (p. 641, 642).

Ainda neste texto Freud (1900) reitera que a força motriz imprescindível para a formação do sonho é atribuída ao desejo de origem infantil. E que inclusive, o sonho ocorre como substituto para a realização de tais desejos infantis. Aqui é resgata uma ideia proposta em *Projeto para uma psicologia científica* (1950[1895]). A ideia de que a expectativa e busca incessante de reviver a experiência de satisfação primitiva infantil se converte em desejo. E que o desejo é recalcado pela censura promovida pelo psiquismo. O desejo fica então desconhecido ao sujeito.

Na reunião de textos como *Projeto Para Uma Psicologia Científica* (1950[1895]), *Estudos Sobre a Histeria* (1893-1895) e *A Interpretação dos Sonhos* (1900) se pode compreender a pedra angular da psicanálise. A ideia de que certos processos mentais se dão fora do âmbito da consciência, mas que, ainda sim, exercem influência sobre o corpo. Surge assim, sob a perspectiva freudiana o *Inconsciente*. Obviamente o termo já era conhecido e utilizado, mas a ele era dado um sentido bem distinto do Freud havia de se utilizar. Até então do ponto de vista filosófico e até psiquiátrico, o termo inconsciente estava associado à loucura, insensatez, ausência de consciência, cognição, lucidez e sabedoria.

O *Inconsciente* começa a tomar um novo estatuto ainda nos *Estudos Sobre a Histeria* (1893-1895). Nele é possível notar que alguns processos mentais ocorriam apartados da consciência. Ocorriam no que foi chamado de segunda consciência. Pode-se apontar a segunda consciência como o rudimento da ideia de *inconsciente*. O *inconsciente* então seria onde esses processos ocorreriam e onde também as ideias que sofreram rechaço por parte da consciência seriam realocadas. O que há de novo, é que o *Inconsciente* é convertido de um lugar de obscuridade para o centro das atividades mentais que teriam consequências no corpo. Ou seja, o corpo seria completamente afetado pelo que ocorre no *inconsciente*. Mais que isso, não só afetado, como é a consequência do que ocorre no *inconsciente*.

Conclui-se aqui, da melhor maneira possível, o ponto proposto por essa seção. O de que o estranhamento está presente desde os princípios da teoria freudiana. Está presente na teoria e

fundamenta a forma freudiana de conceber a subjetividade. No centro da subjetividade, para Freud está o inconsciente e a partir dele se tem todos os outros processos. O inconsciente pode ser entendido como o amontoado de processos e ideias que o sujeito desconhece, mas que são responsáveis por toda sua subjetividade. A vida em vigília, a vida consciente e o corpo acontecem da maneira que o inconsciente determina. As resoluções inconscientes é que definem como o corpo e a consciência atuarão.

2.3 Do Estranhamento à Alteridade, Pela Via da Sexualidade.

A ideia de alteridade, assim como a ideia de sujeito, não são temas centrais na teoria freudiana. Não aparecem na escrita de Freud com esses nomes. Mas apesar disso, pode-se admitir que aparecem nas entrelinhas. Aparecem subentendidos, implícitos, ocultos e latentes. E são cruciais para as construções psicanalíticas, já que são parte integrante dessas construções. Apesar de não parecerem explicitamente, pode-se pensar como foram sendo construídas essas noções. Onde e como, então, ocorreria o processo de diferenciação entre o "eu" e o "outro"?

Freud resgata algumas ideias propostas em *Projeto Para Uma Psicologia Científica* (1950[1895]). A de que o organismo psíquico seria governado por sua tendência ao prazer. E a de que a *pulsão* seria o impulso que sustentaria toda a atividade psíquica. Ao estímulo pulsional seria dada a denominação de "necessidade" e ao que suspende a necessidade, a denominação de "satisfação". Esse estímulo pulsional é interior ao corpo e não externo a ele. E não é possível fugir desse estímulo, ele ocorre constantemente. Acontece que, nem sempre a necessidade é suspendida e nem sempre chega-se à satisfação. Ao nascer, talvez essa seja uma das primeiras percepções de uma criança, que lhe dará a primeira de suas orientações. Freud (1915), diz o seguinte:

O Eu, na medida em que é autoerótico, não tem necessidade do mundo exterior, mas recebe dele objetos, devido às vivências das pulsões de autopreservação e não pode deixar de sentir os estímulos pulsionais internos por certo tempo como desprazerosos. Sob o domínio do princípio do prazer ocorre nele um novo desenvolvimento. Ele toma para si, em seu Eu, os objetos oferecidos, desde que eles sejam fontes de prazer, introjeta-os (de acordo com a expressão de Ferenczi) e, por outro lado, expela o que dentro dele se torna desprazer. (p. 53)

Ou seja, a percepção inicial da criança é a de prazer e desprazer e de que tudo o que lhe dá prazer está interno a ela, ou compõem o que em sua prematuridade seria entendido por ela como o seu "eu". E o que lhe produz desprazer seria externo a ela. Nesse sentido, ao sentir fome por exemplo, ainda não há a distinção de que esse é um estímulo interno. Porém, erroneamente, a distinção que a criança faz é a de que a suspensão do desprazer seria um estímulo interno. Então ao ser amamentada, a criança entende que ele e a mãe são uma unidade, que a mãe faria parte de seu "eu". Acontece que, nem sempre o desprazer da fome, como no exemplo citado, é suspenso de imediato. E nem sempre a mãe, enquanto "parcela de seu eu" que teria a função de atender-lhe as necessidades e cessar seu desprazer, está por perto.

Acontece que, segundo Freud (1915):

ele passará a perceber estímulos dos quais é capaz de se afastar através de uma ação muscular (fuga), sendo tais estímulos relativos ao mundo externo; por outro lado, porém perceberá também estímulos contra os quais tal ação é inútil, que, apesar disso, mantêm seu caráter de constante premência, sendo tais estímulos a marca característica de um mundo interior, a evidência de necessidades pulsionais. A substância perceptiva desse ser vivo terá adquirido, assim, na eficácia da atividade muscular, um ponto de referência para designar um "fora" de um "dentro. (p. 19, 21)

Isto é, a criança percebe que há certos estímulos, dos quais ela é capaz de se afastar, quando empreende uma atividade muscular de fuga. Com o tempo, ela percebe que esses estímulos são externos ao seu corpo. Porém, há também estímulos dos quais, ainda que tente, não conseguirá se afastar. Ela irá perceber, que esses, são estímulos internos ao seu corpo. A criança passa a verificar na eficácia de sua atividade muscular uma distinção. Ela toma o fato desta atividade ter obtido êxito ou não, enquanto um ponto de referência. Fundamenta-se aqui, um "dentro" e um "fora". Se atividade muscular obteve êxito em afastar o estímulo, o estímulo é externo. Se não obteve êxito, a referência é que se trata de um estímulo interno.

Uma cólica ou a própria fome, já citada como exemplo, são estímulos para os quais ainda que a criança empreenda uma atividade muscular de fuga, não é possível evitar, pois está "dentro" de seu corpo. E a mãe enquanto apaziguadora do desprazer, por vezes pode não comparecer à sua tarefa. A criança passa a perceber então a diferença e a distância existente

entre ele e a mãe. Isso lhe entrega uma percepção de "corpo despedaçado", já que só era uma unidade com a mãe e só consegue perceber certas partes de seu corpo e não ele integralmente.

É aí que entra o *narcisismo*. O *narcisismo* seria um protetor do psiquismo, o processo que permite a integração da imagem corporal. À medida em que o corpo é investido libidinalmente, o "eu" toma conhecimento de sua própria proporção e possibilidade de identidade. É justamente essa noção de integração alcançada pela constituição subjetiva através do processo do *narcisismo*, que começa a colaborar para a diferenciação para com o "outro". Sobre o narcisismo, Freud (1914) afirmou que:

apareceu a conjectura de que uma alocação da libido que denominamos narcisismo poderia apresentar-se de modo bem mais intenso e reivindicar um lugar no desenvolvimento sexual regular do ser humano. [...] Nesse sentido, o narcisismo não seria uma perversão, mas o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autoconservação, do qual justificadamente atribuímos uma porção a cada ser vivo. (p.14, 15)

No *narcisismo* encontra-se o caminho que o sujeito faz para deixar de investir libidinalmente apenas a si mesmo e encontrar fora de si um objeto de investimento libidinal. Em *Introdução ao Narcisismo* (1914) encontram-se considerações importantes a esse respeito. Abordar o *narcisismo* se faz crucial para apreender a forma com que Freud situa a constituição subjetiva frente ao aspecto da alteridade.

O *narcisismo* seria um processo dividido em duas partes. O *narcisismo primário* e o *narcisismo secundário*. Sobre o *narcisismo primário*, Freud (1914) anunciou:

Também o histérico e o neurótico obsessivo abandonam, até onde vai sua doença, a relação com a realidade. A análise mostra, porém, que de maneira nenhuma suspendem a relação erótica com pessoas e coisas. Ainda a mantêm na fantasia, isto é, por um lado substituem os objetos reais por objetos imaginários de sua lembrança, ou os misturam com estes, e por outro lado renunciam a empreender as ações motoras para alcançar as metas relativas a esses objetos. Apenas a esse estado da libido se deveria aplicar o termo usado por Jung sem distinção: o de *introversão* da libido. (p.15)

E já sobre o *narcisismo secundário* pode-se ler em Freud (1914), o seguinte:

Isso nos leva a apreender o *narcisismo* que surge por retração dos investimentos objetais como *secundário*, edificado sobre o *narcisismo primário* que foi obscurecido por várias influências. [...] Formamos assim a ideia de um originário investimento libidinal do Eu, de que algo é depois cedido aos objetos, mas que persiste fundamentalmente, relacionando-se aos investimentos de objeto [...] Enxergamos também, em largos traços, uma oposição entre libido do Eu e libido de objeto. Quanto mais se emprega uma, mais empobrece outra. (p. 16,17)

Sendo assim, o *narcisismo primário* seria o estágio permeado pelo autoerotismo, no qual toda energia libidinal se concentraria no Eu. Esse investimento libidinal sobre o Eu serviria como uma proteção ao psiquismo, sendo essa uma etapa indispensável no desenvolvimento normal. Já o *narcisismo secundário* ocorreria em dois momentos. Num primeiro instante, haveria um investimento libidinal em objeto externo ao Eu. Num segundo momento, ocorreria o retorno deste investimento libidinal ao Eu.

Ou seja, considerando o caráter fundamental que tem o processo narcísico para a subjetividade, há de se deparar também com a relevância da esfera da alteridade neste processo. Isto é, estando revestida de autoerotismo, é que o sujeito consegue perceber-se enquanto uma imagem corporal a parte de seus objetos externos. Percebendo-se como uma unidade, pode então perceber os objetos externos e então investi-los libidinalmente. Investindo libidinalmente estes objetos externos, esse investimento retorna ao Eu concluindo o processo narcísico. Portanto, o reconhecimento do "Eu" se faz em contraponto ao reconhecimento do "não-eu". E havendo o retorno do investimento libidinal externo, ao "Eu", é que o "Eu" se reconhece enquanto tal.

Logo, não é exagero afirmar que a construção de um "Eu" na subjetividade de cada um só se faz enquanto resposta e efeito de um retorno de investimento libidinal ao mundo externo. Se não houver um "não-eu", não há a possibilidade de investi-lo libidinalmente e de por consequência, haver deste investimento, um retorno ao "Eu". O "Eu" termina de se compor, por meio deste retorno de investimento libidinal. A esta troca de investimentos, pode-se chamar de relação.

Havia ficado estabelecido nos texto anteriores de Freud a tendência do aparelho psíquico ao repouso e à inércia. Que a presença de excitação era recebida como desprezar e que o movimento natural do organismo seria a descarga de excitação para assim haver

restabelecimento da homeostase e do prazer. Ocorre que, como percebeu Freud, nem todo movimento psíquico resultava em prazer, pelo menos não a curto prazo. E que às vezes o organismo poderia suportar desprazer por algum momento a fim de chegar ao seu objetivo final que seria o prazer. Este movimento se intitulou como já foi abordado, no capítulo anterior, *princípio de realidade*.

Assim, Freud (1920) reconheceu como incorreto presumir que o *princípio do prazer* dominasse o curso dos processos psíquicos (p. 164). Já que se assim fosse, a maioria dos processos mentais seria acompanhado ou deveria conduzir ao prazer. Para elucidar melhor seu pensamento, Freud se utilizou das observações que fez de um garoto de dezoito meses. Este garoto recebia muitos elogios por ser obediente. Ele acatava bem as proibições sobre onde não tocar, ou os lugares da casa onde não podia entrar, não incomodava os pais durante a noite. Mas principalmente, segundo Freud, não chorava quando era deixado pela mãe por várias horas, apesar de ser muito apegado a ela. A mãe o amamentou e cuidou dele sozinha, sem auxílio de outras pessoas, então era de se presumir que o afastamento da mãe não era prazeroso ao menino.

Freud observou uma brincadeira específica feita pelo garoto. Ele tinha um carretel, amarrado por um cordão. O garoto lançava o carretel, segurando pelo cordão, de modo que o mesmo desaparecesse de sua visão e proferia uma interjeição que era entendida pela mãe e por Freud como "*fort*", traduzido como "foi embora". Ao passo que puxava a corda, e ao reencontrar visualmente o carretel o saudava alegremente com a expressão "*da*", traduzida como "está aqui". (p. 172) Freud compreendeu a brincadeira como a aquisição do menino à capacidade de renúncia de satisfação pulsional, ao permitir a ausência da mãe sem se queixar. O garoto compensava a si mesmo encenando o desaparecimento e reaparição, com os objetos que lhe estavam disponíveis.

A brincadeira de *fort-da* deixa expressa alguns pontos importantes. Pode-se considerar que a brincadeira tem muita relação com os processos narcísicos expostos anteriormente. A brincadeira foi para o garoto a elaboração que conseguiu fazer ao se deparar com seus "não-eu". Deparar-se com a distância entre o "Eu" e o objeto de satisfação, no caso a mãe, é fonte de não só frustração, como também conflito psíquico. Depara-se com a ausência do objeto causa um profundo desamparo. Encenar para si, o retorno do objeto, não só serve enquanto um apaziguador da angústia frente ao conflito psíquico resultante da ausência do objeto. Como também tem uma função organizadora para a criança à medida que lhe dá economicamente a chance de refazer a cena segundo seu próprio preceito.

Até aqui, fica claro o aspecto sexual no desenvolvimento do "Eu" na subjetividade de cada. A formação do "Eu" para cada um, é uma formação sexual, assim como a formação do "não-eu". Se cada formação é sexual, o que há de relação entre o "eu" e o "não-eu", não pode ser outra senão também uma relação sexual. E como já foi visto a sexualidade está presente desde os primórdios da vida humana. Para elucidação de tal pensamento, Freud escreve seus *Três Ensaaios Sobre a Teoria da Sexualidade*.

Neste texto, Freud (1901-1905), retoma a sexualidade enquanto fundamento e origem dos processos formativos do ser humano. Além disso, Freud atribui à sexualidade um novo caráter e sentido. A sexualidade é ampliada, retirada do sentido erótico do coito com intenção reprodutiva. Ele desenvolve a ideia de que a sexualidade está também, no princípio de toda relação humana. Toda relação humana, estando ou não inibida em sua meta erótica reprodutiva, é uma relação sexual. Falar de sexualidade, é falar de uma relação entre duas partes. Embora a princípio, como será abordado posteriormente, essa relação seja unilateral. De uma parte com ela mesma. O fim dessa relação unilateral é, precisamente, a relação entre duas partes. Pode-se inferir essas duas partes como sendo Eu e o Outro, logo está em cena a alteridade.

Em *Três Ensaaios Sobre a Teoria da Sexualidade* (1901-1905) aborda a *libido* e faz construções a respeito de como e onde o organismo psíquico a investiria. Além disso, tratou do que chamou de desvios quanto ao *objeto sexual* e desvios quanto à meta *sexual*. Chamou de *objeto sexual* o objeto ou pessoa para a qual a *meta sexual* estaria direcionada. E de *meta sexual* a ação a qual o sujeito estaria impelido. Essas metas poderiam ser *ativas* ou *passivas*. Todo ser humano nasceria com tendências bissexuais inatas, que no curso do desenvolvimento se transformam em monossexualidade. Além dos desvios trabalhados por Freud (1901-1905), haveriam também *fixações* em *metas sexuais* provisórias, isto é aquelas que por alguma razão substituíram as *metas sexuais* finais.

Seria neste texto que Freud (1901-1905) explicaria como já visto anteriormente, a pulsão como sendo "o representante psíquico de uma fonte endossomática [...] um dos conceitos na demarcação entre o psíquico e o físico" (p. 66, 67). A *pulsão*, porém, apesar de constante, seria sempre parcial. Isto é, sempre distribuída, circulando. Aos lugares por onde as pulsões circulam no corpo Freud havia, chamado de *zonas erógenas*. *Zonas erógenas* seriam as regiões do corpo, ou os órgãos que estariam investidos libidinalmente a cada momento da vida do sujeito. Cada momento de investimento libidinal, seria chamado como *fases de desenvolvimento da organização sexual infantil*.

Fica estabelecido que as *fases de desenvolvimento da organização sexual infantil* como sendo: oral, anal, fálica e genital; correspondentes à zonas erogenas investidas libdinalmente em cada fase. As fases oral, anal e fálica, onde estão investidos libdinalmente respectivamente a boca (com o ato de chupar), o anus (com o movimento de escreção) e a genital (nos primeiros movimentos masturbatórios), corresponderiam à uma organização sexual ainda *autoerogena*, onde o sujeito investe libdinalmente a si mesmo. Após isso haveria a fase de latência, onde o investimento libidinal estaria em alguma medida "adormecido". Nela, a criança estaria se preparando para deixar de investir em si mesmo enquanto objeto e passar a encontrar de modo exterior o objeto a que fará seu investimento. E por fim, na fase genital, a criança já pronta para abandonar o estímulo *autoerótico*, direcionaria seu investimento a um objeto externo. Esse processo de transição do *autoerotismo* ao *investimento libidinal externo* ocorreria concomitantemente aos processos de *narcisismo primário e secundário*, descritos anteriormente.

O que destoa do senso comum na teoria freudiana é a ideia de que a sexualidade está presente na vida humana em constante. Para o pensamento comum, como reflexo de um certo recalçamento, é unânime que a criança não é sexual. Que a sexualidade comparece na puberdade. Freud (1901-1905) mostra que, ao contrário do que se pode pensar, a sexualidade está na gênese do desenvolvimento psíquico, desde a infância. Em sua teoria das *Fases de Desenvolvimento da Organização Sexual Infantil* ele discorre justamente sobre o fato de a sexualidade não estar ausente na infância. Ele defende que há essa recusa em admitir a sexualidade na infância devido ao que chamou de *amnésia infantil*. Essa amnésia esconde da maioria das pessoas, seus primeiros anos de vida nos quais ocorrem processos sexuais insuportáveis ao psiquismo na vida adulta, depois que a censura toma força, como será abordado posteriormente.

O que acontece é que, como a primeira relação da criança é com seus genitores, mais precisamente a mãe. Essa relação fica exposta no que já foi abordado a respeito do *narcisismo* e da brincadeira de *fof-da*, tratados anteriormente. A mãe tomaria o lugar de primeiro objeto investido libidinalmente para a criança. A maneira com que isso se dá, Freud desenvolve por meio de sua teoria dos *Complexos de Édipo* e de *Castração*. Essa hipótese aparece pela primeira vez em uma correspondência entre Freud e Fliess ainda em 1897. Ela aparece novamente em sua teoria dos sonhos em 1900 e também no interior da problemática do pai totêmico (que há de ser abordada posteriormente).

O que está em jogo é a forma com que a criança se depara com o veto ao seu apaixonamento. A maneira com que a impossibilidade da conquista do objeto é apresentada à

criança. A frustração frente à demanda urgente de satisfação pulsional. E a solução que a criança vai encontrar para lidar com este evento. O que se sabe, é que tudo isso é processado de maneira alheia à consciência da criança. E que esse veto exerce pressão tão forte sobre o psiquismo, que a saída do psiquismo para lidar com isso é a amnésia dos primeiros anos de vida da criança. Depois que é imposto o veto, a ideia da possibilidade de apaixonamento entre criança e genitor é tão insuportável, que é retirada e apagada.

Freud (1901-1905) faz esse caminho teórico para que seja possível abordar os processos das pulsões sexuais nos neuróticos. Ele afirma que as psiconeuroses se assentam em forças pulsões sexuais. Isto é, as formações de compromisso, ou os sintomas ocorrem pela contribuição da pulsão sexual. A vida sexual das pessoas, segundo ele, se manifesta nos sintomas. Vale lembrar, como já foi mencionado, que o sintoma é formado apartado da consciência. O sujeito que carrega o sintoma está alheio aos processos que o formaram, tais processos, são estranhos e desconhecidos ao sujeito. Os sintomas, propriamente os histéricos, são frutos "de uma série de processos psíquicos, tendências e desejos investidos de afetos, que um processo psíquico especial (a *repressão*) privou do acesso à resolução" (p. 60, 61). A *repressão* sexual nesses casos se apresenta como "vergonha, nojo e moral, uma fuga como que instintiva ante a consideração intelectual do problema sexual" (p. 62).

Pode-se notar escancarada na produção freudiana a associação que esta seção almeja. A associação entre a alteridade na forma da sexualidade, o estranhamento e a constituição subjetiva. A sexualidade como já se pode começar a notar, e como posteriormente será melhor abordado, aparece em duas facetas. Ela é tanto o modo com que o sujeito irá se relacionar com quem o cerca, quanto também é o resultado da incidência dessa relação sobre o psiquismo. Isto é, quando o primeiro investimento objetal feito pela criança, lhe é vetado, há implicações sobre a forma com que ela irá tentar novamente este investimento objetal. E tudo isso acontece de maneira alheia à consciência.

Pode-se compreender a alteridade aqui, tanto como o objeto externo ao eu, o destino do investimento, quanto como a origem de onde surge o veto à satisfação, já que ambos coincidem na figura dos genitores, neste primeiro momento. Ambos, não são o "eu", são diferentes e há uma distância entre eles. Assim, pode-se pensar que a relação entre o "eu" e o "outro", é sexual e acontece alheia à consciência. Há um estranhamento, um desconhecimento, nesta relação. E o mais curioso é que essa relação é profundamente formativa, é parte indispensável da constituição subjetiva do "eu".

Em *Totem e Tabu* (1912-1913) Freud toma como exemplo uma sociedade que se organiza em clãs e fratrias, em torno de *Totem*. O *totem* seria o ancestral comum do clã, e também seu

espírito protetor. A forma do totem é transmitida hereditariamente, a primeira provavelmente original, é substituída sucessivamente. A relação com o totem é o fundamento das obrigações sociais dos componentes de cada clã. Vigora, porém, a lei que membros do mesmo totem não podem se casar. A transgressão dessa lei não é sujeita a uma punição automática. Antes é vingada energeticamente por toda a tribo, como se quisessem afastar uma ameaça que coloca em perigo toda a comunidade, ou afastar uma culpa que a oprime.

O *Totem* surge, segundo Freud, de uma maneira específica. Como já se sabe a organização social ocorre por fratria. O ancestral comum da fratria, o pai de todos, exerce poder sobre todos e sobre ele não está outorgada a proibição referente a com quem pode se relacionar. Para ser o ancestral em comum da fratria, ele pode se relacionar com todas as mulheres, com fins reprodutivos para povoar o clã e sobre a lei não se aplica. Ao pai era liberado esse poder, mas aos filhos era considerado incesto. Acontece que, sobre os filhos, essa exceção à lei aplicada ao pai, gera revolta. A exceção sobre pai, atesta para os filhos a impossibilidade de sua satisfação completa. Lembrar que o pai pode tomar para si quem quiser escolher, é lembrar que os filhos não têm esse poder de escolha sem critério.

A revolta, faz os irmãos se juntarem e conferirem um golpe sobre o pai, para tirá-lo do poder. Mas matar o pai faz recair sobre os filhos um espanto pelo que acabaram de fazer. Como forma de "honrar" a memória de seu pai, fazem com a carne dele um banquete. Comer a carne do pai, num ato antropofágico, transferiria o poder e as habilidades do pai a cada um que consumi-la. Assim ocorre a substituição sucessiva do *totem*. O ato de matar o pai estabelece um *tabu*, que se aglutina ao que já existia sobre o incesto. O *tabu*, diz Freud (1912-1913) quer dizer "santo, consagrado", mas também quer dizer "estranho, inquietante, proibido e perigoso" (p.42).

Totem e Tabu (1912-1913), na medida em que é um dos textos sociais freudianos, também fornece subsídio para pensamentos referentes à subjetividade. O *tabu*, antes de poder organizar socialmente toda uma comunidade, também recai sobre cada sujeito, tendo sobre cada um implicações psíquicas. Já foi mencionado que as chamadas *exigências externas*, isto é, as exigências sociais não correspondem às *exigências internas* do psiquismo. Eis aqui, quais são essas exigências, como são estabelecidas e porque divergem tanto das internas. O *tabu* referente à morte e ao incesto comparece para cada sujeito na forma das *exigências externas*. As *exigências externas* são o *tabu* de morte e incesto. Todo sujeito tem impresso internamente que não pode matar e que suas escolhas de objeto sexual tem uma única regra, a do incesto. O modo com que essas exigências externas são estabelecidas para cada um, Freud

discorre sobre, em como ocorre a organização sexual infantil, pela via dos Complexos de Édipo e de Castração.

O *Totem* é a própria figura da alteridade. Alguém externo, que ao mesmo tempo que garante o estabelecimento e manutenção da lei, não está inscrito nela. O *Totem* é a figura da diferença. E por isso, é o que regula o que o "eu" pode ou não fazer, como ele será e o que fará. Nota-se aqui, como o que está externo é profundamente formativo para o "eu". Não só por ditar a lei, mas pelo fato do "eu" ser formado pelas soluções que elaborará frente ao ditar dessa lei. Afinal de contas acata-la é desconforto e o "eu" está comprometido em obedecer também suas *exigências internas*.

A solução que encontra, em outras palavras, as afirmações de compromisso ou sintomas que produz, a forma como a sua subjetividade se constitui, são o que o sujeito tem de mais propriamente seu. Mas também são a resposta ao encontro com a alteridade. O encontro com a alteridade produz o sujeito. E vale lembrar, novamente que esse encontro e essa produção de subjetividade ocorrem inconscientemente, o sujeito desconhece os processos que as envolvem, tudo isso lhe é estranho. É possível encontrar aqui a associação que esta seção almeja. O estranhamento frente o encontro com a alteridade, como fundamento da constituição subjetiva, processo que só ocorre mediante à via da sexualidade.

2.4 A Alteridade na Constituição Subjetiva, Segundo Lacan.

A alteridade comparece na teoria lacaniana sob muitas faces. Cada uma delas é indissociável da constituição subjetiva. De modo que, como foi dito desde o Seminário I (1953-1954): "O eu é referente ao outro. O eu se constitui em relação ao outro. Ele é o seu correlato. O nível no qual o outro é vivido situa exatamente o nível no qual, literalmente, o eu existe para o sujeito" (p.71, 72). Isso fica posto, a medida em que, como já exposto no capítulo anterior, o sujeito não teria substância, antes seria um efeito da linguagem. Neste seminário, Lacan (1953-1954) discorre sobre como a resistência, através dos fenômenos de esquecimento e de condensação e deslocamento, trabalha para na mesma proporção em que esconde, também revelar o recalcado, por meio da palavra.

A palavra é a mediação entre o sujeito e o outro (p. 69). Acontece que, a pessoa que fala, está em alguma medida alheia ao processo de "escolha" das palavras a serem emitidas. Essa "escolha" acontece baseada na deformação, distorção e transposição, a partir da qual o inconsciente se expressa (p.69). É como se houvesse um "outro", que fala pelo sujeito. Retomando o paradigma da comunicação de Jakobson, o emissor, como já foi dito, está dividido e não está concentrado na consciência.

A Ciência e a Verdade, texto fruto de uma transmissão feita na aula de abertura do seminário entre os anos 1965 e 1966, publicado em 1966, presente nos Escritos, é uma das ocasiões que Lacan anuncia com todas as letras que "o inconsciente é linguagem" (p. 881) ou que "é estruturado como uma linguagem" (p.882). Freud, enquanto fazia sua construção teórica não dispunha de áreas de conhecimento como linguística e antropologia estrutural. Já Lacan tinha em seu alcance essas ferramentas e pôde se dispor delas, para realizar sua leitura do texto freudiano. Em Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano, de 1960, Lacan explica que o inconsciente, a partir de Freud "é uma cadeia de significantes que em algum lugar (numa outra cena, escreve ele) se repete e insiste" (p.813). Ele diz que "essa fórmula" só é adotada por Lacan, por ser "conforme tanto ao texto freudiano quanto à experiência que ele inaugurou" (p.813). O termo significante, segundo Lacan (1960) é "ressuscitado da retórica antiga pela linguística moderna" de Ferdinand Saussure e Roman Jakobson (p.813).

Em "A Instância da Letra no Inconsciente", texto presente nos Escritos, Lacan (1957) se refere à toda uma experiência de linguagem que a psicanálise descobre no inconsciente (p.498). E a partir dela, é possível reavaliar a ideia do inconsciente apenas como o reservatório dos instintos (p. 498). A linguagem como estrutura, "preexiste à entrada de cada sujeito" (p.498) em sua ordem, num determinado momento do desenvolvimento mental, isto é, a linguagem precede e já está posta para todos, desde antes do nascimento e de cada um ser inserido nela. O sujeito é "servo da língua" (p.498) e seu lugar no "movimento universal" (p. 498) "já está inscrito em seu nascimento" (p.498). Ou seja, o sujeito só pode surgir, se for inserido na cultura e seu contexto histórico e social, nenhum sujeito está alheio às condições em que seu corpo nasce. O "drama histórico" (p. 498) de cada sujeito se funda e se inscreve nas "estruturas elementares da cultura" (p.499). O "drama histórico" de cada sujeito é vivido e narrado em uma determinada língua, assim, a linguagem é a condição para haver humanidade (p.499). O "suporte material" do "discurso concreto", ou seja, da cultura e do contexto sócio-histórico, "toma emprestado da linguagem" é designado por Lacan (1957) como letra (p.498). As afasias, descritas por Freud, por exemplo seriam segundo Lacan (1957) teriam seus déficits na criação de significação, efeito do significante chamado de letra (p.498).

Em Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise, de 1953, Lacan afirma que o inconsciente é a parte deste tal "discurso concreto", como transindividual, isto é, que é de cada um, mas atravessa a experiência de todos, que "falta à disposição do sujeito para restabelecer a continuidade de seu discurso consciente" (p.260). O Inconsciente se faz na

cultura e no contexto social e histórico. A marca deste contexto introduzida no psiquismo, que estabelece a entrada de cada um na cultura, é o significante que Lacan (1957) chama de letra.

Em A Significação do Falo de 1958 sustenta que o significante se torna a "dimensão da condição humana" (p.695), conforme "não somente o homem fala, mas no homem e através do homem, isso fala" (p.695). Tem a natureza tecida por efeitos, onde se pode encontrar a estrutura da linguagem (p.695). Há um significante, porém que é nas palavras de Lacan, privilegiado (p. 699). O falo é esse significante, que tem como função "designar, em seu conjunto, o efeitos de significado, na medida em que o significante os condiciona por sua presença de significante" (p.697). O falo enquanto significante, "dá a razão do desejo" (p.700). Essa premissa fálica está presente desde Freud e comparece irreduzível para cada um, através do complexo de castração, e com isso, do recalque, que instala no sujeito uma posição inconsciente de desejo e portanto, de falta (p.692). O sujeito encontra o significante no deslocamento, ao receber a marca do recalque do falo (p.700). A questão do recalque, evoca o termo freudiano *Unheimlich*, traduzido como *Infamiliar*, como esse capítulo foi iniciado. Ao passo que Lacan, com um certo incômodo sobre a dicotomia entre "dentro" e "fora" que esse termo estabelece, cunhou o termo "êxtimo". Esse é um neologismo criado por Lacan para indicar uma formulação paradoxal. O que há de mais singular do sujeito, também está fora dele, também lhe é exterior.

A primeira menção do termo foi feita por Lacan em seu Seminário 7 de 1959-1960. Onde vai discorrer a respeito de das Ding um termo freudiano que do alemão significa a Coisa. Das Ding remete à experiência de desamparo em que segundo Freud, todo ser humano nasce. Devido à prematuração de seu nascimento o bebê, sem autonomia, dependeria de uma ajuda externa. O bebê depende completamente de um outro ser humano que lhe garanta a sobrevivência. Este outro ser humano, não é semelhante ao bebê, é diferente dele. O humano incumbido de todo cuidado e sobrevivência do bebê, não dá conta de todo o processo. Algo em algum momento lhe escapa. Seja por não "compreender" com exatidão a necessidade real do bebê e lhe oferecer o cuidado que por sua interpretação, é o que o bebê precisa. Seja por não conseguir dar ao bebê o que ele está pedindo, seja qual for o motivo. Essa coisa que escapa ao humano cuidador, é das Ding. Lacan se refere à coisa como "essa exterioridade íntima, essa extimidade" (p.173).

A extimidade, a capacidade de algo estar "dentro" e "fora", ou mesmo tempo, diz respeito à ex-sistência. A ideia de ex-sistência, faz justamente romper com a dicotomia de "dentro" e "fora", estabelecendo um novo tipo de "espaço". A ex-sistência é explicada por Lacan em seu Seminário 22, "R. S. I." de (1974-1975). Ele diz que para que alguma coisa ex-sista é preciso

que haja em alguma parte um buraco e é em torno do buraco (p.11). A ex-sistência se define e se suporta em que cada um dos termos do R. S. I. faz buraco (p.12). O campo da linguagem, estabelece uma nova lógica "espacial" por assim dizer, que desconsidera a consistência. A ex-sistência, seria isso que "gira em volta do consistente mas que faz intervalo, e que nesse intervalo, tem n maneiras de se atar" (p.17). Ela é a manifestação do modo como a linguagem marca o ser falante.

a ex-sistência se define por relação à uma certa consistência, se a ex-sistência não é no final das contas senão esse fora que não é um não-dentro, se essa ex-sistência é de certa maneira esse em volta do que se evapora uma substância (p.19)

Em "Observações sobre o relatório de Daniel Lagache: psicanálise e estrutura da personalidade" Lacan (1960), adverte sobre "a imagem confusa do Isso como 'reservatório das pulsões'" (p.665). Essa imagem forneceria um "aspecto geométrico" que necessita ser tensionado. Isso porque, o aspecto econômico-dinâmico com que funciona o psiquismo, estabelece por si só esse tensionamento. O funcionamento dos sistemas do psiquismo ocorrem pela espécie de um quiasmo (p.656), isto é, uma dialética, uma disposição cruzada de duas partes. Fica posto que as pulsões ex-sistem, há uma certa de-posição e é nela que está a existência do sujeito (p.668).

Novamente no Seminário 22, "R. S. I.", Lacan (1974-1975) diz se referindo ao Isso como reservatório das pulsões, que "esta geometria do saco está, e é exatamente com o que temos a ver, está no nível da topologia" (p. 3). Já que as pulsões ex-sistem, em vez de um reservatório, o que há pode ser "uma superfície que faz uma rodela" (p. 3). O campo da linguagem, que estabelece as condições da ex-sistência, estabelece com isso uma nova noção de "espaço". O que leva Lacan ao uso da topologia, para a formalização dessa nova noção. A topologia pode se caracterizar, para o uso da psicanálise, enquanto o estudo de espaços abstratos e não numéricos. No seminário 26, A Topologia e o Tempo, Lacan esclarece que "há, contudo, uma hiância entre a psicanálise e a topologia. E meu esforço, esta hiância, é de preenchê-la. A topologia é exemplar, ela permite na prática fazer um certo número de metáforas." (p. 6)

No Seminário 11 de 1964, Lacan inicia o capítulo O Campo do Outro e Seu Retorno Sob Transferência afirmando que "se a psicanálise deve se constituir como a ciência do inconsciente, convém partir de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem" (p.199). Daí foi que Lacan, em suas próprias palavras, deduziu sua topologia, para dar conta

da constituição do sujeito (p.199). Nessa topologia, fruto de seu retorno à Freud, Lacan inaugura os três registros, que conforme ele designa em *O Simbólico, O Imaginário e O Real*, presente em *Os Nomes-do-Pai* (2005), "são efetivamente, os registros essenciais da realidade humana e que se chamam Simbólico, Imaginário e Real" (p.12).

Começando pelo imaginário, Lacan (1954-1955), em *Seminário 2*, afirma que o eu em seu aspecto mais essencial, é uma função imaginária (p.56). Ele afirma que "a estrutura fundamental, central," da experiência do sujeito, "é de ordem propriamente imaginária" (p.56). Como já foi discutido anteriormente a função do eu, é estabelecida a partir do Estádio do Espelho, onde o bebê é capaz de adquirir a unidade de sua imagem. O imaginário assim, teria relação com as representações imagéticas presentes no psiquismo, ou mesmo com a relação de cada ser com a imagem. Ainda no *Seminário 2*, Lacan (1954-1955) propõe seu esquema Z, também chamado de esquema L, cuja síntese inaugura seus *Escritos*, com o *Seminário da Carta Roubada*. Este esquema pode ser explicado à medida que se entende que o sujeito S [Es], se endereça a um outro: a'. Este pequeno outro é também imaginário. Esse endereçamento ocorre imaginariamente. Deste pequeno outro imaginário há um cálculo para uma posição do eu enquanto [Moi], eu imaginário: a. O sujeito desde sua posição inconsciente, se coloca em relação imaginária com o outro, que também está a partir dessa posição inconsciente, o que resulta em uma relação imaginária. Fica estabelecido então um equívoco, um mal entendido.

Há um mal entendido, já que por ser uma relação imaginária, há uma expectativa de igualdade entre o eu e o outro, mas o que existe na realidade é uma diferença e não uma semelhança. Existe por causa dessa expectativa de compreensão mútua, mas que na verdade tem como produto uma resistência ao inconsciente. Quanto mais esse eixo de relação imaginária age, menos é possível escutar o inconsciente e portanto, não é possível haver uma posição de sujeito. Para que haja uma relação onde é possível a produção de um sujeito, é necessário algumas alterações na disposição dessa relação. Para que essa produção seja possível, é necessário que partindo do sujeito S [Es] a relação seja endereçada ao outro a', que pode então posicionar o eu imaginário [Moi] a, para então prosseguir e chegar ao Grande Outro: A.

Nessa chegada ao Grande Outro, ocorre uma mutação, o Outro inverte a mensagem que recebe e deste lugar invertido, ela é reenviada para a posição do sujeito S [Es], onde é possível haver inconsciente. O sujeito pode então receber sua própria mensagem, invertida a partir da posição do Grande Outro. É fazer valer não um sentido em comum para as duas partes, mais justamente um sentido ambíguo, que cruza o eixo imaginário e atravessa a resistência. Assim,

por meio dessa inversão, o sujeito pode reconhecer o desejo inconsciente que inscreveu em sua mensagem original. Assim, topologicamente o inconsciente, pode ser reconhecido, como já mencionado anteriormente, enquanto um efeito da linguagem e não mais um "depósito". Fica estabelecido o inconsciente enquanto "extimo", presente no eu e no outro, dentro e fora, íntimo na mesma medida em que é estranho.

Este pequeno outro, pode-se afirmar, é a face pela qual a alteridade comparece na constituição do sujeito, quando se fala do registro imaginário. Em o Seminário Sobre a Carta Roubada de 1955, retomando o esquema L, fica posto que a relação de reciprocidade e identificação entre eu e outro, foi destacada também no estádio do espelho. A respeito disso, é escrito:

A relação especular com o outro, pela qual efetivamente quisemos, a princípio, restituir à teoria do narcisismo, crucial em Freud, sua posição dominante na função do eu, só pode reduzir à sua subordinação efetiva toda a ação da fantasia trazida à luz pela experiência analítica, ao se interpor, como exprime o esquema, entre essa aquém do Sujeito e esse para-além do Outro em que de fato se insere a fala, na medida em que as existências que se fundamentam nesta estão inteiramente à mercê de sua fé. (p.58)

Em, A coisa Freudiana, de 1955 presente nos Escritos, fica posto que há uma paixão cuja natureza, a psicanálise atribui à dinâmica de uma relação com a imagem do próprio corpo (p. 428). Tal paixão se insere em cada relação com a imagem, que por sua vez é constantemente representada por um semelhante, uma significação tão fundamental, que introduz uma dependência à essa imagem (p.428). Tal dependência "acaba por ligar ao desejo do outro todos os objetos de meus desejos, mais estritamente do que ao desejo que eles suscitam em mim" (p. 428). Esses objetos são aqueles "cujo aparecimento esperamos num espaço estruturado pela visão, ou seja, dos objetos característicos do mundo humano." (p.428). este é um ponto elucidado desde a concepção do estádio do espelho (p.429). Porém, "é na desagregação da unidade imaginária constitutiva do eu que o sujeito encontra o material significativo de seus sintomas" (p. 428).

Já em Formulações Sobre a Causalidade Psíquica, também presente nos Escritos, de 1946, Lacan expõe há uma inscrição "numa ambivalência primordial que nos aparece, indico-o desde logo, no espelho" (p.182). Nesse sentido, "o sujeito se identifica, em seu

sentimento de si, com a imagem do outro, e de que a imagem do outro, vem cativar nele um sentimento" (p.182). Fica manifesto o traço essencial da imago: "os efeitos observáveis de uma forma", "e que portanto implica como primitivo um certo reconhecimento." (p.182). Sendo assim, o "ponto essencial, o primeiro efeito que aparece da imago no ser humano é um efeito de alienação do sujeito" (p.182). Isto é, "é no outro que o sujeito se identifica e até se experimenta a princípio" (p.182). Assim sendo:

A história do sujeito desenvolve-se numa série mais ou menos típica de identificações ideais que representam os mais puros fenômenos psíquicos por eles revelarem essencialmente a função da imago. E não concebemos o Eu senão como um sistema central dessas informações, sistema que é preciso compreender, à semelhança delas, na estrutura imaginária e em seu valor libidinal. (p. 179)

Portanto, o campo do imaginário, é o campo das identificações, da alienação, da expectativa de compreensão mútua, onde há uma certa projeção e uma certa paranoia, por assim dizer. É a partir desse campo, que o humano costuma pressupor uma semelhança entre ele mesmo e o outro. E quando não o reconhecimento dessa semelhança, entra em cena o Ódio e a agressividade, que serão abordados mais profundamente no próximo capítulo. Neste campo, a diferença é compreendida enquanto ofensa e até ameaça à sobrevivência. Talvez, por conta disso é que as reações às diferenças, podem tomar proporções radicais, culminando em atos de violência. A violência, entra enquanto estratégia de aniquilação da diferença e por consequência, do mal-estar, que a diferença causa ao sujeito, enquanto ele está no plano das relações imaginárias.

Por outro lado, o registro simbólico atravessa, de acordo com o esquema L, toda essa dinâmica que ocorre no registro imaginário. O registro simbólico, por sua vez, é um sistema, ou um conjunto de posições a partir do qual se estabelecem os significantes. Os significantes, porém, nenhum deles tem sua significação ou um significado em si. Essa significação brota justamente da articulação entre os significantes. Essa articulação é chamada de cadeia significantes e é a cadeia que produz o sentido. As inferências surgem a partir das relações entre o conjunto e a totalidade. É nisso também, que reside o sentido do dito laciano do inconsciente estruturado como linguagem. Isso é equivalente a dizer que o inconsciente corresponde às formas simbólicas. Essas formas simbólicas estão prescritas em várias perspectivas, tais como: a do parentesco, com relação ao Édipo; a perspectiva mítica das

narrativas; das trocas econômicas, ou seja, dos discursos; das relações de gênero, do que se refere à sexualização e assim por diante.

Retomando o Seminário 2 de 1954-955, Lacan salienta a regulação que há nas relações familiares e de parentesco e a proibição relacionada ao incesto e o sentimento de horror que ele causa. Emerge o questionamento: qual o fundamento dessa regulação? A resposta é: a ordem simbólica que "intervém em todos os momentos e em todos os níveis" de existência do sujeito (P.46). Ela é instaurada a partir do Complexo de Édipo, onde o Complexo de Castração, sendo recalcado, inscreve o sujeito na ordem simbólica. Assim, "a função simbólica constitui um universo no interior do qual tudo o que é humano tem de ordenar-se" (p.47). As instâncias simbólicas funcionam da sociedade desde sua origem, desde o momento em que ela aparece como humana (p.48). Ou seja, essa instância precede e marca irredutivelmente a existência de cada um. "Se a função simbólica funciona, estamos dentro" (p.48). E ainda mais se pode dizer, cada um está dentro desta função de tal modo, que dela não se pode sair (p.48). Há portanto, uma necessidade de que no sistema condicionado pela imagem do eu, isto é, o imaginário, o sistema simbólico possa intervir a fim de ser ocorra uma troca, para que assim, se estabeleça um reconhecimento (p.76). O sujeito então, se coloca operante, como humano, e como [eu], a partir do momento em que aparece no sistema simbólico (p.76).

Retomando também o esquema L, é possível realizar a distinção entre o outro com A maiúsculo e o outro com a minúsculo (p. 320). Enquanto o pequeno outro é a face da alteridade na constituição subjetiva no campo do imaginário, o Grande Outro é a face da alteridade na constituição subjetiva no campo do registro simbólico. O Outro, é do que se trata a função da fala (p.320). A fala se fundamenta na existência do Outro, assim, a linguagem serve tanto para nos fundamentar no Outro como para nos impedir radicalmente de entendê-lo (p.331). Em O Seminário Sobre a Carta Roubada (1955) fica claro que o homem chega à ordem simbólica por estar aprisionado nela em seu ser (p.57). Essa entrada é pelo "desfilamento radical da fala", produzido quando o sujeito se dirige ao Outro como absoluto (p.57). O Outro como absoluto, implica também que esse Outro pode anular o sujeito tanto quanto pode agir com ele, fazendo-se de objeto e enganando-o (p.57).

Novamente em A Coisa Freudiana, de 1955, o Outro é novamente apresentado como o lugar em que se constitui o [eu] (p. 432). Freud foi levado ao cerne da determinação da lei simbólica, pois reconheceu no inconsciente a insistência das leis em que se fundamentam a aliança e o parentesco nelas instalado por meio do Complexo de Édipo (p.433). Em A Psicanálise e Seu Ensino (1957), encontrasse uma das vezes em que foi enunciado por Lacan

que "O Inconsciente é o discurso do Outro" (p.440). Novamente em *A Instância da Letra no Inconsciente* (1957) é possível obter um pouco mais de informação:

Se eu disse que o inconsciente é o discurso do Outro com maiúscula, foi para apontar o para-além em que se ata o reconhecimento do desejo do desejo de reconhecimento. Em outras palavra, esse outro é o Outro invocado até mesmo por minha mentira como garante da verdade em que se subsiste. Nisso se observa que é com o aparecimento da linguagem que emerge a dimensão da verdade (p.529)

De volta ao Seminário 11 (1964) em *O Campo de Outro e o Seu Retorno Sob a Transferencia* fica posta a entrada do inconsciente em relação aos campos do Outro e do sujeito e sob circunstância isso ocorre (p.200). "O Outro é o lugar em que se situa a cadeia significante que comanda tudo o que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer" (p.200). "O significante, produzindo-se no campo do Outro faz surgir o sujeito de sua significação" (p.203). Isso ocorre pela via da alienação, comentada brevemente no capítulo anterior. A alienação consiste no que Lacan chamou de um vel que condena o sujeito a só aparecer numa certa divisão (p.206). A alienação é como já foi dito, seguida de outra operação, a separação. A separação determina a circularidade da relação do sujeito com o Outro (p.208). É nessa operação que o sujeito é conduzido à dialética, é uma operação tão essencial quanto a alienação (p.209). O fim dessa operação é uma falta encontrada pelo sujeito no Outro (p. 209).

O sujeito assim nasce primeiro no campo do Outro. O primeiro significante que permite essa concepção é o significante unário, que surge no campo do Outro, no que ele representa o sujeito, para um outro significante (p. 213). Lacan ainda completa afirmando:

"Aquilo pelo que o sujeito encontra a vias de retorno do vel da alienação é a operação que chamei, outro dia, separação. Pela separação o sujeito acha, se podemos dizer, o ponto fraco do casal primitivo da articulação significante, no que ela é de essência alienante. É no intervalo entre esses dois significantes que vige o desejo oferecido ao balizamento do sujeito na experiência do discurso do Outro, do primeiro Outro com o qual ele tem que lidar, ponhamos, para ilustra-la, a mãe, no caso" (p. 213)

Por fim, o registro Real, que ganhará mais importância ao final dos ensinamentos de Lacan. A primeira distinção crucial com relação ao registro do Real, é que ele não corresponde à realidade. Antes, o Real é que precisa ser subtraído da realidade, para que a realidade (composta dos registros simbólico e imaginário), apresente-se de maneira mais harmoniosa e dotada de sentido. O Real, é o que tira o sentido, o que é impossível de representar e por consequência de simbolizar. O Real é o que não se pode nomear. O Real, é aquilo que não se integra, o que é abjeto, heterônimo, impensável. É o que resiste e aparece para cada um pela via da repetição. Uma repetição sem sentido. O Real, designa portanto o que escapa ao Imaginário e ao Simbólico. Em "O simbólico, o imaginário e o real" (1953) Lacan define o Real como sendo:

ou a totalidade ou o instante esvanecido. [...] o choque com alguma coisa [...]
 Produz-se através do diálogo analítico algo completamente surpreendente sobre o qual não pude insistir. É um fato da experiência analítica que valeria, por si só muito mais que uma comunicação. (p. 45)

No Seminário 20 (1972-1973) Lacan afirma que o Real só poderia inscrever-se por um impasse de formalização (p.125). Só a matematização possibilitaria atingir o Real. Ele nada tem a ver com o que o conhecimento tradicional suportou, e que não é o que ele crê realidade, e sim fantasia. O Real é o mistério do corpo falante, o mistério do inconsciente (p. 178). A face da alteridade que comparece no registro Real pode se considerar como sendo o que Lacan chamou de objeto pequeno *a*, ou simplesmente objeto *a*.

O objeto *a*, é aquele que está desde sempre perdido e marca a presença da experiência mais primitiva de satisfação a partir da qual o sujeito passará a vida perseguindo na tentativa de reencontrar. O sujeito se relaciona com cada objeto seu na expectativa do encontro com essa experiência de satisfação e por consequência com o objeto *a*. Este objeto está em constante mutação e é completamente impossível o encontro com ele. Ele é o indicativo, desde sempre e para sempre, da falta constitutiva do ser. Na mesma medida em que esse objeto não pode ser encontrado, ele também não pode ser encontrado. Por isso, não cessa de inscrever e retornar ao sujeito. A repetição estabelece os meios para que o Real, por meio do objeto *a*, sempre compareça para o sujeito.

Qualquer objeto pode ser investido libidinalmente pelo sujeito, mas nunca será "o objeto". Ao que parece, assim que o objeto é investido libidinalmente, deixa de ser o objeto. O objeto passa a ser outro, essa dinâmica é que mantém o desejo sempre deslizando e nunca

fixado. Por nunca estar fixado, pelo contrário, estar sempre em constante mudança, fica por isso, garantida a falta constitutiva do ser. O objeto a, sempre falta a representação e por isso, nunca pode ser apreendido. Ele é inominável e garante o movimento da linguagem, apesar de sempre fugir dela. É a emergência desse objeto a fonte garantidora da produção de vida.

O objeto a não pode ser encontrado no inconsciente como discurso do Outro, já que não pode ser simbolizado ou a ele atribuído significado. Porém, ele é a falta que garante a instalação do inconsciente enquanto furo simbólico. Há nele a marca do caráter, daquilo discutido anteriormente como o êxito. Ele é na mesma medida íntimo e estranho, interno e externo ao conjunto de significantes do Outro.

3. Discursos de Ódio: Mal-estar, Laço social e Gozo

À guisa de introdução, é necessário saber do que se tratam os Discursos de Ódio. Como mencionado no capítulo de introdução, o termo do inglês: "*hate speech*" e é definido por Winfried Brugger (2007) como "palavras que tendem a insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião" (p.118). Assim como a, "capacidade de instigar violência, ódio ou discriminação contra tais pessoas" (p.118). Santos (2016) explica que isso implica tanto no insulto em si, quanto também na instigação dessa ação. Assim, são alvo do discurso de ódio, a vítima, destinatário inicial da agressão, pertencente à algum grupo cuja dignidade foi violada, Como também os possíveis demais leitores da manifestação, que não se identificam com a vítima, mas são chamados a participar do discurso discriminatório. Isso amplia a propagação e é efeito decorrente da instigação. Ou seja, se trata do conjunto do insulto com a instigação, que objetiva não só expressar ódio mas também aumentar a discriminação e a intolerância. (p.13).

Samantha Ribeiro Meyer-Pflug (2009) em sua dissertação de mestrado intitulada "Liberdade de Expressão e Discurso de Ódio" explica que o movimento do Discurso de Ódio tem uma direção, alvos específicos, um destinatário muito bem delimitado. O que confere e adiciona com sutileza e "justificadamente" uma crueldade ainda mais brutal. A autora se refere à "ideias que incitem a discriminação racial, social ou religiosa em determinados grupos, na maioria das vezes, as minorias" (p. 97). Em "As escritas do ódio: psicanálise e política" (2016) organizado por Miriam Debieux Rosa, Ana Maria Medeiros da Costa e Sergio Prudente é possível compreender contexto que faz como um solo fértil de disseminação deste tipo de ato. A "exaltação e empobrecimento do discurso político, em temas relativos aos discursos humanos, na vida pública e na clínica" fornece o contexto a partir do qual emerge o ato do discurso de ódio.

O presente capítulo se encarrega de salientar o ódio, a transformação dele em um discurso enquanto uma resistência ao enfrentamento da divisão subjetiva e do mal-estar em que se funda o processo civilizatório e que ontologicamente compõe o sujeito. Essa resistência em consentir com essa divisão produz um movimento "expulsão" ou "eliminação" do que conturba a ilusão de unidade subjetiva. Tudo o que faz menção ou remete à essa divisão precisa ser excomungado e aniquilado, já que ameaça a existência e é a única forma de solução do conflito. Assim, "nessa composição o outro encarna o mal radical, que justifica o ódio contra ele, base do radicalismo e a segregação" (Rosa, M.D., Costa, A. M., Prudente, S. orgs. 2016).

A página web do Ministério dos Direitos Humanos do Governo Federal fornece informações que podem colaborar no exercício de descrever a conjuntura do discurso de ódio no contexto brasileiro. Diz a fonte que o Observatório Nacional dos Direitos Humanos, uma iniciativa do Ministério dos Direitos Humanos fez uma comparação entre os dados obtidos nos anos de 2017 e 2022 sobre discursos de ódio em ambientes virtuais. O Observatório fez essa comparação com base nos dados registrados na Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos da organização SaferNet. A SaferNet Brasil é uma associação civil de direito privado, sem fins lucrativos ou econômicos, sem vinculação político partidária, religiosa ou racial, que atua nacionalmente.

Entre os anos de 2017 e 2022, o tipo de crime mais denunciado na Central da SaferNet foi o de apologia a crimes contra a vida, sendo 76,1 mil denúncias. Seguido da apologia a crimes contra a vida, o crime de ódio de que mais se recebeu denúncias foi o de misoginia, sendo 74,3 mil. Esse foi o crime que mais cresceu, já que passou de 961 denúncias em 2017 para 28,6 mil em 2022, o que representa um aumento de mais de 30 vezes. Também foram registradas no decorrer desses cinco anos, 45,6 mil denúncias de racismo, 28,3 mil denúncias de casos de LGBTfobia, 28,3 mil denúncias de casos de xenofobia e 10,2 mil denúncias de casos de intolerância religiosa. A página web da SaferNet fornece um gráfico em que forma interativa é possível comparar os dados que se dividem entre: apologia ou incitação de crimes contra a vida, racismo, intolerância religiosa, neo nazismo, xenofobia, homofobia e violência ou discriminação contra a mulher. O gráfico reúne dados colhidos desde 2006, quando se deu o início da atuação da SaferNet.

3.1 O ódio a Partir da Psicanálise

3.1.1 Freud: do inconsciente ao pacto civilizatório

Para compreender as raízes do ódio e como ele tem seu início em cada pessoa e também no contexto social, das relações entre indivíduos, é necessário um retorno ao tema das pulsões, bem como ao texto "As pulsões e seus destinos" de 1915. Neste texto é apresentado ao leitor, como já trabalhado anteriormente, de que modo é adquirida pela criança a referência que a conduz a distinguir o "dentro" e "fora" (p. 21). Essa noção é adquirida baseada na orientação que o psiquismo tem de experimentar o desprazer como um aumento de estimulação e o prazer como a diminuição da estimulação. Já que o organismo tende sempre à busca pelo prazer, a criança empreende a ação muscular de fuga contra os estímulos. Há, porém, estímulos que não atacam fora, mas internamente, contra os quais nenhuma fuga é

eficaz (p. 20). Esses estímulos Freud intitulou como as pulsões que seriam denominadas como "necessidade" e a suspensão delas como "satisfação". Quando a criança percebe que há estímulos dos quais consegue fugir e estímulos dos quais não consegue fugir, adquire, como já foi dito a noção de "dentro" e "fora". Essa noção, pode-se considerar o primórdio ou o caminho a partir do qual pode ser construída a noção de "eu" e de "outro" ou uma diferenciação entre a criança mesma e seu possível "objeto".

Em "A Negação" (1925) fica mais claro o movimento primitivo de introjetar tudo o que é compreendido como prazer e simultaneamente considerar como externo tudo o que é percebido como desprazer (p.143). O que é mau e por consequência causa desprazer fica alheio ao Eu e o que é bom e causa prazer, ainda que esteja externo ao corpo da criança, é entendido por ela como estando dentro de seu Eu, isto é, ela o introjeta. O texto retoma a lógica das representações a através da função do juízo:

A outra das decisões da função do juízo, aquela sobre a existência real de uma coisa representada (prova de realidade), constitui um interesse do Eu-Real definitivo, que se desenvolve a partir do Eu-Prazer inicial. Agora, não se trata mais de saber se algo percebido (uma coisa) deve ou não ser acolhido no Eu, mas se algo presente no Eu como representação pode também ser reencontrado na percepção (realidade). Como podemos ver trata-se, novamente, da questão do fora e dentro. O não real, o que é meramente representado, o subjetivo, é apenas interno; o outro, o que é real, está presente também no exterior. (p. 144)

A mesma lógica parece ser aplicada ao que é mau (causa desprazer) também. O indivíduo pode, para fazer essa prova de realidade, "encontrar" no meio externo, o que em sua percepção da realidade, algo ou alguém que personifique a representação do que lhe causa mal estar internamente. Portanto, apontar e encontrar externamente um objeto que, em sua paranoia, corresponda à representação interna desprazerosa. Isso, corroborando a ideia da internalização do que é bom e externalização do que é mau. Retomando "As Pulsões e seus destinos" (1915), isso fica claro quando é dito que o indivíduo "toma para si, em seu Eu, os objetos oferecidos, desde que eles sejam fontes de prazer, introjeta-os" (p. 53). Ao passo que também, "expele o que dentro dele se torna causa de desprazer" (p.53). Por consequência, "o Eu extraiu de si uma parte, que projeta no mundo externo e sente como hostil" (p.55).

Parece ser aqui que Freud (1915) salienta suas elaborações a respeito do ódio. Ele escreve que "não se pode negar que também o sentido original do odiar indique sua relação com o mundo exterior estranho e portador de estímulos" (p.55). Existem polaridades que orientam o psiquismo nesses primeiros momentos da vida. A polaridade amor-indiferença, reflete a polaridade Eu-mundo exterior, dando seguimento à uma polaridade mais complexa. A de amor-ódio, que segundo Freud (1915) reproduz a polaridade prazer-desprazer. Isso, já que, a fase puramente narcísica pela qual o indivíduo passa, dá lugar a uma fase objetal. Assim sendo, prazer e desprazer significam as relações do Eu com o objeto (p. 56). Quando o objeto é fonte de desprazer há uma tendência e esforço para o aumento da distância entre o tal objeto e o Eu. Como numa repetição da tentativa original de fuga em face dos estímulos do mundo externo abordados anteriormente (p.57). Assim surge o sentimento de repulsa e ódio ao objeto, que pode se intensificar e tornar-se uma propensão à agressão ao objeto, na intenção de aniquilá-lo (p.57).

Assim sendo, o Eu "odeia, abomina e persegue, com intenções destrutivas, todos os objetos que constituem fontes de sensações desprazerosas para ele" (p.59). Isso, independente se "significam uma interdição da satisfação sexual ou da satisfação de necessidades de conservação", (p. 59) o Eu persegue com intenção destrutiva qualquer objeto que constitua fonte de desprazer. Acontece também, que em fases preliminares, o amar é reconhecido como uma tentativa de devorar ou incorporar o objeto, de maneira compatível com a suspensão da existência do objeto separado do Eu (p.61). Aparece então um anseio pelo objeto em um ímpeto de dominação, "ao qual é indiferente o dano ou a aniquilação do objeto" (p. 61). Portanto, "essa forma e essa fase preliminares do amor quase não se diferenciam do ódio em sua conduta diante do objeto" (p.61). Quando é estabelecida a organização genital, somente aí, o amor se torna oposto ao ódio (p. 61).

Fica posto então, que o ódio em relação ao objeto é inclusive mais antigo que o amor (p.61). Isso devido à esse ímpeto de dominação que aparece preliminarmente em forma de amor, mas que quase não se diferencia do ódio. O ódio "brota do repúdio primordial do Eu narcísico perante o mundo externo portador de estímulos" (p.61). Sendo uma "exteriorização da reação de desprazer provocada pelos objetos" (p. 61), o ódio "permanece numa relação íntima com as pulsões de conservação do Eu" (p.61). Compreender a origem das relações amorosas colabora na compreensão de que frequentemente comparece uma "ambivalência" (p.61,63). O ódio, por vezes, aparece mesclado ao amor. Essa mescla vem de dois pontos: de porções não superadas de fases preliminares do amar; e também de reações de repúdio às pulsões do Eu que provocam conflitos (p.63). Ao haver a interrupção de amor com um certo

objeto, frequentemente pode ocorrer a inrupção do ódio em lugar do amor, como que em uma transformação do amor em ódio (p. 63). Chega-se por fim, à concepção de que o ódio é fortalecido "pela regressão do amor à fase preliminar sádica, de modo que o odiar adquire um caráter erótico, o que garante a continuidade de uma relação amorosa" (p.63).

A ideia de ambivalência comparece anteriormente em um dos textos sociais de Freud, Totem e Tabu (1912-1913). Em resumo, o texto se encarrega de analisar a gênese de símbolos sagrados e das proibições, cuja origem é incerta mas que de alguma maneira se aliam a esses símbolos sagrados. As dinâmicas proibitivas das quais o texto se encarrega de escandir cercam, cerceiam e se aplicam à liberdades individuais que por consequência se projetam nos funcionamentos sociais e coletivos. O totemismo acaba por ter vestígios infantis, segundo Freud. É relatada no texto a história de uma "comunidade primerva" cujo pai tirano tinha direito irrestrito e absoluto sobre as mulheres da comunidade. Não havia a restrição ou proibição para o pai. Ele tinha acesso a qualquer mulher, sendo ela quem fosse. Não havia para ele proibição referente à incesto. Mas aos filhos e escravos se aplicavam essas restrições.

Tal assimetria acaba por gerar desconforto nos filhos, que começam a considerar essa dinâmica de funcionamento injusta. Os filhos decidem por se organizar em torno da ideia de aniquilação do elemento opressor que o pai constituía, cometendo parricídio. A morte do pai é sucedida por um banquete totêmico. Nele os filhos comem a carne do pai numa tentativa antropofágica de incorporar as qualidades e atributos que o pai teria. Ao passo que também seria distribuído entre os filhos, como uma herança, o poder do pai. Porém, simultâneo ao banquete ocorre que os filhos se encontram culpados pela morte do pai. Pois, apesar de tirano, o pai era protetor, provedor e sustentador da "ordem" que a comunidade tinha. Tal culpa, culmina então na necessidade de erigir uma representação, como que para restaurar a presença do pai. Assim surge o Totem.

Ao se erigir o Totem, são fundamentadas com ele também as leis que o acompanham e sustentam. São essas leis, os Tabus, ditados pelo código de leis morais e mandatos de regras sociais. Com a morte do pai, qualquer filho poderia tomar o lugar do pai e tornar-se o tirano. Por isso era necessário leis que organizassem a comunidade. O fato de as mulheres não mais sendo "privilégio" apenas do pai, forçava a necessidade de uma certa regulamentação para a forma com que essas relações iriam se estabelecer. Assim, ocorria a organização da comunidade em torno dos totens, e a regulação da cultura a partir dos tabus. A respeito dos Tabus, Freud (1912-1913) esclarece que "a maioria das proibições diz respeito à capacidade de fruição, à liberdade de movimento e comunicação" (p. 47). Indicam portanto, abstinências

e renúncias, e por vezes tem teor incompreensível e podem parecer de natureza inteiramente cerimonial (p. 47).

O Tabu poderia ser "igualmente tudo, tanto as pessoas como os lugares, objetos e estados passageiros" (p. 48), fontes de características misteriosas. Acontece que o estabelecimento dos Tabus, pode estabelecer também o desejo (p. 57). Gerando assim a atitude ambivalente do indivíduo quanto ao objeto de que se tratava anteriormente (p. 58). O indivíduo deseja realizar o ato que lhe é vedado pelo tabu, ao passo que também o abomina (p. 58). A respeito disso, Freud (1912-1913) salienta:

O desejo instintual desloca-se constantemente, a fim de escapar ao cerco em que se acha, procura obter sucedâneos para o proibido - objetos substitutivos e ações substitutivas. Por isso também a proibição se move, estendendo-se aos novos alvos do impulso proibido. A proibição responde a cada novo avanço da libido reprimida com um novo aguçamento. (p. 59)

Desde este texto, que é um dos textos sociais de Freud, é possível notar a aproximação e indissociação constante que ele propõe entre indivíduo e sociedade. Em "Psicologia das massas e análise do eu" de 1921 isso fica nítido quando escreve:

A oposição entre psicologia individual e psicologia social ou das massas, que pode nos parecer muito importante à primeira vista, perde muito de sua nitidez se examinada a fundo. Certamente, a psicologia individual é dirigida ao ser humano individualmente e procura seguir por quais caminhos ele tenta alcançar a satisfação de suas moções pulsionais; no entanto, ao fazê-lo, e sob determinadas condições excepcionais, só raramente ela estará em posição de desconsiderar as relações desse indivíduo com os outros. Na vida psíquica do indivíduo, o outro é, via de regra, considerado como modelo, como objeto, como auxiliar e como adversário, e por isso a psicologia individual é também, de início, simultaneamente psicologia social, nesse sentido ampliado, mas inteiramente legítimo. (p.137)

Neste texto, Freud (1921) parte do estudo sobre massas de Gustav Le Bon, um sociólogo e médico Francês. E a partir desse estudo, fornece a teoria psicanalítica a respeito do funcionamento e as características da massa. Passar por esse texto, colabora para o entendimento a respeito de como o ódio comparece a partir do indivíduo, também na massa. Freud descreve a massa como sendo "impulsiva, mutável e excitável", e "guiada quase que exclusivamente pelo inconsciente" (p.146). Os impulsos aos quais a massa obedece podem ser generosos ou cruéis e nada nela é premeditado. A massa não suporta o adiamento de seus desejos e tem um sentimento de onipotência. Assim, "para o indivíduo na massa, desaparece o conceito de impossível" (p.146). Na massa, o indivíduo experimenta um rebaixamento do rendimento intelectual, por sua dissolução na massa. A massa acaba por ser influenciável, crédula, acrítica e pensa por imagens que se evocam uma a outra associativamente (p. 146). Assim, é como se o indivíduo estivesse em um estado de livre fantasiar que não é mediado por nenhuma instância racional que forneça conformidade com a realidade (p.147).

A massa chega rapidamente a extremos e para influenciá-la não é necessária nenhuma dimensão lógica ou argumentativa (p.146, 147). Nela não há dúvidas quanto ao que é verdadeiro ou falso, podendo ser tanto intolerante quanto crente na autoridade. A reunião dos indivíduos na forma da massa faz cair as inibições de cada um e todos os instintos "cruéis, brutais, destrutivos que permaneciam dormentes no indivíduo como resíduos da pré-história são despertados para livre satisfação pulsional" (p.147). Outro fenômeno curioso é a intensificação da afetividade que ocorre na formação da massa p.155). A crítica do indivíduo é calada, fazendo-o compartilhar do mesmo afeto dos demais. Isso produz no indivíduo uma impressão de poder ilimitado (p. 156). Esse aumento da afetividade paralelo à restrição do rendimento intelectual constitui "um resultado que só pode ser alcançado pela supressão das inibições pulsionais" (p.159), de cada indivíduo pela renúncia às tendências particulares de cada um.

Percebe-se que há na massa portanto, uma organização libidinal baseada precisamente na identificação. Há o que Freud chamou de pulsão gregária que influencia as ligações afetivas. Essa pulsão gregária é inata ao ser humano e é a manifestação das tendências libidinais de agrupamento. O indivíduo, por sentir-se incompleto sozinho, evita separar-se por medo (p.194). Esse sentimento social é capaz de transformar a hostilidade em uma ligação acentuada, cuja natureza é a identificação (p. 198). Nesse texto, Freud (1921), faz um retorno a Totem e Tabu e diz que "o pai primevo é o ideal da massa, que, no lugar do Ideal do Eu, domina o Eu" (p.206).

Em "O Mal Estar na Cultura", Freud (1930) retoma a ideia de que o Eu se defende das excitações desprazerosas e dessa maneira se separa do mundo exterior (p.310). É construída a noção de que o que distancia a sociedade da barbárie e a faz produzir cultura é uma certa quantidade de renúncia pulsional, que pela via da sublimação torna possível aos homens a produção de belas criações. Outro traço importante da cultura, seria a regulação das relações dos seres humanos entre si, bem como a formalização da noção de direito, com a substituição do poder do indivíduo pelo da comunidade (p. 344). Mas nada disso é possível sem, como já foi dito, um certo impedimento da satisfação pulsional que acaba por se impor ao desenvolvimento libidinal de cada indivíduo. Acontece que não é sem consequências que isso ocorre e acaba por causar hostilidade (p. 347).

Com isso, Freud retoma em "O Mal Estar na Cultura" a lógica totêmica que foi discutida há pouco. A cultura totêmica, segundo Freud, é baseada nas restrições que precisaram ser impostas para a manutenção da nova condição social. Nisso os tabus, formam o primeiro "direito" (p. 350). Com isso a vida em comum se constitui da coerção ao trabalho, criada pela necessidade, e pelo poder de amar, no que diz respeito ao homem enquanto encontra seu objeto sexual na mulher (p. 350). A psicanálise ensina que o impedimento da satisfação não é tolerado pelo neurótico, fazendo-o criar satisfações chamadas substitutivas, os sintomas. Sendo esses, sofrimentos que causam dificuldades na lida com o mundo exterior ao redor e com a sociedade (p. 358).

Fica posta a partir disso uma inclinação à agressão e hostilidade. O ser humano, parece ser dócil por natureza e sim, hostil. Esse é um fator que perturba a relação de cada um com seu próximo e obriga a cultura a arcar com os custos dessa perturbação (p. 364). A consequência dessa hostilidade primária dos humanos entre si é que "a sociedade de cultura está constantemente ameaçada de se desintegrar" (p. 364). A cultura é obrigada a mobilizar tudo "para colocar barreiras às pulsões de agressão dos seres humanos, para suprimir as suas manifestações através de formações reativas" (p. 364). Essa mobilização tem como recurso, métodos que estimulam os humanos à "identificações e ligações amorosas inibidas quanto à meta, daí a restrição à vida sexual" (p. 364). Nada é tão contrário à natureza humana originária, segundo Freud (1930) (p. 364).

A agressão, data de tempos pré-históricos, aparece na criação familiar e forma o sedimento de todas relações ternas e amorosas entre seres humanos (p. 366). Tudo o que no amor é encontrado como perigoso e hostil é atribuído a uma bipolaridade originária em sua própria essência e à suposição da pulsão de morte (p. 372). A pulsão de destruição voltada tanto para o exterior como para o interior remonta à onipresença da agressão e destruição não

eróticas na vida (p. 373). Segundo Freud (1930) "a inclinação à agressão é uma predisposição pulsional originária e autônoma do ser humano" (p. 375). Assim, "a cultura encontra nela o seu obstáculo mais poderoso" (p. 375). a pulsão trabalha para agrupar indivíduos isolados e essas massas humanas são ligadas libidinalmente umas às outras (p. 375). Acontece que "esse programa de cultura opõe-se à pulsão natural dos seres humanos, a hostilidade de um contra todos e todos contra um" (p. 375, 376). Freud (1930), esclarece então que "essa pulsão de agressão é o derivado e o principal representante da pulsão de morte" (p. 376). E continua ao constatar que:

A agressão é introjetada, interiorizada, mas, na verdade, é enviada de volta para o lugar de onde veio, portanto, é voltada contra o próprio Eu. Lá ela é assumida por uma parte do Eu, que se opõe ao restante como Supereu, e então, como "consciência moral", exerce contra o Eu essas mesma disponibilidade rigorosa para a agressão, que o Eu teria, com prazer, saciado em outros indivíduos, desconhecidos a ele. (p. 377)

Através dessas dinâmicas libidinais internas entre Eu e Supereu dá origem ao sentimento de culpa, aliado a um discernimento que possibilita a diferenciação entre bem e mal (p. 377, 378). O mal é inicialmente "aquilo através do qual somos ameaçados com a perda do amor; por medo dessa perda, temos, necessariamente, de evitá-lo" (p.378). O movimento de massa, tende por meio da identificação, a localizar o mal em um outro objeto, externo à massa. E por seu traço de rebaixamento da capacidade intelectual, aliada a recusa da não satisfação pulsional e o aumento da afetividade, a massa experimenta uma desinibição na capacidade de demonstrar ódio e seu potencial de crueldade à figura escolhida como a localidade do mal.

3.1.2 A perspectiva lacaniana do ódio

O ódio é abordado por Lacan em alguns de seus Seminários. Esta porção do presente capítulo será destinada ao trabalho de uma tentativa de agrupar a compreensão de Lacan a respeito do Ódio no decorrer de uma parte de seus ensinamentos. Em seu Seminário 1 Lacan (1953-1954) estabelece que a dimensão do ser se inscreve em três paixões fundamentais que se inscrevem na intersecção dos três registros comentados no capítulo anterior. Registros esses que, como arcos, estão articulados em um nó chamado por Lacan de Nó Borromeano. Este nó é amarrado de maneira tal que, se um dos registros de solta, os outros dois também não permanecem denodados. O nó só é possível se houver os três arcos articulados. Na junção

entre simbólico e imaginário, fica o amor, que não comporta o furo e a falta que o real pode inscrever. Na junção entre real e simbólico, fica a ignorância, que não comporta o sentido unívoco da imagem. Na junção entre o real e o imaginário, o ódio que não comporta as simbolizações possíveis, que o simbólico é capaz de entregar (p. 353. 354).

Assim como Real, Simbólico e Imaginário estão articulados no nó, para Lacan, Amor, Ódio e Ignorância também se articulam. Se articula de maneira que a dialética dupla Amor-Ódio, não fica sem a terceira paixão, a ignorância. Fica composto assim o ternário Amor-Ódio-Ignorância. Lacan diz que nenhum sujeito vai à análise, sem se colocar "na posição daquele que ignora" (p.353). As paixões funcionam como arestas que adicionam volume às relações humanas. São pontos de junção e pontos de ruptura que se situam em diferentes domínios da relação humana (p. 359). Há no ódio, uma dimensão imaginária, de tal maneira que a destruição do outro é um polo da estrutura da relação intersubjetiva (p. 360).

Lacan (1953-1954) explica que a dimensão imaginária é enquadrada pela relação simbólica. E por isso o ódio não se satisfaz com o desaparecimento do adversário. No amor, o objetivo é o desenvolvimento do ser do outro. Mas no ódio, há o oposto. O que se quer com o ódio é a destruição do outro (p. 360). Para Lacan "já somos muito suficientemente uma civilização do ódio" (p.361). Isso já que, o discurso comum, muito frequentemente se reveste de "pretextos, encontra racionalizações extraordinariamente fáceis" (p.361), para se reverter em ódio. Assim, "talvez seja esse estado de floculação difusa do ódio que satura em nós o apelo à destruição do ser" (p.361). Em nossa civilização a "objetivação do ser humano" (p. 361), corresponde "exatamente ao que, na estrutura do ego, é o polo do ódio" (p. 361).

Em O Seminário Sobre a Carta Roubada, presente nos Escritos, de 1955, Lacan afirma que, a comunicação, por mais evanescente que possa ser, não está ausente para o homem. Mas que pode-se apreender o efeito de comunhão que a comunicação causa, mais claramente, quando se pode observar essa comunhão entre duas pessoas com o ódio dirigido a um mesmo objeto. Com a exceção de que esse encontro não seria possível sob outras circunstâncias, sendo apenas possível o encontro em relação a esse único objeto. Objeto este definido pelos traços do ser que tanto um quanto o outro rejeitam. Acontece porém que essa transmissão não acontece sob a forma simbólica (p. 21). Lembrando o fato de que para o sujeito do inconsciente não é possível haver comunicação devido à esfera simbólica. Pode-se compreender que o ódio, por sua estrutura de intersecção imaginária e real, e ausência simbólica, possibilita uma espécie de comunicação ou identificação entre os que compartilham do ódio a um mesmo objeto.

Em Situação das Psicanálise de 1956, também presente nos Escritos, há uma continuidade na ideia de como a tensão hostil pode ser constitutiva da relação entre os indivíduos (p. 493). Dirigir o ódio ao mesmo objeto também dá ao grupo uma identificação a uma imagem ideal, às custas de uma comunicação articulada imagetivamente. Assim, Lacan retoma a ideia freudiana de narcisismo das pequenas diferenças, destituindo o laço social. O narcisismo das pequenas diferenças aparecem primeiramente no texto O Tabu da Virgindade de 1918 e pressupõe o ódio intrínseco às relações humanas e trata da hostilidade resultante da dificuldade em reconhecer o outro em sua diferença, por mínima que possa ser. Há uma certa dialética no ódio. A medida em que por um lado ele cria vinculações pela via da identificação, ao passo que também estabelece a segregação entre massa que se aglutina por atribuir ódio a um objeto e o resto do meio social. E por fim, também segrega o objeto odiado, colocando-o como abjeto.

No Seminário 5 (1957-1958) ao expor o grafo do desejo, chama a atenção para a linha superior do esquema, que é uma linha significativa e articulada (p.452). Tal linha corresponde, segundo ele, ao efeito da articulação significativa que faz aparecer o simbólico no real. Essa articulação faz surgir a possibilidade da demanda, que é, essencialmente, demanda de amor. Fica posta então que é apenas desse modo que pode ser concebida a equivalência entre amor e ódio. E é dessa forma também que entra o terceiro termo em relação ao sujeito, a ignorância (p.452). "A relação narcísica ou especular do eu com a imagem do outro", por sua vez, "é anterior, inteiramente implicada na primeira relação da demanda" (p. 454).

Por trás da demanda mais primitiva do ser, há o desdobramento da demanda, já que toda demanda é demanda de amor. A demanda distingue o Outro como objeto real capaz que proporcionar a satisfação. É desse Outro como objeto simbólico que se faz a "matriz em que irão cristalizar-se as relações intrínsecas que se acham no horizonte de qualquer demanda, o amor, o ódio e a ignorância" (p. 512, 513). Diz Lacan, que "a primeira relação de dependência é ameaçada pela perda do amor, e não pela privação dos cuidados maternos" (p. 513). É em virtude disso, que ela se faz "homóloga, em si mesma, à que depois se organizará na perspectiva das leis da fala." (p. 513).

Existiria, paralelamente, por consequência também algo do ódio no desejo. O desejo em si, comportaria algo destrutivo. A estrutura do desejo comporta uma certa defesa contra sua própria realização. O desejo surge do movimento do sujeito de notar uma diferença entre ele mesmo e o Outro. Uma discrepância que insere uma falta. A falta insere o desejo, a medida em que o sujeito passa a aferir a distância entre ele e o Grande Outro. Essa diferença é a própria articuladora do desejo. Acontece que em sua própria constituição entra uma espécie

de "curto circuito", conhecido enquanto o gozo. Esse "curto circuito", a defesa contra a realização do desejo que comparece no caminho para a realização do desejo, é propriamente isso que há de destrutivo na estrutura do desejo (Niskier Flanzer, 2006, p. 219).

Durante o Seminário 6 (1958-1959) o leitor é lembrado que desde Freud a qualidade mais intensa de ódio reside no âmago do ser (p.139, 140). O ódio, visa no odiado o que é demandado, o que se sabe que é o amor. O ódio acomete o odiado de uma ferida narcísica total (p.140). Acomete o odiado à uma degradação subjetiva, que deixa marcas diversas (p. 140). Já no Seminário 7 de (1959-1960) fica circunscrita a consciência moral como uma espécie de alimentadora do ódio, pela via de sua crueldade paradoxal, que faz incidir um caráter particular de maldade, funcionando no plano do pathos (p.111, 112). No fundo do homem, há o que Lacan chamou de ódio-de-si (p. 112). Lacan lembra com isso o campo do Das Ding freudiano tratado anteriormente. É um campo que vai muito além da afetividade, é "movediço, confuso, mal discernido por falta de organização suficiente de seu registro" (p.127). Das Ding é o campo do que não foi satisfeito e nunca se poderá saber o que de fato era desejado, para ser satisfeito. Designa "o plano do para além do princípio do prazer" e "o que na vida pode preferir a morte" (p. 126).

O ódio pode ser o extremo de um trajeto que se inicia no registro de um gozo como sendo o que não é acessível a não ser para o outro, que gera um mal estar singular, relativo a hiância humana (p 282). O outro é tido como alguém detentor de um gozo, fruto de uma abundância vital (p. 282). Esse gozo é compreendido pelo sujeito como algo que ele não pode ter, de maneira alguma, por nenhum movimento afetivo. Isso leva o sujeito a ciumar no outro isso que ele não é capaz de obter. Indo até as vias de odiar, até a necessidade de destruir (p. 282). Talvez devido ao fato de que o outro tendo o que lhe falta, faça-lhe lembrar a cada encontro com esse outro, sua própria falta, fazedora de seu mal-estar. É possível compreender que o Édipo fomenta uma espécie de luto, em que se origina o Supereu, mas que isso não se apresenta sem que seja sob um véu (p. 362). O véu do ódio. Há aí a entrada na zona que é constituída pela renúncia, que consiste em uma punição. Nesta zona edípica o que há é o ser-para-a-morte, até o aniquilamento e o desaparecimento (p. 362, 363).

Em A Transferência, Seminário 8 de (1960-1961), Lacan começa a salientar uma certa correlação entre amor e ódio (p. 88). Ele escreve que:

É muito singular ver reemergir, sob a pena de Freud, o amor como potência unificante pura e simples, de atração sem limites, para opô-lo a Thanatos -

quando temos correlativamente, e de maneira discordante, a noção tão diversa, e tão mais fecunda, da ambivalência amor-ódio (p.118)

Lacan salienta que essa esfera de correlação entre amor e ódio pode ser encontrada por toda parte (p. 118). E ainda continua, afirmando que não foi ele quem inventou essa correlação (p. 365). Mais a frente, Lacan reafirma o campo imagético em que o ódio comparece. O objeto do ódio, é criado pelo instinto de destruição (p. 428). Alias o ódio é o próprio efeito libidinal da Pulsão, descrita por Freud como pulsão de morte. O ódio é chamado por Lacan de efeito tanatológico, "que eterniza o objeto sob o aspecto de uma forma", fixando-o como um tipo imaginário (p. 429). Em A Angústia, Seminário 10 de (1962-1963) Lacan, revela que a constituição do objeto enquanto hostil, remonta ao desamparo. Desamparo esse que é constitutivo de todo ser humano, já que todos nascem sob a experiência de desamparo e dependência total do cuidado de alguém.

No Seminário 20, Lacan (1972-1973) continua sua elaboração sobre a relação entre amor e ódio. Ele cria o termo "hainamoration" (p. 97). Seria uma enamoração feita de ódio (haine) e de amor. Um amódio. O termo "hainamoration" é um jogo de palavras que vem do francês. É uma espécie de trocadilho entre il est, ele é, e il haït, ele odeia. Desse jogo subentende-se o sentido de ser-de-ódio (p. 134). E fica posto também que, além de partir de um ser-de-ódio, o ódio sólido é direcionado ao ser. Isso acaba por ocasionar uma rejeição do ser (p.132). Um desprezo, que Lacan, novamente ao brincar com as palavras, chama de despreço. Ele diz que por estarmos "nos tempos dos supermarkets" (p. 132), "temos que saber o que somos capazes de produzir, mesmo em matéria de ser" (p. 132). Isso talvez possa evocar a ideia de que o ódio objetifica o ser, e por consequência objetifica também o alvo do ódio desumanizando-o. Estabelecendo-se então uma relação em que o ódio apareceria como uma moeda, em função e a serviço do capital.

Fica posto neste seminário que no campo do ódio, não se trata apenas de querer o mal do outro. É completamente possível odiar sob pretexto e justificativa de "querer o bem para o outro". O ódio cai como mal, ainda que funcione sob a justificativa de querer o bem. Pois quem odeia não se interessa em saber sobre o sujeito odiado, antes, de saída tem "soberano saber" sobre o que seria bom para o sujeito odiado. O suposto bem, cai como mal, pois é uma imposição que desconsidera a dialética do desejo do alvo desse afeto. Não é incomum presenciar situações como essas e grandes horrores da humanidade ocorreram através dessa dinâmica.

Ainda em seu Seminário 20, fica afirmado que o ódio é "o que mais se aproxima do ser", que Lacan chamou de existência (p. 129). Para ele, "nada concentra mais ódio do que esse dizer onde se situa a ex-sistência" (p. 129). O ser-de-ódio reconhece e localiza fora de si o que lhe foi negado desejar por seu próprio conflito interno, externamente a si mesmo, "do lado de fora" de si. O que ele recusa reconhecer como desejo internamente por sua natureza conflituosa e por consequência desprazerosa, ele circunscreve na imagem do outro. O que há de mais estranho e rechaçado, também lhe é íntimo, como na ideia freudiana de *Unheimlich*. O ódio comparece enquanto economia libidinal. Para descarga do desprazer que a lembrança do conflito interno, que é acionada pela imagem do outro. E consequentemente alcance do prazer ao aniquilar o outro que é o símbolo e a lembrança de seus conflitos internos.

Sandra Niskier Flanzer em seu texto Sobre o Ódio, publicado em 2006, explica o quanto o ódio é inerente à constituição do sujeito e passa por sua relação com o campo do Outro, tendo seus efeitos na relação com o campo do outro. O ódio seria inerente ao sujeito, efeito de sua "hostilidade basal para com o Outro - este Outro que tanto o constitui quanto o priva da completude totalizante" (p. 220). Porém, o ódio também pode ser "consequência da frustração do sujeito diante deste Outro que, sobremaneira, não lhe confere o arredondamento almejado" (p. 220). Assim sendo, em sua origem, o ódio é ao Outro. Freud aloca o Outro no interior da pulsão de morte, e distingue esse ódio do subsequente, que deriva "das relações objetais estabelecidas posteriormente, o ódio ao outro, ao rival, ao semelhante" (p. 220). Flanzer (2006) segue essa concepção ao dissertar que:

Segundo Lacan, conforme já enunciado, o ódio é oriundo da relação estrutural do sujeito com o Outro: o sujeito odeia o Outro por conta da paixão que nutre pelo Ser do Outro. Ao ser destituído, excluído da possibilidade oferecida pelo Ser, ao sujeito só resta a tentativa de demolir este Outro. Como resultado disso, advém o ódio, sendo este ódio, repito, distinto daquele da rivalidade. Poderíamos dizer, apoiando-nos nos textos freudianos antes descritos, que, ao conferir ao ódio um lugar preliminar em relação ao amor, bem como ao abordar o ódio como aquilo que caminha lado a lado com a pulsão de morte, Freud estaria postulando as coisas dessa mesma forma, qual seja, a de considerar o ódio como

sendo este elemento tanto fundador quanto indissolúvel no escopo das relações entre os homens (p. 225)

O sujeito, não pode escapar da pulsão de morte, assim como não pode escapar do campo da linguagem. O campo da linguagem faz do sujeito, servo de sua própria divisão e portanto do mal-estar que ela comporta e da hostilidade efeito desse mal estar (Flanzer, 2006, p. 224). A condição para a fala é que o sujeito demande do Outro. Dessa maneira, o sujeito atribui ao Outro a capacidade de responder a essa demanda. Todavia, isso que o sujeito endereça ao outro, não recebe uma correspondência almejada . O efeito dessa operação evolui até o ódio (p. 226).

3.2 O Afeto e o Discurso

André Green em *O Discurso Vivo: Uma Teoria Psicanalítica do Afeto* de 1982, caracteriza o afeto como uma categoria "que agrupa todos os aspectos subjetivos qualificativos da vida emocional no sentido amplo" (p.20). Ele defende que o afeto precisa ser compreendido "essencialmente como um termo metapsicológico, mais do que descritivo" (p. 20). Isso porque a concepção psicanalítica a respeito do afeto se distingue de outras concepções que também teorizam sobre esse fenômeno. A concepção psicanalítica a respeito do afeto não vai de encontro às teorizações feitas por campos como a neurobiologia, sociologia, filosofia ou mesmo a psicologia (p. 20). A clínica e a teoria psicanalítica incluem a categoria dos afetos na "multidão de estados pertinentes à gama prazer-desprazer" (p. 14). Sendo então questionável se uma concepção unitária seria capaz de explicá-los.

O afeto não tem para Freud, segundo Green (1982), uma função uniforme. Ele tem conforme o contexto, a função de ser uma emanção da pulsão (moções afetivas), o motor de uma ideia, o móbil de atos, ou até o "conjunto de relações que a relação com o objeto transferencial ajuda a repetir" (p. 168). Nesse sentido, o afeto teria uma certa dimensão plástica (p. 18). A noção de afeto para Freud sempre esteve ligada "à descarga, isto é, a um processo em ato e em movimento" (p. 20). Para Green (1982) "a história do afeto assim, como a da psicanálise, está estritamente ligada à histeria" (p. 26). A psicanálise possibilitaria às históricas a oportunidade de "verter verbalmente" a carga afetiva que havia na base do sintoma que acarretava o sofrimento histórico (p. 28). Transformaria a carga afetiva e levaria a representação patogênica a se modificar pela via associativa (p. 28). Sendo assim, "ligam-se, numa rede indissociável, o trauma, sua recordação e as representações patogênicas que dela derivam, o afeto não descarregado e a verbalização acompanhada da emoção" (p. 28, 29).

Em *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo* de 2015, Vladimir Safatle propõe uma reflexão sobre os afetos. Propõe uma "consideração sistemática sobre a maneira como a vida social e a experiência política produzem e mobilizam afetos que funcionarão como base de sustentação geral para a adesão social" (p. 37). Ele defende que os afetos, assim como as pulsões (por serem representantes pulsionais), funcionam pela via de circuitos. Ele escreve que "há uma adesão social construída através das afecções" (p. 16). Assim, a transformação da sociedade, abre a possibilidade de produção de modos de vida singulares, fazendo os afetos circularem. Por isso, uma sociedade que desaba, o faz por seus afetos que desapareceram e leva consigo os sujeitos que criou (p. 16).

O afeto que abre cada um para os vínculos sociais, para Safatle (2015), é propriamente o desamparo. Para além disso, a perspectiva freudiana reconhece os afetos em seu posto ambivalente, já que é da recusa do desamparo que vem o desejo para a alienação social. Dialeticamente, para Freud, é da afirmação do desamparo também que vem o desejo de emancipação (p. 18). O desamparo não é algo que se possa esquecer, não é algo contra o qual o sujeito luta, antes é algo que se afirma. Safatle lembra que para Freud o desamparo é com que se pode fazer várias coisas, transformá-lo em medo, angústia social e poderia-se acrescentar sem dúvidas o ódio. Mas pode-se também a partir do desamparo produzir liberdade, afirmando a contingência e errância que a posição de desamparo pressupõe (p. 18). Safatle (2015) ajuda a lembrar ainda que para Freud:

O amor não aparece como fundamento para a segurança emocional advinda do saber-se amparado pelo desejo do Outro. Antes, ele é marcado por uma consciência de vulnerabilidade expressa no sentimento constante de "angústia da perda do amor". Nesse sentido, tais relações não podem servir de fundamento para a construção de alguma forma de segurança afetiva pretensamente fundamental para a consolidação de vínculos sociais estáveis e capazes de assegurar o desenvolvimento não problemático de identidades. (p. 48).

É perfeitamente possível pensar sob essa mesma perspectiva a respeito do ódio, já que desde Freud amor e ódio são frutos de uma ambivalência e em Lacan, duas faces de uma mesma moeda. O ódio é marcado pela consciência de vulnerabilidade e de angústia com a possibilidade de perda de amor. O ódio surge da percepção de incompletude, frente a suposta

completude do Outro. Surge da suposição de que o Outro teria o que é necessário para amparar suficientemente o ser em desamparo, mas por vezes simplesmente apenas não o faz.

Em Para uma concepção discursiva dos afetos: Lacan e a semiótica tensiva (2018) Ravello, Dunker e Bevidas, se juntam para apresentar como a perspectiva da linguagem de Lacan pode fornecer elementos para uma abordagem discursiva dos afetos, como alternativa à concepção biológica da questão. No texto, isso se faz operando um diálogo entre a teoria lacaniana e o campo da semiótica. A ideia ao trazer essa discussão para o presente capítulo não é se deter no campo da semiótica, já que se tem pouco suporte teórico para isso. Mas o que se almeja é antes disso, tentar compreender em alguma medida a relação possível entre o afeto e o discurso. O texto defende a releitura do conceito de afeto no campo lacaniano. Enxergando-o mais como um engajamento, onde o significante atuaria instaurando a relação entre corpo, sujeito e linguagem.

Segundo Ravello, Dunker e Bevidas (2018), o afeto estando submetido à ordem significante, teria como efeito, em suma, o processo pelo qual a linguagem se apropria do corpo durante o exercício do discurso. Em outras palavras, o efeito seria sua participação na constituição do corpo, no modo em que ele é apreendido pelo psíquico. Engloba-se simultaneamente nesse processo os efeitos do aspecto econômico, tais como, sintoma, gozo e produção do sujeito. Isso porque, o efeito do afeto, permite a inflexão em que a linguagem opera tanto no psíquico quanto no corpo, criando o efeito de sujeito. Uma vez que estão subordinados ao discurso, os efeitos do afeto se tornam dependentes da alteridade discursiva.

Para Green (1982), "o universo dos afetos é comunicável na medida em que as representações de coisa e as representações de palavra formam com ele um complexo psíquico inteligível" (p.15). Porém, o afeto se dá propriamente, segundo ele, em sua brutalidade. O que ele quer dizer, é que o afeto só o é em seu estado bruto. Este estado bruto é aquele em que o afeto ainda não está ligado à uma representação de palavra, segundo a lógica freudiana. Afeto e representação opõe-se de maneira categórica, assim como a sensibilidade e o intelecto (p. 16). Pode-se pensar que se vinculam pela via do discurso, efeito da linguagem.

Em seu Seminário 9 (1961-1962) Lacan afirma que:

A partir do momento em que o homem põe em palavras seus afetos, ele faz deles justamente outra coisa, faz deles pela palavra um meio de comunicação, ele os faz entrar no domínio da relação e da intencionalidade; transforma em

comunicável o que foi vivido no nível do corpo e que, como tal, em última análise, permanece como algo da ordem do não-verbal. (p.279)

Do ponto de vista do ódio, faz-se necessário pensar portanto que a aquisição da linguagem faz a troca do ato hostil para a palavra. A cultura coloca regras na linguagem. Já que ninguém nasce com a cultura, ela vai sendo introjetada em cada um. Porém, quando a linguagem cai, vem a hostilidade. Quando a palavra cai, a hostilidade vira ato. Vira imperativo de ato. O discurso de ódio não inventa o ódio, ele só legitima o ódio que já há em cada um. O homofóbico já era homofóbico, o racista já era racista, o misogeno já era misogeno. o discurso de ódio legitimou o que já havia de afeto e possibilitou o ato. O discurso de ódio explode o que estava recalcado na massa.

Já é bastante complexo pensar a trajetória de uma afeto até se tornar complexo. Mais ainda é pensar nesse processo quando se trata de uma afeto que como visto neste capítulo, se faz da encruzilhada entre real e imaginário, recusando em alguma medida a simbolização. Neste sentido o que se pode pensar é que o discurso de ódio, têm uma estrutura de ato. Ainda que seja dito, pode-se dizer figurativamente que não há fala e sim grito. Pode-se pensar inclusive no discurso de ódio, bem próximo à resposta subjetiva que Lacan propôs como passagem ao ato. A passagem ato, em alguma medida reverte o sujeito em objeto, destituindo-o. O sujeito se priva e nega sua própria posição de sujeito. A passagem ao ato tem um trágico pra quem presencia, assim como o discurso de ódio.

3.3 Gozo, Discurso e Laço Social

Entre os Seminário 16 e 19, Lacan desenvolve sua teoria a respeito dos discursos. Em De um Outro ao outro, Seminário 16 (1968-1969) Lacan deu início ao que seria sua teoria dos quatro discursos. Com O Averso da Psicanálise, Seminário 17 de 1969-1970, ele completa as bases que lançou em seu seminário anterior. Pode-se encontrar referências aos discursos também nos seminários seguintes, 18, De um Discurso que Não Fosse Semblante (1971) e 19, ...Ou Pior de (1971-1972). No Seminário 17 Lacan (1969-1970) aborda de que maneira se deve entender do que se trata sua teoria a respeito dos discursos. Ele aponta o seguinte:

Ocorreu-me com muita insistência no ano passado distinguir o que está em questão no discurso como uma estrutura necessária, que ultrapassa em muito a palavra, sempre mais ou menos ocasional. O que prefiro, disse, e até proclamei um dia, é um discurso sem palavras. É que sem palavras, na verdade, ele pode

muito bem subsistir. Subsiste em certas relações fundamentais. Estas, literalmente, não poderiam se manter sem a linguagem. Mediante o instrumento da linguagem instaura-se um certo número de relações estáveis, no interior das quais certamente pode inscrever-se algo bem mais amplo, que vai bem mais longe do que as enunciações efetivas (p.12)

Com a expressão "discurso sem palavras", pode-se apreender a formalização de uma estrutura, que em alguma medida organiza as relações sociais. A intenção lacaniana era compreender como discurso, não apenas a fala do paciente, enquanto possibilidade de restituição da dimensão de sua própria história, na relação dialética entre sincronia e diacronia. Antes, parece ser a intenção de Lacan atribuir maior foco à dimensão da estrutura do laço social. Por meio da teoria dos discursos é que pode-se afirmar que o discurso toma estatuto de conceito, apresentando-se como uma dimensão estrutural. O que se almejava era uma forma de compreender o estabelecimento dos laços sociais entre os sujeitos, articulando para isso, os campos da linguagem e do gozo.

Em seu Seminário 20 (1972-1973), Lacan afirma que sua noção de discurso "deve ser tomada como liame social, fundado sobre a linguagem" (p.28). E por isso mesmo, "parece então não deixar de ter relação com o que na linguística se especifica como gramática"(p. 28). Para especificar do que se trata o liame, diz que "o liame - não podemos fazer outra coisa senão passar imediatamente a isto - é um liame entre aqueles que falam" (p. 36). O discurso como tal, segundo Lacan, funciona ele próprio, enquanto liame (p. 47). Os laços sociais então, por serem estruturados na e pela linguagem, são denominados discursos

Marco Antonio Coutinho Jorge em seu texto Discurso e liame social: apontamentos sobre a teoria lacaniana dos quatro discursos de 2002, explica que o próprio Lacan em seu Seminário 17 (1969-1970) "chama atenção para o fato de que seus quatro discursos recobrem as (três) atividades mencionadas por Freud como sendo, na verdade, profissões impossíveis" (p. 17) isto é, os "discursos se referem fundamentalmente a impossibilidades" (p. 17). Jorge salienta que:

Em seu prefácio à obra Juventude desorientada, de August Aichhorn, escrito em 1925, Freud afirma, pela primeira vez, que havia muito tempo que passara a considerar como seu o chiste sobre os três ofícios impossíveis: educar, curar e governar, ainda que, acrescenta, tivesse se "empenhado sumamente na segunda

dessas tarefas". Posteriormente, retorna essa mesma argumentação naquele que seria um de seus últimos escritos, o ensaio "Análise terminável e interminável", de 1937, ponderando que, quanto a essas três profissões - e aí Freud não fala mais em curar, porém em psicanalisar -, podemos, de antemão, estar seguros de que "chegaremos a resultados insatisfatórios". Desde já, contudo, note-se que Lacan acrescentaria a elas uma quarta impossibilidade, o fazer desejar, relativa ao discurso da histérica, posição discursiva que se distingue das outras três por não constituir uma profissão. E também que indagaria se as demais posições discursivas são, de fato, profissões. (p 17, 18).

Em outras palavras, essa colocação chistosa do poeta, mencionada por Freud, de que haveriam certas profissões impossíveis, sendo elas governar e educar, Freud insere uma terceira, que seria psicanalisar, Lacan retoma essa proposição. Ao retomá-la, estabelece que haveria uma outra: fazer desejar. Em torno desses impossíveis, que Freud chamou de mal-estar, Lacan propõe que se estabelecem laços sociais, esses laços sociais seriam criados a partir de discursos. Ou seja, o mal-estar, o impossível, formaria discursos, que estabeleceriam laços sociais. A teoria psicológica mais básica, a cerca de como se dá o laço social, parte do pressuposto, de que isso ocorre pela via da identificação. Os sujeitos se juntariam, pelo que tem de comum. A teoria dos discursos, parte do oposto disso. Parte do pressuposto, de que os sujeitos se juntariam a partir de seu mal-estar, de seu impossível. Se juntariam como medida para evitar algo, negar isso que causa algum sofrimento, afim de contorná-lo.

O discurso é composto de quatro lugares. Acima, à esquerda, há o agente, complementar a ele, acima, à direita, há o Outro. Na linha inferior, abaixo do outro, à direita, haveria a produção, e paralelo a ela, à esquerda, abaixo do agente, a verdade. Esses quatro lugares manteriam entre si uma ordem e uma certa circulação. De maneira que a partir da verdade, partem vetores em direção a todos os outros componentes do discurso. Mas esses vetores nunca são inversos, nunca chegam vetores a partir dos outros componentes do discurso, em direção à verdade. Isso quer dizer que todo discurso tem sua verdade, uma vez que essa verdade é tocada, transforma-se em outro discurso.

O lugar da verdade, seria o lugar que suportaria o agente, ou o semblante. O agente se relacionaria com o outro e dessa relação seria extraída uma produção. O agente, seria o S1, o lugar do significante-mestre, que inscreve a lei. Por sua característica não dialetizável, possui

poder de comando e maestria. Esse comando é sempre em vista de uma repetição já que sua função é a irrupção do gozo (Lacan, 1969-1970, p. 73). S1, comanda o movimento de incessantemente repeti-lo. Paralelo ao lugar do S1, está S2, como o Outro. S2 representa a cadeia significante, cuja função é atribuir sentido ao S1, mas sempre fracassando. S2 designa também a cadeia de saber que estrutura o inconsciente, como um saber que não se sabe. Saber e Gozo, enquanto cadeia significante, se articulam de maneira peculiar, estando intimamente relacionados.

Logo abaixo de S1, no lugar da verdade, está \$, S barrado. Esse é o sujeito dividido pelo efeito da linguagem, que é concebido como falta-a-ser. É sujeito que é esvaziado de predicados, sendo esse o suporte da experiência do desejo. Ele é refém dos movimentos das representações da cadeia simbólica a partir do deslizamento metonímico constante. E por fim, no lugar da produção, abaixo do Outro, há o objeto a, que pode assumir diferentes maneiras, de acordo com sua posição em cada discurso. O objeto a pode ser pensado ora como causa de desejo e ora como mais-de-gozar. Causa de desejo por ser o objeto perdido durante a operação da castração enquanto lei simbólica. Representando também a falta do Outro como tal e em virtude disso, impulsionando o sujeito no movimento em direção ao seu desejo. E como mais-de-gozar, a medida em que se refere à experiência de gozo que o sujeito perdeu e tenta a todo custo recuperar. Por isso, está vinculado à repetição, ao caráter parcial da satisfação das pulsões e à pulsão de morte. O objeto a, portanto, é a síntese entre o elemento perdido que deriva da entrada do sujeito na linguagem e o impulso ao impossível de recuperá-lo. Ele indica o gozo a menos da estrutura da linguagem e o excedente da repetição na tentativa de recuperação impossível.

Na estrutura dos discursos, a barra aponta para o que está recalcado no discurso, isto é, a verdade. O agente, sendo quem domina o discurso, é também quem nomeia o discurso. Sendo um semblante, sua aparência tem relação com um engano, já que de sua posição, ele desconhece a verdade. O agente também determina a intenção do discurso, como será colocado a seguir, cada discurso tem sua intenção. O Outro, por sua vez, tendo seu lugar acima da barra à direita, define a referência do discurso, a que o discurso se refere. Segundo Lacan (1969-1970), o lugar do Outro refere-se a quem o discurso quer dominar (p. 65). O lugar do Outro, por ser o lugar dominado, deve sempre produzir ou perder algo. O lugar da perda/produção, na estrutura do discurso, estando localizado à direita e abaixo, indica o resto ou produção de cada discurso. Por fim, o lugar da verdade, é fundamentalmente recalcado em cada discurso. Não se pode dizer a verdade completamente e o acesso a ela só é possível por

um semidizer. Essa impossibilidade se coloca por meio da barra de disjunção que separa o produto e a verdade.

Estando expostos os lugares e elementos da estrutura do discurso, se pode partir para uma breve exposição de cada um, para afim de colaborar na hipótese que se deseja discutir. A começar pelo Discurso do Mestre, uma vez que no lugar do agente está S1, isto é, a Lei enquanto dominante, determinando a intenção do discurso que é a de dominar. O lugar do Outro, nesse discurso é ocupado por S2. A verdade que se encontra recalcada é o \$, em sua divisão e falta. O que se quer dominar é a cadeia significante, afim de obter como produção objetos de gozo para o mestre. Já no discurso da histórica, no lugar do agente está \$, o que indica que a intenção do discurso é fazer desejar. Já no lugar do Outro se encontra S1, assim, o que se quer dominar é o mestre, para assim produzir um saber sobre o desejo da histórica. E a verdade que se quer recalcar é o objeto a, para com isso manter o desejo constantemente insatisfeito.

No que se refere ao Discurso da Universidade o lugar dominante é o ocupado por, S2, o saber, o que indica que o ato que se almeja empregar com tal discurso é o de educar. A verdade que se recalca é o S1, o saber. O lugar do Outro é ocupado pelo objeto a, o que se deseja dominar é o gozo para que se possa produzir sua própria divisão e reconhecer sua própria falta. Já no Discurso do Analista, quem domina é o objeto a, indicando um rechaço à posição de mestre. O que indica também, que o que se quer com esse discurso é analisar. A verdade que se encontra recalcada é o S2. E o lugar do Outro à que se refere o discurso e que se quer dominar é o \$, o sujeito, para assim como produção, perder e deixar cair o S1, significante-mestre que estrutura seu sintoma.

Porém, se entre 1968 e 1969, Lacan definia o discurso como o laço social, articulando-o à sua concepção de sujeito. Ele inverte sua própria lógica entre 1971 e 1972 concebendo o discurso capitalista. Seguido, posteriormente pelo discurso do mercado, que está inteiramente a serviço do capitalismo. Para compreender esses dois últimos, a referência será o texto de Néstor Braunstein de 2010 cujo título é O Discurso Capitalista: Quinto Discurso? O Discurso dos Mercados (PST): Sexto Discurso?. Braunstein (2010) informa que foi na Itália em 1972, que Lacan deu a fórmula definitiva de seu novo discurso, o Discurso do Capitalista. Essa fórmula seria uma versão ligeiramente diferente da do Discurso do Mestre. Com intenção de ao mesmo tempo aludir, mas também vetando um novo discurso, à medida em que com ele, subvertia as próprias formulações. O Discurso do Capitalista estaria ligado ao capitalismo liberal e às clássicas teses de Max Weber.

Algum tempo depois, em 1972, em Milão, segundo Braunstein (2010) Lacan abre a possibilidade de pensar em uma fórmula específica de discurso dominante na sociedade pós-industrial do capitalismo tardio. Porém Braunstein (2010) também alerta que da possibilidade do "sexto discurso", é necessário pensar se o que há, não um "quarto discurso mais um". Ao discurso que hoje também se chama Discurso dos Mercados, foi primeiramente nomeado por Lacan como Pesteux, Postcapitaliste, Postindustriel, ou PST, ou somente Ps. Aparentemente, a intenção de Lacan com o nome e as siglas, seria um jogo de palavras, com a palavra peste.

Descrevendo o Discurso do Capitalista, também chamado por Lacan de Discurso do Mestre Moderno, Braunstein (2010), explica que ele se estrutura de uma maneira diferente dos demais. Ele é construído de uma outra maneira. A partir do Discurso do Mestre, é feita uma torção no esquema, na coluna da esquerda. Se no Discurso do Mestre, no lugar do agente havia S1 e no lugar da verdade, havia \$. No Discurso do Capitalista, há o contrário, \$ como agente e S1 como verdade. Paralelamente, no Discurso do Capitalista, há assim como no Discurso do Mestre, o S2 no lugar do Outro e o objeto a, no lugar da produção. Essa torção implica em uma outra forma de produção de discurso. E principalmente implica na condição de que esse discurso não faz laço. Daí ele pode ser pensado como um pseudo discurso. Há um curto-circuito entre sujeito e objeto, sem que se faça laço entre o sujeito e o outro, antes há um rompimento desse laço.

Já sobre o Discurso dos Mercados, com Braunstein (2010), que o que é espécie de dupla torção. A coluna da direita do Discurso do Mestre, que tem como Outro, S2 e produção o objeto a, é invertida. O objeto a, fica acima de S2, mas além dessa torção, há uma torção entre as colunas. A coluna torcida da direita no Discurso do Mestre, ocupa agora a coluna da esquerda. Assim, o objeto a assume lugar de agente, tendo como verdade recalcada S2. E na outra coluna estaria como Outro \$, tendo como produção S1. Esse discurso é caracterizado por um duplo imperativo: produzir e consumir. A grande surpresa, é que esse é exatamente o Discurso do Analista, mas inverso, no sentido que o Discurso dos Mercados, não produz laço.

O que se pode pensar como diferença é que no Discurso do Analista, o agente toma lugar de objeto a, para depor o lugar do mestre, enquanto no Discurso dos Mercados isso ocorre como uma espécie de armadilha, para que quem consome possa preencher esse lugar com os objetos que o próprio mercado oferece e produz. Gerando uma obrigação de produção e de consumo. No lugar da verdade há S2, no Discurso do Analista porque o que se recalca é a cadeia significante, já que ela possibilita metonimicamente, simbolizar algo mais a respeito do sujeito. Já para o Discurso dos Mercados, o que se recalca é o saber produzir dos objetos que

o mercado oferece, propagando o imperativo de produzir e consumir. No lugar do Outro, está \$, no Discurso do Analista, isso assume o sentido de que o discurso se refere ao sujeito na intenção de fazê-lo desejar; porém o Discurso dos Mercados faz o sujeito no lugar do Outro, estar assujeitado ao imperativo de Gozar. Por fim, o lugar da produção ocupado por S1, no Discurso do Analista tem o sentido de destituir o poder do significante-mestre, enquanto para o Discurso dos Mercados, o sentido é justamente o contrário. O que se quer é a produção poderosa de uma lei que possa impelir o sujeito a gozar

O fim de todo esse percurso possibilita pensar e discutir a ideia de que, ainda que Lacan não tenha desenvolvido a estrutura do Discurso de Ódio, talvez seja possível pensar suas aproximações (e quem sabe, também, porque não, diferenças), entre ele e o Discurso dos Mercados. Como no lugar do agente há o objeto a, é possível pensar isso, uma vez que o agente do Discurso de Ódio, ainda que possa atribuir uma ou outra figura a esse posto, ele sempre irá mudar. Muitos podem assumir o lugar do agente do Discurso de Ódio no tempo em que estamos, ainda mais tendo em vista o anonimato que a internet pode proporcionar pela via de perfis fakes em redes sociais, deixando ainda mais verídica a presente suposição. Já no lugar do Outro, ocupado por \$, pode-se pensar que o Discurso de Ódio, sempre se refere a um sujeito, a quem se quer dominar. No lugar da verdade, recalcada, está S2, a cadeia significante, isso porque, no Discurso de Ódio, por seu teor imaginário e real, não há lugar para simbolização. E por fim, como produção há S1, já que o que se almeja com esse discurso é em alguma medida, a restituição de gozo, o afastamento do encontro com a divisão subjetiva e a falta. E finalmente, o que mais se pode notar de semelhança, é que ambos não fazem laço.

Por fim, para além, da estrutura do Discurso de Ódio, correlata à do Discurso dos Mercados, é possível pensá-lo em sua estrutura, uma vez que pobre discursivamente, uma estrutura de ato. O que faz lembrar a passagem ao ato descrita por Lacan como a resposta subjetiva que faz encontrar imaginário e real, semelhantemente ao ódio. Pode-se pensar de tal forma, uma vez que a passagem ao ato, é entendida enquanto uma artimanha de defesa contra a angústia, mas de forma a identificar-se completamente ao lugar de objeto. O ser-de-ódio, como chamou Lacan, quando faz seu Discurso de Ódio está a serviço, pode-se cogitar, do mercado.

O Mercado com seu imperativo para o gozo, implica que cada vez mais os indivíduos suspendam suas diferenças para que assim possam se fazer força de trabalho para produzir, mas que também paralelamente, possa gozar e consumir de maneiras semelhantes. Assim, a identificação entre os indivíduos, devido a seus modos de gozo semelhantes, possibilita que os objetos fornecidos pelo mercado, possam servir para cada vez mais e mais

pessoas. O Discurso de Ódio parece estar a serviço do Mercado por uma razão um tanto ambígua. Tanto para impor a aniquilação da diferença e com isso promover uma defesa contra a falta subjetiva. Como também para que o ser-de-ódio, estando impelido a gozar, possa impelir outros a gozar da mesma maneira.

Não é necessário ir distante na história e no contexto para perceber a procedência dessa hipótese. Pablo Marçal, parece ser um perfeito exemplo. Ele dissemina em suas redes sociais discursos que soam como tragédia para quem houve. Estando completamente identificado com o lugar de objeto e a serviço do mercado, ele vende a própria vida como possibilidade de vida sem falta alguma. Ele goza com isso e impele outros a produzirem e gozarem. Tudo isso "para o bem" de sua audiência, para que ela "destrave seus códigos" e alcance a vida abundante que ele vende que tem. Mas se alguém de sua audiência não alcança essa vida abundante, não a alcança porque não mereceu ou se esforçou o suficiente. Ele pediu doações para colaborar nas tragédias ocorridas no Rio Grande do Sul, mas apenas se utilizou da tragédia para ganhar mais dinheiro. Ele pedia a cada um dos doadores, para que ao fazê-lo preenchessem um formulário, cujas informações eram usadas posteriormente como leads, isto é, informações de contato para posterior venda de seus produtos (cursos e mais). Por mais que não haja uma passagem ao ato propriamente dita, sua fala tem teor trágico como a narração de uma passagem ao ato e a massa de sua audiência, em grande parte é a mesma de 8 de Janeiro de 2023.

Conclusão

O ódio como gozo nas relações de produção na sociedade afeta os laços sociais, uma vez que acabam por destitui-los. Pode-se pensá-lo até como um sintoma da sociedade contemporânea ocidental. Uma vez que cada vez mais o que se encontra é intolerância, tentativa de aniquilação das diferenças, imposição de modos de ser, estar e viver no mundo e inviabilidade de modos de vida alternativos. O tema proposto se torna justificável pelo movimento mundial da cultura ocidental de discursos de ódio, segregação, exclusão e negação das diferenças. Tendo como consequência a produção de um meio social que visa, produtividade, performance e consumo. Tudo se torna produto, inclusive os sujeitos se tornarem produtos, destituindo os laços e vínculos afetivos, formando um contexto social de excesso, de gozo, de mais de gozar.

O imperativo da felicidade, impele a consumir e a se identificar, a aniquilar a diferença. Aliando o mal-estar a uma culpa. O imperativo à felicidade é violento e como Lacan coloca, o ódio aparece também em "querer o bem" do outro. Há violência em culpabilizar o sujeito que quer se haver com seu mal-estar, vivenciá-lo, para ver no que se implica nele e assim atravessa-lo. Empurrar a felicidade goela a baixo no sujeito "para o bem dele" é uma forma de ódio, e isso é feito pela via de fazer o sujeito consumir e ao fim se fazer objeto de consumo. Assim o sujeito adocece, sintomatiza, chega à clínica para dizer de seu mal estar.

Faz-se necessário então, como proposto na pesquisa, pensar o sujeito em sua relação com o campo da alteridade. O sujeito enquanto efeito da linguagem, uma vez que é o sujeito do inconsciente e o inconsciente é estruturado com uma linguagem, é evanescente. É sem substância e só pode ser suposto após sua aparição. Esse sujeito, não se constitui senão em relação e no campo do Outro. Uma vez que o Inconsciente é o discurso do Outro, o sujeito se faz, por receber sua própria mensagem de maneira invertida a partir da posição do Outro.

O ódio comparece como afeto constitutivo desde o principio da relação do sujeito com o campo do Outro. Desde a posição originária de desamparo em que nasce o sujeito, o Outro representa para ele ambigualmente duas coisas. A possibilidade de completude, por ser o Outro o ser que pode amparar o sujeito, mas também a suposição e a promessa de que em algum momento o sujeito pode ser completo. Mas também representa, escancara ao sujeito sua própria falta, uma vez que o Outro supostamente é completo, sabendo se amparar e o sujeito não.

O ódio nasce primeiramente direcionado à figura do Grande Outro e posteriormente vai tomar o rumo de estar direcionado aos outros semelhantes. Fica posto por Lacan, que o ódio é

uma das Paixões humanas, juntamente com a Paixão do Amor e a Paixão da Ignorância. O ódio seria instaurado na encruzilhada entre real e imaginário, o que teria algumas consequências. Talvez a mais proeminente delas é que por se tratar desses registros, a relação possível no campo do ódio, é uma relação estritamente imaginária e narcísica, impossibilitando qualquer tipo de simbolização. O ódio também teria uma relação intrínseca com o amor, uma vez que ambos funcionaria como uma ambivalência.

Enquanto afeto, o Ódio, seria em alguma medida, um representante pulsional o que faz concluir que seu funcionamento seria essencialmente econômico. Assim, haveria ganho de prazer e perda de desprazer no ato do ódio. Assim como a pulsão, o afeto funcionaria como estrutura de circuitos e seria possível sua apreensão apenas quando estivesse aliado a uma representação de palavra.

Discursos seriam formas de laços sociais construídos em volta do mal-estar fruto de certas impossibilidades. O discurso se constituiria enquanto uma tentativa de contornar esses incômodos. Seria assim, não fosse pelo advento das formas brutais do capitalismo no contexto histórico em que se vive hoje. Os discursos vigentes nos tempos atuais não mais formam laços, antes fazem destituí-los. O que se propõe é uma aproximação do Discurso de Ódio e o Discurso dos Mercados devido às inúmeras semelhanças estruturais que se pode pensar entre ambos. Nesse sentido fica a questão referente à real possibilidade de pensar um sujeito do discurso de ódio. Uma vez que o discurso não mais forma laços, ao que parece, o sujeito que comparece no discurso de ódio, é o alvo do discurso, o ser odiado. Quem profere o discurso, é o que Lacan chamou de ser-de-ódio, este é possível pensar que talvez não seja o sujeito. Isso porque, ao proferir o Discurso de Ódio, por estar esse discurso a serviço do mercado, quem o profere, assume totalmente identificação com o lugar de objeto.

A clínica, nesse sentido, aparece, juntamente com a sublimação pela via da arte como uma forma emancipação, promovendo ao sujeito a oportunidade de simbolizar seu sofrimento. Desidentificar-se com o objeto e se ver prescindindo, em alguma medida, do imperativo radical ao gozo. O sujeito recebe sua própria mensagem invertida desde a posição do Outro em análise e assim pode abdicar de uma porção de seu gozo e ficar sabendo de seu desejo, para decidir sustentá-lo. A saída pode ser pensar em educar e emancipar os sujeitos, pela sublimação para a arte, bem como pela análise. Não negando esse afeto, enquanto tal. Mas saber usar seu potencial transformador. O ódio tem um poder transformador e desalienante, a pulsão de morte pode verter em pulsão de criação. Pelo ódio é que se pode também, desalienar-se.

Referências

- Bastos. R. L. (2009) *Psicanálise e Pesquisa: Ciência? Arte? Contraciência?* Rio de Janeiro: E-papers, 2º Edição
- Bernardino. L. M. F. (2022) *A Concepção Lacaniana de Sujeito*. In Laço Org. Teperman. D., Garrafa. T., e Iaconelli. V. (Coleção Parentalidade e Psicanálise) Belo Horizonte: Autêntica. 1º edição
- Bevidas, W., Dunker, C. I. L. e Ravello, T. (2018) Para uma concepção discursiva dos afetos: Lacan e a semiótica tensiva. *Psicologia: Ciência e Profissão* Jan/Mar. 2018 v. 38 n°1, 172-185. <https://doi.org/10.1590/1982-37030004312016>
- Braunstein, N. A. (2010) O Discurso Capitalista: Quinto Discurso? O Discurso dos Mercados (PST): Sexto Discurso? *A peste*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 143-165, jan./jun. 2010
- Brugger. W. (2007) Proibição ou proteção do discurso do ódio?: algumas observações sobre o direito alemão e o americano. *Direito Público*, Porto Alegre, ano 4, n.15, p.117-136.
- Cabas, A. G. (2009) *O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1º edição
- Elia, L. F. (2010) *O Conceito de Sujeito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora
- Fink. B (1956) *O sujeito Lacaniano* (Sette, M. L. D., Trad.) In *O Sujeito Lacaniano; Entre a linguagem e o Gozo*. (pp. 55-71). Rio de Janeiro: Zahar
- Fink. B (1956) *O Sujeito e o Desejo do Outro* (Sette, M. L. D., Trad.) In *O Sujeito Lacaniano; Entre a linguagem e o Gozo*. (pp. 71-93). Rio de Janeiro: Zahar
- Freud, S. (1950[1895]) *Projeto para uma psicologia científica* In *Publicações Pré Psicanalíticas e Esboços Inéditos (1886-1889)* Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Rio de Janeiro: Imago Editora 1996
- Freud, S. (1891) *Sobre a concepção das afasias um estudo crítico*. In *Sobre a concepção das afasias um estudo crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 1º edição (2022)

- Freud. S. (1893-1895) Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Históricos. In Estudos Sobre a Histeria. Vol. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1º edição (2016)
- Freud. S. (1893-1895) A Psicoterapia da Histeria. In Estudos Sobre a Histeria. Vol. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1º edição (2016)
- Freud. S. (1893-1895) A Sexualidade na Etiologia das Neuroses. In Primeiros Escritos Psicanalíticos. Vol 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1º edição (2023)
- Freud. S. (1896) A etiologia da histeria. In Primeiros Escritos Psicanalíticos. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1º edição (2023)
- Freud. S. (1896) A etiologia das neuroses. In Primeiros Escritos Psicanalíticos. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1º edição (2023)
- Freud. S. (1900) A Interpretação dos Sonhos. Vol 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1º edição (2019)
- Freud. S. (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise Fragmentária de Uma Histeria (Caso Dora) e Outros Textos. Vol 6. São Paulo: Companhia das Letras, 1º edição (2016)
- Freud, S. (1912-1913) Totem e Tabu. In Totem e Tabu, Contribuições à história do movimento psicanalítico e outros textos. Vol 11. São Paulo: Companhia das Letras, 1º edição (2012)
- Freud. S. (1914) Introdução ao Narcisismo. In Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e Outros Textos. Vol 12. São Paulo: Companhia das Letras, 1º edição (2010)
- Freud. S. (1915) *Considerações Contemporâneas Sobre a Guerra e a Morte*. In Cultura, Sociedade, Religião: O mal-estar na cultura e outros escritos. Belo Horizonte, Autêntica 1º edição (2021)
- Freud. S. (1915) O Inconsciente. In Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e Outros Textos. Vol 12. São Paulo: Companhia das Letras, 1º edição (2010)

- Freud, S. (1915) As pulsões e seus destinos. In As pulsões e seus destinos, edição bilíngue. Belo Horizonte, Autêntica 1º edição (2021)
- Freud, S. (1919) O Infamiliar in O Infamiliar [das unheimliche] Edição Bilíngue. Belo Horizonte: Autêntica. 1º edição, 2021
- Freud, S. (1919) O Inquietante in História de uma neurose infantil (Homem dos lobos), Além do Princípio do Prazer e outros textos (1917-1920) Obras Completas Vol. 14 São Paulo: Companhia das Letras 1º edição, 2010.
- Freud, S. (1920) Além do Princípio do Prazer. In. História de uma Neurose Infantil, ("O Homem dos Lobos"), Além do Princípio do Prazer e Outros Textos. Vol 14. São Paulo: Companhia das Letras, 1º edição (2010)
- Freud, S. (1921) Psicologia das massas e análise do eu. In Psicologia das massas e análise do eu e outros textos. Vol 15. São Paulo: Companhia das Letras, 1º edição (2011)
- Freud, S. (1923) O Eu e o Id. In O Eu e o Id, "Autobiografia" e Outros Textos. Vol 16. São Paulo: Companhia das Letras, 1º edição (2011)
- Freud, S. (1924) A Dissolução do Complexo de Édipo. In O Eu e o Id, "Autobiografia" e Outros Textos. Vol 16. São Paulo: Companhia das Letras, 1º edição (2011)
- Freud, S. (1925) A Negação. In O Infamiliar [das unheimliche] edição bilíngue. Belo Horizonte, Autêntica 1º edição (2021)
- Freud, S. (1930) O Mal-Estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e Outros Textos. Vol 18. São Paulo: Companhia das Letras, 1º edição (2010)
- Freud, S. (1930). O mal-estar na cultura In Cultura, Sociedade, Religião: O mal-estar na cultura e outros escritos. Belo Horizonte, Autêntica 1º edição (2021)
- Green, A. (1982) O discurso vivo: a conceituação psicanalítica do afeto. Trad. Ruth Joffily Dias. Rev. Tec. Sônia Alberti. Rio de Janeiro: F. Alves
- Hur, D. U. (2022). Transmissão oral em aula da disciplina de Pesquisa e Métodos em Psicologia, PPGP, ufg. 13/06/2022.
- Jakobson, R. (2008) Linguística e comunicação. 23.ed. São Paulo: Cultrix.
- Jorge, M. A. C. (2002) Discurso e liame social: apontamentos sobre a teoria lacaniana dos quatro discursos In Saber, verdade e gozo leituras de O seminário, livro 17, de Jacques Lacan. Rinaldi, D. e Jorge, M. A. C. Orgs. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos
- Lacan, J. (1938) Os complexos familiares na formação do indivíduo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 1º edição, 2003.
- Lacan, J. (1946) Formulações Sobre a Causalidade Psíquica In Escritos (pp. 152-196). Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- Lacan, J. (1949) O Estádio do Espelho como formador da função do Eu. In Escritos (pp. 96-103). Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

- Lacan, J. (1953) *Função e Campo da Fala e da Linguagem*. (Vera Ribeiro Trad.) Schwarcz S. A. (Ed.) In *Escritos* (pp. 238-325). Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- Lacan, J. (1953) O simbólico, o imaginário e o Real (André Telles Trad.) In *Nomes-do-Pai*. (pp. 9-53) Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- Lacan, J. (1953-1954) *Seminário 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar 2º edição (2009)
- Lacan, J. (1954-1955) *O Seminário 2: O eu na Teoria de Freud e na Técnica Psicanalítica*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1986
- Lacan, J. (1955) *Seminário Sobre a Carta Roubada* In *Escritos* (pp. 13-68). Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- Lacan, J. (1955) *A coisa Freudiana* In *Escritos* (pp. 402-437). Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- Lacan, J. (1956) *Situação das Psicanálise em 1956* In *Escritos* (pp. 461- 467). Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- Lacan, J. (1957) *Seminário V: As Formações do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1957) *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- Lacan, J. (1958) *A Significação do Falo* In *Escritos* (pp. 692-703). Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- Lacan, J. (1959-1960) *Seminário 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar 1º edição (1988)
- Lacan, J. (1960) *Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano* In *Escritos* (pp. 807-842). Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- Lacan, J. (1960) *Observação Sobre o Relatório de Daniel Lagache: "Psicanálise e Estrutura da Personalidade"*. In *Escritos* Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J (1960-1961) *Seminário 8: A transferência*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1964) *Seminário XI: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1966) *A ciência e a Verdade* In *Escritos* (pp. 869-892). Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- Lacan, J. (1969) *Nota sobre a criança* In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 1º edição, 2003.
- Lacan, J. (1969-1970) *Seminário XVII: O avesso da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1972-1973) *Seminário XX: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1974-1975) *Seminário XXII: RSI*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1978-1979) *Seminário XXVI: A Topologia e o Tempo*. Rio de Janeiro: Zahar.

- Meyer-Pflug, S. R. (2009) Liberdade de expressão e discurso do ódio. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, p. 271
- Ministério dos direitos humanos e da cidadania. (2024). Governo Federal. Ministério dos direitos humanos e da cidadania, Governo Federal.
<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2024/janeiro/incitacao-a-violencia-contr-a-a-vida-na-internet-lidera-violacoes-de-direitos-humanos-com-mais-de-76-mil-casos-e-m-cinco-anos-aponta-observadh>
- Niskier, F. S. (2006) Sobre o Ódio Interações, vol. XII, núm. 22, julho-dezembro, 2006, pp. 215-229 Universidade São Marcos São Paulo, Brasil
<https://www.redalyc.org/pdf/354/35402210.pdf>
- Ogden, T. H. (1996). Tornar-se um sujeito. In. Os Sujeitos da Psicanálise. São Paulo: Casa do Psicólogo
- Porge, E. (2009) *Um sujeito sem subjetividade*. In Padecer do significante: a questão do sujeito Org Burgarelli, G. Campinas, SP: Mercado de Letras
- Rosa, M. D. (Org). (2016) A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento. São Paulo: Escuta/Fapesp
- SaferLab. (2024). SaferNet. Google Org.
<https://saferlab.org.br/o-que-e-discurso-de-odio/>
- Safatle, V. (2015) O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. Belo Horizonte: Autêntica 1º edição (2021)
- Santos, A. J. (2022). Transmissão oral em aula da disciplina de Pesquisa e Métodos em Psicologia, PPGP, ufg. 15/08/2022.
- Santos, M. A. M. (2016) O discurso de ódio em redes sociais. São Paulo: Lura Editorial 1º edição
- Saussure, F (1957) Curso de Linguística Geral. São Paulo: Cultrix. 28º Edição (2012)
- Teixeira, A. (2021) Posfácio - Neurose, Psicose, Perversão: A implicação do sujeito na nosologia freudiana In Neurose, Psicose, Perversão. Belo Horizonte: Autêntica, 1º edição (2021)
- Winograd, M. (1998) O Cogito. In. Winograd, M. Genealogia do Sujeito. (pp. 21-40) Porto Alegre: Artmed